OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

VI

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—O amor por conquista (comedia)—O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

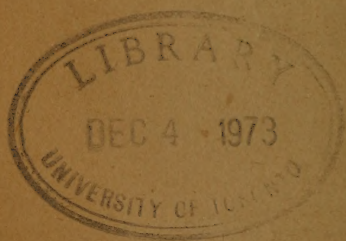
VI

ROMANCES E NOVELLAS — III

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

4.ª EDIÇÃO

VOLUME III

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1907

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

CAPITULO XXII

Um portuguez antigo

D. Pedro II cumpriu a promessa. No dia seguinte ás nove horas da manhan, sua magestade ao sahir da missa passou a dar audiencia na casa do «Estrado» a D. Luiz de Athaide, que o esperava em companhia do marquez de Marialva, gentil-homem da sua camara.

Os dois fidalgos conversavam confidencialmente. O marquez procurava socegar o animo do pae de D. Catharina, em cujas faces animadas se traduzia uma grande agitação.

El-rei entrou na sala bastante abatido. Respondendo á cortezia de D. Luiz com benevolencia insinuava-lhe que o chamára como amigo. Da sua parte o vassallo, tanto tempo desprezado e sujeito ás privações de uma pobreza honrada, mas orgulhosa, reflectia no semblante grave a severidade, que lhe era licito patentear em tal occasião. Os dois protagonistas da scena (porque o marquez sahiu apenas entrou D. Pedro) mediram-se alguns instantes em silencio, preparando-se cada um

d'elles para sustentar dignamente o seu papel.

D. Luiz teria sessenta e seis annos; mas os trabalhos e os desgostos faziam-n'o mais velho. Os cabellos todos brancos, a vivacidade ainda pouco amortecida dos olhos, e a regularidade das feições, davam-lhe um aspecto insinuante e venerando: a voz cheia de firmeza era agradavel; e as maneiras a certo arrojo delicado e cavalheiroso uniam a mais attenciosa urbanidade.

—D. Luiz, estimei esta occasião—disse el-rei—desejava conhecel-o. Porque não o tenho visto?

O fidalgo sorriu-se com amargura, e respondeu, beijando a mão:

—Sou velho, senhor, e os velhos na côrte parecem cousas do outro mundo. Depois desde que me fiz esquecido, ninguem mais se lembrou de mim; por isso entendi que tinha sido prudente retirando-me. Para que havia de enfadar? Já não sirvo.

—Os homens do seu merecimento não esquecem, e a prova é que eu lembrei-me.

—Beijo as mãos de vossa magestade!—replicou o pae de D. Catharina com a mesma dignidade respeitosa. O seu rosto, porém, mostrava que sabia o valor das expressões graciosas de que usam os soberanos para adoçar as injustiças.

— Sabe para que o mandei chamar? — perguntou de repente D. Pedro, olhando para elle.

— Vossa magestade espero que se dignará dizer-m'o. Mas estava determinado a vir, ainda que el-rei me não chamasse.

— Porquê?

— Porque a pobreza é honra, mas a villania não! Vossa magestade podia julgar indignos de premio os insignificantes serviços de um soldado; mas el-rei, que é pae, não pode cobrir de infamia os cabellos brancos de outro pae, nem arrastar a reputação de um nome illustre pelas maledicencias da sua côrte... A honra de minha filha não é só d'ella, é da fidalguia portugueza; e desde hontem o nosso chefe, el-rei, manchou-a para toda a vida! Em Lisboa não se fala senão dos amores do principe real com uma noviça de Santa Clara; e a calumnia, invocando a palavra de vossa magestade, tem a audacia de pôr a bocca em D. Catharina de Athaide!... Senhor, o pae, o chefe da familia sou eu; e pela sua gloria hei de responder aos homens e a Deus. Na casa dos Athaides nunca houve bastardos, nem ha de haver, em quanto D. Luiz fôr vivo. Indaguei a verdade; lancei-me aos pés de sua alteza real, e tenho a sua fé de que tudo é falso, falso! percebe, el-rei?... porque sendo exacto, como a pessoa do principe é sagrada, o meu sangue apagaria a nódoa... Agora peço justiça a vossa magestade; peço reparação! Queixo-me a el-rei da offensa que recebi de D. Pedro II...

O monarcha ouvia-o com bondade. Longe de se affligir, o seu rosto tomava alguma animação, e com mais doçura, do que firmeza, respondeu, pegando-lhe na mão que D. Luiz tractava de retirar:

— Veiu tarde. El-rei já fez justiça!

Apesar da gravidade com que as pronunciou, estas palavras feriram o pae de D. Catha-

rina; em vez de o tranquillizar. Suspeitando que o monarcha declinava a reparação por meio de uma evasiva, o fidalgo irritado fez-se pallido; e com semblante severo e olhos altivos, replicou asperamente:

— Senhor, se ha quarenta annos em Montes Claros soubesse que este seria o premio do meu sangue, a espada ficava na bainha! A corôa de vossa magestade, eu, nòs todos, lh'a pozemos na cabeça; e para nos tractar assim, el-rei de Castella era melhor... Ao menos esse não devia nada!

Ouvindo a phrase orgulhosa, D. Pedro II recuou dois passos. A vista faiscou, e a estatura tornou-se erecta de repente. Lançando ao velho militar um d'esses olhares, que partindo do rei dizem que a sua cólera é a cólera do leão, o principe, contendo-se a custo, disse-lhe severamente:

— D. Luiz esquece, pareceu-me, que está falando ao seu rei! O duque de Bragança não o quero ouvir; mas D. Pedro II, sabendo, é obrigado a castigar.

O antigo soldado era uma alma, que não conhecia o medo. Tão firme na honrosa intrepidez, como o rei na sua força; tão altivo do seu nome, como elle de sua corôa, respondeu com a vista irritada ao olhar ameaçador do monarcha, e a voz, mais alta ainda, proferiu um cartel audacioso, sabendo que lhe podia custar a liberdade.

—El-rei deshonrou a minha espada—exclamou com extrema solemnidade—fez do meu nome, antigo como o de vossa magestade, o ludibrio da côrte, aonde as linguas são mais compridas do que as armas... El-rei falta ao

seu juramento, não guarda os nossos fóros: a coroa não nos cobre, fere-nos! De hoje em deante ficamos quites. Não tornarei a servir a casa de Bragança. A familia dos Athaides, cheia de gloria na Asia, e em toda a parte aonde se deu uma batalha, acabou, porque el-rei de Portugal disse uma calumnia, e é rei... não responde senão a Deus! Ao menos a espada de meus avós não verá esta vergonha; ahi a deixo para castigo dos ingratos que sustentou!

Dizendo isto atirou a espada nua aos pés de D. Pedro; e cruzando os braços exclamou com a cabeça erguida:

—Agora façam do corpo o que quizerem. Póde vossa magestade sepultar-me em uma torre. E' o modo de occultar um borrão nos escudos da fidalguia portugueza.

Attonito do arrojo, o monarcha no primeiro impulso deu com o pé na espada, e afastou-a cheio de ira. Depois, com a mão no punho do florete, dirigiu-se a D. Luiz. Este, sem recuar, nem empallidecer, vendo a sua valente espada pizada aos pés, clamou cortado de amargura:

—O marquez de Marialva fazia mais caso de uma espada! E' verdade que o marquez era um heroe. Senhor!—proseguiu exaltando-se—dava o meu sangue para outra pessoa practicar a acçãode vossa magestade; juro que essa espada não era arrastada pelo chão sem levar comsigo alguem... Louve a Deus, el-rei! Estamos sós... mas a paciencia é maior do que a offensa.

Duas lagrimas escorregaram pelas faces do antigo soldado; sentindo-as queimar, enxugou-as com as costas da mão, e abaixou a cabeça, confuso talvez da primeira fraqueza da sua vida.

O principe tinha tido tempo de reflectir. Convencido de que a sua precipitação em accusar sem provas fôra causa da mágoa que atribulava aquelle coração, compadeceu-se, e admirou o arrojo, o leal orgulho que o levantava contra a magestade da terra, sem outras armas senão a constancia para soffrer.

D. Pedro, como o vimos, sabia apreciar n'estes lances a verdadeira grandeza d'alma; conhecendo o seu logar, percebeu que o rei n'esta occasião, para ser rei, devia ceder e não punir.

Demais, aquellas lagrimas só a agonia podia arrancal-as, porque eram mais do que sangue; pareceu-lhe glorioso enxugal-as, e não traspassar de mais dôres a alma do infeliz. Feitas estas reflexões, a que deu força a lembrança das suas promessas ao padre Ventura, D. Pedro em toda a magestade da sua elevada estatura, foi direito á espada, levantou-a do chão, e chegando-se ao velho fidalgo, metteu-lh'a na bainha, dizendo:

—D. Luiz, guarde essa espada; não é minha; nem sua: é da historia.

A reparação era digna de um monarcha; o pae de Catharina não pôde resistir-lhe. O joelho, antes rebelde, dobrou-se: a voz de firme passou a trémula:

—Senhor!—redarguiu já sem occultar as lagrimas que lhe saltavam dos olhos—é uma espada que perdeu a honra, que nunca mais posso tirar. Não sabe vossa magestade o que todos dizem? Minha filha é a amante do principe D. João!...Sou o pae d'ella, sei que é falso, e não me atrevo a alçar a mão!...O seu unico dote era a boa fama...

—Está el-rei aqui para dizer que está pura, como desejaria a de suas proprias filhas!—interrompeu D. Pedro com dignidade.—Se um erro involuntario offendeu uma familia distincta, sou o primeiro cavalheiro portuguez, e hei de cumprir os deveres que me impõe o sangue. D. Luiz, levante-se! Se me ouvisse tinha sido menos injusto. Tambem sou pae; avalio a sua dor; e admiro o seu caracter... Tudo póde reparar-se, querendo Deus.

—Como, senhor! gritou o desditoso pae, apertando as mãos com angustia.

—Sabe aonde sua filha está a esta hora?

—Em Santa Clara.

—Engana-se. Ha de vir em caminho para casa de Lourenço Telles, commendador de S. Miguel das Minas. Mandei-a tirar do convento por ordem regia, e encarreguei o secretario das mercês de a executar.

—Senhor, senhor!—exclamou D. Luiz deitando-se de joelhos aos pés de el-rei.—Vossa magestade acabou de nos perder! A'manhan a voz geral...

—E' que D. Catharina entra em uma familia tão illustre como a sua!—atalhou el-rei sorrindo—Diga-me: qual é o mal de que se queixa?

—A calumnia nos amores de sua alteza com minha filha!

—E se el-rei hontem recebesse um requerimento, pedindo ordem especial para o casamento de D. Catharina com o veador do principe, o conde de Aveiras, por se amarem extremosamente? E se a causa de sua filha se fazer religiosa sem vocação, e chorando o mun-

do pelo contrario, fosse unicamente o seu respeito e obediencia, quereria seu pae a infelicidade eterna d'ella? Confesse, D. Luiz, sendo isto exacto, não fiz bem passando a ordem, e mandando-a chamar para lhe pedir que permitta o casamento?

Extatico, o antigo fidalgo olhava sem falar. Achava-se em um mundo inteiramente novo. Entretanto o seu orgulho ainda foi bastante para o animar a exprimir uma especie de recusa.

—Sendo exacto—disse elle—e concedendome el-rei a graça de o publicar, estamos salvos, não ha duvida; mas D. Catharina é muito pobre para o conde de Aveiras, e eu muito altivo para acceitar por esmola uma alliança, que deve ser egual a todas os respeitos.

— Sejamos rasoaveis! — observou D. Pedro —A honra primeiro que tudo: mas depois da honra, menos fidalguia, e mais ternura. D. Catharina préza o conde; elle merece-a; o que ha de ser, seja!... Dei a minha palavra; quero illustrar a casa de Aveiras, honrando-a com uma condessa da minha escolha. E' coisa feita, D. Luiz! — accrescentou sorrindo — Sou o padrinho; e as joias e o dote da condessa ficam por conta do meu presente de noivado: mas dentro de poucos dias casam; e hoje publica-se na côrte. Agora falemos dos serviços do pae. Estou informado, e sei que estão por galardoar. D. Luiz, faço-lhe mercê de uma commenda de tres mil cruzados com sobrevivencia no esposo de sua filha. Creio que assim acabaram os seus escruplos?

— Mas resta-me o remorso de conhecer tão tarde o maguanimo coração de el-rei. Senhor!

— exclamou lançando-se aos pés do soberano, e cobrindo-lhe a mão de osculos respeitosos— deixe-me vossa magestade expiar o meu erro no exercito do marquez das Minas. Talvez eu lá não seja tão velho como aqui.

— Não, D. Luiz, na edade em que estamos é preciso descansar. Deixemos colher alguns louros tambem aos moços. Se eu fallecer primeiro — proseguiu com tristeza — lembre-se de mim, e conte alguma vez esta historia aos seus netos. Os reis gostam de ser estimados, mesmo depois de mortos. E' a penitencia que lhe imponho pelo... arrebatamento do seu genio.

— Deus ha de afastar de nós tamanha calamidade — murmurou D. Luiz enternecido.

— Sua alteza real! — disse o marquez de Marialva.

Segundo o costume, D. João vinha saber da saude de seu pae, e offerecer-lhe os seus respeitos. Depois de o abençoar, o monarcha abraçou-o, e virando-se para elle com bondade:

— Vossa alteza — disse el-rei — ha de ter gosto em conhecer um fidalgo dos que estiveram em Montes Claros com o marquez de Marialva. Se deseja saber como foi a derrota dos Castelhanos, pergunte a D, Luiz de Athaide, e elle lh'o dirá. E' um dos poucos que ainda restam de uma das maiores victorias da restauração.

O principe olhou para seu pae, e deu a mão a beijar a D. Luiz. Sua alteza, percebia-se, não podia combinar este agrado repentino com a severidade da noite antecedente. Da sua parte, D. Pedro, desejando evitar explicações, ajuntou logo:

— A informação que tive hontem era falsa; e em prova da minha amizade, saiba vossa alteza que os seus desejos estão satisfeitos. A rogos meus, D. Luiz auctoriza o casamento de D. Catharina de Athaide com o conde de Aveiras, seu veador; determinei ser o padrinha da noiva; e espero que vossa alteza estimará sêl-o tambem do conde.

O principe inclinou-se com respeito. Voltando-se depois para D. Luiz, accrescentou:

— O pae de D. Caaharina pòde estar certo de que o marido de sua filha é digno das graças de sua magestade, e das virtudes dos seus antepassados.

— Obedeço ás ordens de el-rei e de vossa alteza!

— O conde pae está na sala do docel; podem falar ambos.

— Adeus, D. Luiz! — disse el-rei. — Não se esqueça. Em poucos dias faz-se o casamento.

Quando o fidalgo sahiu, D. Pedro pegando na mão do filho com amizade, accrescentou;

— João, teu pae foi severo pelo grande amor que o cega. Ainda subsiste a tua repugnancia a casar na casa de Austria?

— A minha mão não é livre, já o expuz a vossa magestade.

— E se amanhã fosses rei?

— Era o mesmo.

— Deves a honra a alguma dama?

— Devo amor, e não é menos.

— E se te desobrigasse?

— Como a primeira paixão dos principes é o bem do estado, verdade que vossa magestade hontem me deixou gravada, livre a mi-

nha palavra, farei o que mais convier ao esplendor da coroa.

— E até lá?

— Até lá. . nada!

— O nome d'essa dama?

— E' um segredo.

— Para teu pae? — observou D. Pedro, sorrindo.

— Sobre tudo para el-rei! — respondeu o principe com outro sorriso.

— E se o descobrirmos?

— Como não acceito a minha palavra, senão livremente restituida — accudiu sua alteza friamente — é natural que el-rei não descubra nada!

D. Pedro despediu o principe com um gesto, e retirou-se. N'essa tarde chamou os medicos e o seu confessor; e como no dia seguinte não houve audiencia, nem despacho, o povo dizia em voz geral que el-rei adoecêra gravemente.

CAPITULO XXIII

Nem só a rosa é flor

Era ao cair da tarde.

Desmaiava o sol, e descendo entre nuvens rosadas, despedia-se com saudade, dourando os montes, as torres e as grimpas.

O céu tingia-se d'aquelle azul puro e firme, que tanto brilha nos dias de inverno, os mais curtos de todo o anno, quando a natureza respira serena, embora destoucada de flores, sempre risonha na sua formosura meridional.

A luz terna do occaso, declinando no horizonte, dava a tudo aquelles toques cuja melancolia é o enlevo dos poetas e das almas que suspiram.

Ao longe, feia de negrume, vinha rompendo uma nuvem acastellada; abria-se lentamente, e enganando a vista, parecia balouçar-se quasi immovel sobre o cume das montanhas, á espera que o vento a impellisse para o Tejo. As aguas do rio, pouco antes azuladas e quietas, principiavam a empolar-se e a gemer, mosqueando-se em partes, das malhas cinzentas que passavam a cada momento pelo céu. A noite promettia carregar-se das sombras que a suavidade do dia afugentára.

Fôra alegre até alli, como a tarde, a conversação das tres donzellas reunidas no mirante do jardim de Lourenço Telles. Descobria-se alguma coisa da cidade baixa, e cahia para um recanto , escuso e pouco largo, aonde nò muro denegrido se via pregado um devoto painel com sua lampada. Vestido das plantas, que o inverno poupa, o mirante era por dentro uma primavera; e n'esta occasião servia de toucador e de recreio ás filhas de Philippe da Gama e á sua amiga D. Catharina de Athaide.

Em quanto no escriptorio do commendador, o conde de Aveiras, D. Luiz de Athaide, e Lourenço Telles tractavam de apurar os encargos materiaes do matrimonio, as tres meninas, rindo-se e abraçando-se, espaireciam, adivinhando umas ás outras a sina dos seus amores. A miudo o carmim transparente, que sobe do coração e lança um véu de pejo sobre as inquietações da alma, esparzia-lhe as mais

delicadas rosas pelo seio palpitante, pelo collo, e pelo rosto.

A manhan tinha sido cheia para o commendador. E' inutil descrever a sua admiração, recebendo ás dez horas a visita do secretario das mercês e do padre Ventura, portadores da ordem regia para o deposito da noviça em sua casa. Dadas e ouvidas as explicações, o velho erudito, lisongeado interiormente, respondeu que estava á disposição de sua magestade quanto possuia, podendo vir a noiva quando quizesse, na certeza de achar a estimação devida a uma senhora digna dos maiores respeitos.

Os dois emissarios metteram depois a trote o modesto cavallo da sege de Diogo de Mendonça, dirigindo-se a Santa Clara. Entretanto, encostado á bengala, e remoçado pela confiança do soberano, o commendador alvoroçava a familia, dando as ordens para D. Catharina ser tractada com a opulencia que permittiam os seus avultados cabedaes.

A noticia encheu de jubilo a Cecilia, e de curiosidade a Thereza. Magdalena deu tregoas ao rosario, e com as mãos na cabeça, como boa governante, acudiu com diligencia a toda a parte. Entrava de fóra o capitão Philippe, e ficou varado recebendo de seu tio um roteiro minucioso ácerca da continencia das palavras e dos gestos.

Depois de amaldiçoar a côrte e todas as noviças, o capitão tornou a cravar o chapeu de tres ventos na cabeça, e, sepultando as mãos nos bolsos da casaca, partiu direito a S. Domingos, aonde foi achar de cama o padre mestre, seu amigo.

Jeronymo Guerreiro não era homem que se alterasse, ou que ficasse ocioso em casos taes. Despachado em missão extraordinaria, apresentou-se em casa do abbade Silva e declarou-lhe que a sua presença era suspirada por toda a familia na preciosa qualidade de trinchante e de mestre de ceremonias.

D. Catharina chegou uma hora depois do jantar, acompanhada do secretario das mercês, e de duas seculares do mosteiro. Vieram-n'a receber á porta da rua o capitão Jeronymo e o abbade Silva. A' entrada da primeira sala achou Lourenço Telles com as mais vistosas galas, offerecende-lhe o braço cheio de attenção, e conduzindo-a ao canapé entre cortezias e sorrisos. Diogo de Mendonça lavrou então o auto de deposito, e em nome de el-rei entregou-a á guarda e lealdade do commendador de S. Miguel das Minas.

Preenchidas todas as formalidades, o erudito chamou por Magdalena e suas filhas, que já esperavam na casa immediata. Os abraços de Cecilia, a candura de Thereza, e a affabilidade de sua mãe, tranquillizaram a noviça, que vinha na maior confusão de ideias. Passada outra hora, o conde de Aveiras velho, e D. Luiz de Athaide, seu pae, fizeram-lhe uma visita de ceremonia, annunciando que o noivo teria a honra, á noite, de lhe offercecer as joias da parte de sua magestade, que se dignára ser padrinho do casamento.

No fim de tudo isto a pobre menina não podendo já com a oppressão do peito lançou-se nos braços de Cecilia e de sua irman, pedindo alguns momentos para desafogar o espirito livremente.

Desceram todas tres ao jardim, deram umas poucas de voltas em roda dos canteiros, e recolheram-se ao mirante para conversar em liberdade.

Iremos nós tambem, não nos escape o exame de consciencia d'estes corações, que o amor embalava nas azas da esperança.

D. Catharina estava em um banco de relva, meia rocostada no tapete de jasmins e madresilva. De pé, e ao seu lado, tinha Cecilia, unindo o rosto ao d'ella, com a mão pousada no hombro e o corpo fugindo em delicioso desleixo.

Um pouco inclinada para o seio da sua amiga, a educanda, sem querer, mostrava a graça das fórmas e respirava seducção, não procurando fazer-se bella. Pelos beiços finos e vermelhos de coral folgava o riso picante, provocando com a malicia: nos olhos a travessura meiga sabia avivar-se e amortecer, segundo accudiam, ou passavam as côres e as commoções.

Os cabellos ondeavam em soltos anneis, prendendo-se ás vezes nos jasmins; e a caprichosa agora os desenredava com impaciencia, logo deixava fugir as tranças com a aragem, quebrando folhas e flores nas arrebatadas posições.

Entre as da noviça que a decifrava, a sua mão offerecia alegremente as delicadas linhas, cruzando-se em uma palma tão pequena e tão mimosa, que ao mais leve toque se rosava.

Thereza estava sentada no mesmo banco. Mais alta duas linhas, e sem ser tão juvenil como a de sua irman, a estatura d'ella não era menos delicada.

O corpo cedia sem violencia, e prestava-se com requebro ás ondulações desaffectadas, cujo enlevo é o realce das andaluzas.

Menos terna de musculos, as suas fórmas lançavam-se com mais vigor e com a ligeireza e elegancia que avivam o agrado á formosura.

Havia em ambas a mesma nobreza de porte; mas Cecilia nas proporções menineiras juntava os encantos de mulher ás graças infantis, Thereza com uma belleza menos ideal e mais mundana recordava a figura apaixonada de uma virgem hespanhola, das que o pincel aquece de tons amorosos, dourando-as dos raios vivificantes do meio dia.

O semblante da irman de Cecilia não tinha a seriedade um pouco ingleza de Catharina, e menos ainda o realce de mobilidade poetica, que tanto attrahia na educanda. Sobre o oval, e algum tanto cheio, se evitava o molde frio e classico animando-se varias vezes da vida interior, e revelando a alma, nem por isso o espirito sorria a cada instante, ou o affecto illuminava á primeira commoção.

Tinha mais eloquencia e menos vivacidade no olhar. Mas quando o sentimento falava, era tão enlevada a sua vista, e na languida aspiração dizia tanto, que não se ousava respirar antes d'ella, compadecida, esconder de novo a luz fascinadora, baixando o véu das palpebras.

Se ainda não sentia muito, Thereza sentia com a sensibilidade das mulheres, cuja vida é mais de dentro pelo coração, do que de fóra pelos sentidos. Se estava triste, as feições reflectiam a melancolia pensativa, sempre ado-

ravel no rosto das donzellas; se estava alegre, eram tão espirituaes e expressivas, que nada egualava o seu encanto.

A pelle, transparente na finura, deixava entrever o nacar, coroando-a de longe, e indicando apenas as veias como sombras á flor da tez. Levemente deprimidas as fontes de um branco perola, em que esmorecia um rosado tibio, descobriam as linhas azues, cruzando-se delicadamente. As faces, mimosas da frescura avelludada, tão preciosa nas flores, eram pallidas, não da pallidez que se faz terrea e biliosa com as fortes commoções, mas da côr terna do alabastro em que passa um reflexo moreno, quando nasce e desmaia o rubor, refluindo o sangue ao coração.

Nem larga, nem estreita elevava-se a testa suavemente, arredondando-se com graça menineira; e serena quasi sempre, como um espelho, viam-se correr por ellas claras as imagens do pensamento. Quando queria, sabia esquecer-se com um sorriso meio casto, meio esquivo, desabotoado na amorosa bocca em que podiam colher-se os beijos e as rosas. Finalmente, no beiço superior uma ligeira sombra assetinada, apenas perceptivel, dava mais um toque delicioso ás covinhas que se abriam de leve aos cantos, animando a physionomia, quando a bocca menos ciosa deixava admirar o purissimo esmalte dos dentes, verdadeiros fios d'aljofar brilhando entre rubis.

Como era natural e seductor o geito com que se pousava a cabeça sobre o collo, respirando abandono! Como lhe acompanhavam bem o rosto os cabellos assedados e negros; e

brincando a capricho pelas faces com que enlevo destoucavam sobre o seio as tranças indiscretas! Escapando-se e fluctuando em cascatas sobre o penteador de renda, espreguiçavam até aos pés as madeixas desenroladas em um véu, cuja desordem pudica parecia uma travessura graciosa de invisiveis amores suspensos dos seus anneis.

Os olhos de Thereza eram verdes, d'aquelle verde fino e transparente, cujo brilho é magnetico e invencivel. Ha tão poucos, e pedindo podem tanto, que ditosas as damas quando possuem com elles o condão de captivar.

A côr engana. E' cheia de mysterios como o mar. Se o verde nos olhos de esmeralda fosse esperança, o tormento de os adorar fôra menor. Falsos nas promessas, inconstantes na paixão, rindo matam, e serios enlouquecem. Tranquillos, dizem sempre menos, do que escondem; irados cortam o coração com os rigores. E, apezar de tudo, feliz do homem que elles querem illudir, fazendo-o seu captivo!

Ha dissonancias e harmonias raras n'esta côr. Serena revê-se no silencio e no devaneio: é a imagem adoravel da poesia e da solidão. Parece exhalar suspiros da alma, quando meio chorosa a pupilla procura o enlevo dos seus sonhos. Ainda humida de saudade, se a vista pensativa se illumina de repente, e o sentimento dardeja um raio d'entre a chamma quasi extincta, não é como o sol nascente beijando com o primeiro osculo sobre as rosas trementes os orvalhos da aurora? Aquelle verde fino alegra com a sua luz todos os prodigios de uma belleza fascinante.

Como reflecte em mil variações sublimes agora o mimo da planta, logo o avelludado amoroso da peonia, depois o requebro e a frescura esquiva da anemola! E se uma faisca mais forte a incendeia, se passou pelo coração o arido sopro da cólera ou do ciume, como em um momento o brilho se turva, a meiguice se torna altiva, e a doçura se faz orgulho! E' o mar levantado com a ira, saccudindo com as vagas arremessadas o socego em que adormecia! Como então correm por estes olhos, seus eguaes na magestade e no poder, os reflexos voluveis, zebrando a iris inflammada de tons caprichosos, de cambiantes admiraveis! Que belleza até no odio!

A vista de uns olhos verdes, nem é diaphana que descubra os abysmos do coração, nem discreta que os deixe ignorar. Rara vez uma lagrima virá suspender-se no sorriso, que brinca na pupilla; mas se o amor chegar por fim a atear-se n'elles, o sol é pallido ao pé dos fulgores de que sabe dourar o sentimento.

Que segredos de ineffavel ternura não descobre! Que extremos de carinho e sensibilidade não offerece entre as delicias das mudas declarações, mais firmes que os juramentos!

Quem a viu baixar do céu, trazendo na doce luz quanto a paixão e o amor exprimem, sabe se a ventura não foi barata á custa do martyrio!

Como é suave o seu affecto vacillando entre o pejo e os desejos! Como é transparente o véu do pudor não cobrindo, mas revelando entre suspiros as palpitações do peito! Que eloquencia no silencio; que voluptuosidade na timidez! A estes olhos meridionaes em que

brilha, não o verde felino, que é exotico, mas o verde, cujo brilho esplendido reflecte os veios da malaquite, pedindo elles, ousará alguem dizer que não, ou cuidar que lhes resiste? E' o que succedia com Thereza.

As sobrancelhas desenhavam a purissima curva sobre as arcadas: e as palpebras tinham a graça e o requebro, que mostram que a vida ainda não é senão flor. Bastava observar, para conhecer que estavam mimosas do halito das paixões, não se molhando senão de lagrimas innocentes.

Nos olhos um pouco fundos, o claro-escuro da orbita, e as ramosas pestanas, accusavam o branco imperceptivelmente anilado, e faziam sombra á pupilla, esfumando de leve os toques de rosa fina, esmorecidos e não pizados, que os circulavam.

Na vista de Thereza, como seria o amor eloquente! mas no logar d'elle o sentimento dizia tudo o que estremece o coração, quando por sobresaltado, ou por ingenuo, atraiçôa os sonhos que o deleitam. Contemplando aquelles olhos orientaes e rasgados, tão cheios de silencio e de expressão, e notando a innocencia com que umas vezes se entregavam, e a malicia com que outras se desviavam altivos ou ironicos, facil era conhecer que a alma estava isenta ainda, e que as palpebras, ciosas em lhes moderar o fogo, nunca se tinham cerrado, fatigadas pelos osculos do amor.

A mágoa ainda os não pizára tambem. Estava muito longe da sua viveza o cansaço livido, que murcha e queima, aonde pousa, botão ou planta.

O pé de Thereza era estreito e arqueado

como o de Cecilia, as mãos finas e de uma alvura quasi diaphana, e os dedos, de um jaspe córado, com o geito seductor, e a gentileza aristocratica, que não deixa que desejar.

A cintura flexivel e delgada cedia sem esforço, cabendo no mais delicado circulo. O seio debaixo da telilha modelava-se deixando adivinhar os seus thesouros ; e as mangas largas e ornadas de espiguilha descobriam o braço torneado quasi até ao cotovello.

Com o menor gesto desenhava-se o corpo em toda a elegancia, realçando o meneio e o garbo pela naturalidade dos movimentos.

As posições da cabeça, ora meigas e pensativas ora orgulhosas e arrebatadas, dominavam, ou seduziam. Os musculos não tinham nada de seccos ; e a perfeição dos contornos accusava a mulher feita, rica de toda a seiva, mas mimosa d'aquelle melindre que adoça o que ha de firme e arredondado nas fórmas pela suavidade e frescura da carnação, unindo o requebro e a meiguice ás outras graças, para lhes realçar a innocencia.

Raras damas seriam mais airosas no andar; os pés, breves e ligeiros, quasi que não pousavam no chão. Todos os gestos eram dotados de elegancia facil, raro segredo das mulheres seductoras.

Exceptuando Cecilia, ninguem talvez egualava a melodia de sua voz, cuja doçura vibrava dentro da alma. As palavras que proferia, puras como as notas crystallinas de um instrumento, cahiam do ouvido no coração para não esquecerem nunca. A similhança entre as filhas de Philippe da Gama reduzia-se a isto ; mas era tão grande, que em as duas con-

versando, a fala confundia-se, e o ouvinte mais attento não era capaz de as distinguir.

Entre o caracter e a physionomia de Thereza havia toda a analogia. Os olhos que se elevavam ao céu tantas vezes, retratavam a alma, buscando ao longe inquieta as visões da phantasia. Mais velha do que sua irman tres ou quatro annos, e muito mais serena de genio na apparencia, Thereza vivia muito com o seu coração, e quasi nada com o mundo.

Discreta, sabia guardar um segredo, e se o rosto pensativo, córando, trahia repentinas commoções, era prompta em as esconder. Vista de leve não parecia tão animada como a irman; menos jovial, contendo melhor a malicia do sorriso e a viveza dos olhos, quando gracejava, nenhuma bocca parecia mais engraçada.

A tendencia para a melancolia suave projectava-lhe uma sombra no semblante, tornando mais expressiva a vivacidade do espirito, mais elevado do que o nascimento. Mulher nas prendas e na sensibilidade, o seu peito era inexhaurivel na dedicação e no affecto. Mas quem estudasse de perto o geito altivo com que se encrespava o labio superior, e o comparasse ás posições da cabeça, e ao olhar dominador e incisivo, descobriria logo entre as joias de tantas qualidades um espinho, rasteiro ainda, mas que depressa se faz alto—o orgulho!

Eram raras as coisas que pareciam grandes a esta phantasia ardente, que arrebatariam apenas as magnificencias da lampada de Aladino. Em segredo, e accusando-se muitas vezes, escapava-lhe um suspiro, e pungia-a uma

dor vaga: o berço em que nascêra era modesto para a altura das ambições. Como a ave no captiveiro geme saudosa dos soberbos palmares da India, ella quasi chorava a humildade do nascimento no regaço da propria mãe, entre os beijos e caricias do seu amor.

A ternura attrahia-a; o orgulho magoava-a. N'outra esphera (pensava Thereza) a vida não se offuscaria em obscuros deveres, antes surgiria radiosa de adorações e grandezas. Era o germen funesto depositado na confusa inquietação de um coração novo, aberto a todas as illusões, e tão delicado, como generoso em tudo o que não cabia nas vaidades da esperança e do capricho.

Criada desde pequena com sua irmã e com Jeronymo, vira sem inveja desabotoar-se a mimosa belleza d'ella, e applaudira com paixão o arrojo e os distinctos feitos que illustravam o mancebo. Entretanto, se lh'o perguntasse alguma vez, e quizesse a verdade, o seu coração pouco lhe diria dos affectos, dos cuidados e dos ciumes, que avivam as doçuras ineffaveis do amor. Era mais irmã do que noiva.

Amaria outro? Não.

Conservava a tranquillidade d'alma á qual parece tudo frio e indifferente. Mas os olhos, que não suspiravam, mas o sorriso que adormecia, bem deixavam perceber o que seria aquelle coração e aquelle rosto se a calma e a bonança um dia se alterassem com as primeiras agitações do amor.

Na alma de Thereza já havia a lucta e a tentação. Ardendo sobre si mesma, se não amava com a adoração exclusiva das grandes

paixões, alimentava o espirito com o enlevo das miragens da imaginação, procurando no mundo a realidade dos caprichos.

O homem da sua escolha nunca o tinha visto, mas já o conhecia; era o confidente de mais de metade da sua vida, a vida da alma e do sentimento. Acreditava que elle havia de vir e esperava-o, como se espera e deseja a volta do irmão, que mal apercebemos na infancia, e que a ausencia e a saudade enriqueceram de todas as affeições e qualidades.

Não menos firme do que Cecilia, cheia de abnegação e de enthusiasmo, como ella, a sua timidez era mais viril, a sua paixão tão ardente e excessiva. Tinha-lhe Deus concedido a força que nos faz luctar com heroismo, e não nos deixa cahir senão com o ultimo suspiro. Mais perigosa e resoluta, Thereza do seu orgulho colhia aquelle poder que nas mulheres é a origem dos grandes sacrificios, tornando-as admiraveis, quando se levantam soberbas com o amor, ou vingativas e fortes pelo ciume!

A opposição entre a vida moral e a realidade é que inspirava a Thereza a melancolia que lhe notamos. Tudo era ainda problema para ella.

Na immensidade do desejo, e no infinito da ambição, por mais alto que subisse, não encontrára senão trevas e distancia. Na hora em que estamos fôra-lhe impossivel definir as aspirações variaveis da sua alma. Não podia suppor-se infeliz, e apezar d'isso faltava-lhe muito para se dizer ditosa. Possuia o que faz as delicias de uma existencia socegada, e entretanto suspirava; ia ser noiva, e esperava

pelo amor; era já mulher, e sonhava com a infancia: tinha os mimos e ternuras de filha e de amante, e procurava sempre, e mais longe cada dia, a verdadeira chamma do affecto que não sentia!

Queria-se enganar ás vezes, attribuindo os receios, que a entristeciam, aos timidos suspiros do pudor; mas uma voz do fundo d'alma respondia-lhe: se amasses verdadeiramente, as horas seriam seculos para ti até o possuires.

Por isso, tentando distrahir-se, não se offendia das travessuras de Cecilia. Esta, beijando-a, e abraçando-a extremosa, não cessava de a ferir com a malicia das allusões, e o chiste das perguntas, apezar das censuras de Catharina, prompta a estranhar á educanda a mordacidade dos seus gracejos.

CAPITULO XXIV

As Tres Graças

Na posição, em que as deixámos, inclinadas uma para a outra, as tres meninas tinham as mãos unidas; e as suas confidencias, meio sumidas ao ouvido, eram risonhas; e a malicia juvenil de Cecilia, alegrando-as, tingia de escarlate as faces de Thereza e de Catharina.

— A tua prophecia não me tenta — exclamava a educanda. — Antes morrer solteira Rica, sem amor? Olha, o casamento e a mortalha no céu se talha, fala o adagio. O coração diz-me que hei de esperar, mas que no

fim... hei de arrecadar. Não te rias, é assim.

— E Therezinha é do teu parecer? — accudiu Catharina, passando a mão pelo cabello da sua amiga.

— Não sei. Mas quem ri, depressa chora. Deixa estar, mana da minha alma! Um dia me dirás o resto. Veremos se não te fala o coração, e se não lhe perguntas nada! Catharina, li hontem uns versos bonitos, lindos... E, o que é mais raro, verdadeiros. Não julguei que os poetas tivessem juizo... dizem coisas d'elles!

—Posso ouvir, minha alegria?

—Promettes estar séria?

—Farei a diligencia...Não ha outro remedio.

—Então bem! São assim:

> Aquelle tempo que vi,
> Que só posso chamar meu,
> Como sonho se perdeu,
> Como verdade o senti.

—Que dizes agora?

—Que os sonhos mentem!

—Nem sempre. Por signal—accrescentou córando—o meu, se foi sonho, dura ainda, e espero que não acabe tão cedo. Não acreditas?...Má!

—Eu?...Digo só: Deus queira! Mas...

—Esse *mas!*...E's teimosa. Nem vendo te convences...

—De quê, minha joia?...De que sonhas em verso, quando a vida é prosa? Olha, vou responder-te e em verso...

—E' mais galante. São bonitos?

—São verdadeiros; em quanto o amor...
—Engana, aposto?—atalhou Cecilia rindo—Thereza, e tu? Uma noiva formosa e querida tambem se queixará do amor?
—Calo-me. Tenho medo de peior.
—Então! E' divertido! Casa-se um dia d'estes, é amada, é feliz, e não está contente... tem medo de peior! Aonde será o paraizo? Catharina, e os versos?
—Não has de gostar, asseguro-te...
—Não importa, dize!
—Não te queixes depois:

> Aquelle suave engano
> Que um momento me deu,
> Como era sonho em meu damno,
> Como sonho se perdeu!

—E chamas verdade a isso? Será, mas a mentira é mais bonita! Credo! Tu a dizeres tanto mal do amor!...Tenho dó do conde. Não devias falar assim, quando tens nos braços o *teu engano* (assim queres que seja!) e sabes que não é sonho, mas a vida e a ventura! Não digo mais, Deus me livre! E o conto de ainda agora? Aonde ficámos? Espera! Não me lembres...Ah! foi na occasião em que os genios deitaram o principe da Persia adormecido outra vez dentro do seu palacio...
—Pouco falta—observou a noviça.—O principe, acordando, achou os vestidos reaes ao pé de si. D'ahi a momento os camaristas entraram no quarto, conheceram-o, e subiu ao throno...bem ouviste que seu pae tinha morrido de paixão, depois de elle desapparecer.
—Sim. Mas a historia não diz mais nada?—redarguiu a educanda com certo geito provo-

cador na bocca, que exprimia impaciencia.

—Diz: Abu-Beker reinou em Bagdad muitos annos...

—Não é isso o meu cuidado. E Flor dos Corações, estou anciosa, reinou com elle? Por força! Não se amaram sempre, e não morreram muito amigos e muito edosos? A historia não acaba assim?

—Era mais bonita, mas não acaba. O livro conta que Flor dos Corações, como soube que o seu amante era rei, e ella tinha os merecimentos e não o sangue, como não podia ser rainha...

—Não podia! Dir-me-has por que?—gritou arrebatadamente Cecilia.

—Porque as pastoras não são princezas—replicou a noviça, olhando para a sua amiga.

—Então deixou-a, e ella morreu de pena?—accudiu Thereza, dardejando um raio dos olhos inflammados.

—Era mãe, menina; viveu para criar seu filho.

Cecilia tinha a cabeça encostada no hombro de Catharina. Ouvindo isto, afastou-se com impeto, e foi sentar-se de fronte com a face esquecida na mão.

A vista humida e quasi extatica fugia reflectindo enlevo e ternura. Ao mesmo tempo palpitava-lhe tanto o seio, que se via o justilho arfar. A noviça, pensativa como a irmã de Thereza, fitou os olhos n'aquelle rosto de uma pureza rara, e adivinhou todas as saudades do magoado coração. Thereza, tambem, apezar de não perceber o motivo, cravou o olhar cheio de suspensão no semblante de ambas, e elevando-o lentamente acompanhou na lan-

guida aspiração a vista quasi chorosa, que a irmã mais nova levantava ao céu.

Instantes depois, Cecilia, exhalando um suspiro sumido, meio jovial, meio melancolica, virou-se para Catharina, e disse-lhe com volubilidade:

—Que negra historia, minha consolação! Jesus! O principe é um ingrato! Estou contra elle que não pódes imaginar; mal empregado amor de Flor dos Corações! Olha, no caso d'ella não tornava a lembrar-me de tão mau homem... Como sou criança! Lembrava, e mais do que nunca, póde ser. O coração acostuma-se, entretem-se com a saudade, e depois... Mas a elle aborreço-o! Não a trazer a Bagdad, não a fazer sultana? Estás certa de que não ha engano? Os genios não levariam o pastor em logar do principe? Deus me não castigue! mas se me interessei por um ingrato, tenho pena.

—Olha, Cecilia, o livro diz tal e qual eu contei; mas a historia é que ainda não acabou. Escuta! O rei não deixou um dia só de se lembrar de Flor dos Corações; as saudades foram a mais, a mais, a tanto, que adoeceu, e mandou que a procurassem pelo seu imperio com promessa de grandes honras a quem a descobrisse.

—Bem feito! — gritou Cecilia impaciente.

—Mas ninguem dava noticia d'ella; — proseguiu a noiva — e Abu-Beker, triste e encerrado, não fazia senão chorar. Por fim os medicos prognosticaram que a sua morte era infallivel, se Flor dos Corações não apparecesse, e o salvasse!...

—Estimo!—tornou Cecilia com jubilo infantil.

—E Flor dos Corações sabia de el-rei a procurar?—perguntou Thereza, que tinha ouvido attentamente.

—Sabia! Morava em uma casa humilde, mesmo defronte do palacio, com seu filho de sete annos. Todas as manhans, regando de lagrimas um limoeiro que tinha na janella, mandava um beijo e um suspiro ao seu principe, que nunca lhe esquecia...

—Tenho um dó d'ella! Vê que magoa não seria a sua!—proseguiu a educanda muito vermelha.—Catharina não disse mais nada, mas não é preciso: já sei a historia até ao fim. Flor dos Corações salvou-o! Não podia ter animo de o ver morrer. Depois, menina, bem sabes se ella o amava!

—Não ia eu, ainda que soubesse que o matava! Achar a pastora fidalga para a seduzir, e não se atrever a premiar um coração tão fiel na sua desgraça!—Falando assim, a vista de Thereza fuzilava com orgulho.—Quem me desprezasse, morresse embora, não tornavam os meus olhos a abaixar-se para elle!—concluiu severamente.

—Era o pae do teu filho, ias! Era o primeiro, o unico amor da tua vida, tornavas!—replicou Cecilia empallidecendo e inclinando a cabeça.— Therezinha, verás um dia! Estala-se de paixão; os olhos cansam de chorar; é uma dôr da alma que não se explica... mas odio, odio mortal, finge-se, não existe. Não acredites! Mesmo enganada, nenhuma de nós tem animo para chegar ao seu coração, e arrancal-o. O odio, sendo verdadeiro o amor, sabes o no-

me que tem? Chama-se ciume, saudade, afflicção! Tudo o mais, deixa dizer, é falso. Deixa falar; o orgulho mente!

—Estás tão adeantada, Cecilia!—accudiu a irman sorrindo.—Ha dois annos que sou noiva; estimo e amo Jeronymo ... e apezar d'isso vejo que não sei nada.

A educanda, fazendo-se côr de rosa, olhou pensativa para Thereza, cuja serenidade a assustava. Meneando a cabeça depois com tristeza, e pegando-lhe na mão, exclamou:

—Thereza, tambem eu vejo e adivinho! O que sentes, nunca foi amor!... Se duvidas, pergunta a Catharina.

—Como se chama então? redarguiu a irman quasi enfadada.

—Amizade, carinho, tudo, menos amor! Catharina, querida, dize-lhe se o nome do homem que prezamos se ouve sem o coração sobresaltado se comprimir... Dize-lhe, se deixando de o ver, a saudade não é mais forte do que nós, e se estando elle ao pé, o jubilo não chega a ser loucura? Conta-lhe que ausente nunca nos esquece, porque vive dentro da nossa alma, e nos acompanha por toda a parte! Thereza, a alegria e a tristeza, o amor é que as faz! Se o coração nos não pertence!... Catharina, vês aquelles olhos, aquelle sorriso? Repara! Fala da sua paixão, e está de marmore. Põe-lhe a mão no peito; vê o socego! Um dia, querida, se a tua alma se entregar, os cuidados te dirão se hoje tens amor! Por ora sonhas com elle, é o que fazes.

Assustada da exaltação da educanda, Catharina procurou tranquillizal-a, distrahindo

ao mesmo tempo sua irman; mas não era preciso. Thereza não estava alli.

Suspensa, duvidosa, deante do véu das illusões assim rasgado de repente, olhou pela primeira vez para dentro do coração, e com a pallidez do terror, e a si mesma repetiu a pergunta que acabava de ouvir. Era amor, era amizade o seu affecto por Jeronymo? Em presença da verdade adivinhou que se enganava.

A ternura de irman, as affeições da infancia e da criação não se pareciam com o sentimento absoluto que lhe descreviam, e nos sonhos da imaginação confusamente concebia!... Tinha abraçado a nuvem. Inerte e fria a sua alma ainda não amára!

A contar d'este momento a sensibilidade fazia-a desgraçada. Dentro de poucos dias ligava-se para sempre a um homem, cujo amor não sabia, nem podia premiar. Apaixão adormecida havia de arder, quando o mais leve pensamento affectuoso fosse um crime?! Pobre Thereza! A flor de seus annos, a doce flor da vida, dada ao homem que se estima, mas não se quer, ia seccar-se, regada das lagrimas do remorso, entre suspiros e pezares!

Um gemido suffocado revelou a angustia, agitando-lhe o seio, aonde a imagem das suas illusões principiava a avivar-se e a crescer. As palavras de Cecilia, innocentes e indiscretas, tinham patenteado tudo. Meditando sobre a immensidade do sacrificio, percebeu que o ultimo dia de liberdade era o dia do noivado. Depois só lhe restava morrer das agonias de uma dor occulta, ou nos transes de um suicidio lento.

—E' verdade—exclamou, deixando pender a fronte desfallecida.—Fui eu que me enganei! O amor não é isto; por força é mais. Mas dize, Cecilia, confessa-te commigo. Para saberes tanto já amaste, e ainda amas? Não te accuso; é um segredo entre nós. Amas!...Não sei a quem, não pergunto: mas percebe-se nos olhos; vê-se no rosto... quem adora e crê não é a noiva pedida e captiva, é a menina que todos julgamos ligeira de coração!... Possa elle ser digno do teu amor. Antes de prometter, o meu dever era estudar melhor o estado da minha alma; fui credula: assentei que amava; e o coração estava mudo, porque dormia!

—Minha irman!—accudiu Cecilia, apertando-a nos braços—Tem confiança em Deus; dize tudo a nossa mãe...

—Não sabes que a palavra de meu pae é sagrada, e que elle a deu?

—Não importa. Chama Jeronymo, conta-lhe tudo. Queres que o desengane?

—E' tarde!—respondeu Thereza magoada—Agora desprezava-me... e eu morria, se elle me desprezasse. Depois, conheço-o; é capaz de se vingar, ficando na primeira peleja. Deus me livre do sangue de meu segundo irmão a accusar-me.

—Não, não! Tu não pódes ser sua esposa, a doce metade da sua alma, a companhia da sua vida... Thereza, no teu logar eu era mais sincera, mais estouvada! Chegava-me a elle, e falava-lhe assim:—Jeronymo, ser amigos não é amar-se; quero-lhe muito; mas não o amo. Sejamos irmão e irman, já que não podemos ser mais; hei de estimal-o como a Ceci-

lia, á nossa Cecilia! Quer? — Aqui tens o que lhe dizia, e acredita, elle custava-lhe menos agora, do que depois, se conhecer que te fez desgraçada.

Thereza escutava-a recolhida na mais profunda tristeza. N'este ancioso transe a alma media a extensão do infortunio, pesando qual seria maior golpe para o mancebo, se a crueldade d'esta confissão inesperada, se o doloroso supplicio da sua vida, quando descobrisse que só um sacrificio a tinha lançado nos seus braços.

Catharina tambem meditava.

Nas mulheres, cuja organização é delicada como a d'ella, a sensibilidade predomina; os seus bellos olhos azues enchiam-se de lagrimas. A ideia de que o seu mais ditoso dia seria de lucto para outra, era uma ideia insupportavel. Com ar de riso melancolico, a noviça apertando a mão das duas irmans entre as suas, uniu-as ao peito, e disse-lhes com ternura:

— Cecilia, vaes muito longe, menina! Dáme licença, Therezinha; quer um conselho?

— Possa elle salvar-me! — respondeu ella com desalento.

— Experimente! Conhece o estado da sua alma. Sente-se capaz de ser irman extremosa e não tem forças para ser esposa? A verdade é esta, não?

— Oxalá não fosse!

— Antes de tempo não diga nada. A's vezes é só capricho; tenho visto grandes indifferenças acabarem por paixões. O seu coração ainda não falou; se não ama, tambem não aborrece... Esperemos.

—Não, não; sinto que nunca o hei de amar! A imagem que vejo é tão diversa! D. Catharina, o homem que o meu coração deseja, e que deve fazer-me feliz ou desgraçada... não é Jeronymo.

— Para que diz isso? Não ama, por ora, é o que sabe; deixe o mais. Não se fie na imaginação. Olhe, não ha menina galante, um pouco viva e pensativa, que não tenha uma paixão assim, e acredite-me, passado algum tempo, ri-se d'estas loucuras de criança, e com um suspiro despede-se d'ellas, dizendo: o sonho era agradavel, lindo; mas no mundo por força se accorda mais cedo ou mais tarde!!..

— Nem sempre, minha consolação! — atalhou Cecilia. — Ha paixões teimosas.

— Ah, agora tenho-te eu contra! Já me calo! — accudiu a noviça mais alegre. — Em finezas, Deus me livre, não posso competir. O que lhe dizia, Therezinha — proseguiu — tornando-se séria — é que por ora sente, deseja, e está esperando. Quer que lhe repita o que fazia no seu logar?... Pedia um anno, mais um anno de experiencia, para me resolver. Jeronymo é bem nascido, o commendador é razoavel, estimam-a muito, e hão de consentir... Assim, não dá de repente um golpe no coração do seu noivo, nem o illude, concedendo-lhe a mão antes de lhe ter amor, porque eu ateimo que ainda ha de ter ciumes d'elle. Agrada-lhe o conselho?

—E' o unico. Mas falta-me o valor... Jeronymo está contando os minutos, e se lhe digo...

—São coisas que se não ensinam. Conheço-o;

sabe o que menos o póde magoar. Siga uma regra. Ouça o coração; fale-lhe como irman, e verá que ainda se illude... Os caprichos não nos ficam tão mal como os homens dizem. Elle cuida que a convence, ou que a demora é só de dias, e faz-lhe a vontade. Evite maior desgostos. Jeronymo escusa de saber tão depressa que tem uma irman de mais.

—Está decidido!—exclamou Cecilia batendo as palmas—não casas sem eu casar. Vês! Seremos duas noivas bem bonitas, e...

—E o quê, Cecilia?—perguntou Catharina vendo-a calar de repente muito vermelha.

—Nada!—replicou ella confusa—Ainda julgas pouco?... Não quero aqui tristezas. Li n'um conto que, por occasião do casamento de certa princeza, foram convidadas tres fadas e cada uma fez seu brinde. Catharina, eu e Thereza vamos-te fadar. Fórma um desejo, deixa-me acenar com a varinha, e verás...

—Estouvada!

—Que mais?

—Principia por ti!

—Não sou noiva.

—E' por culpa tua.

—Prouvera a Deus! Olha, meu amor, o padre Ventura, que é fino como um coral, disse uma vez á minha vista, que o coração da menina menos esperta tinha mais que estudar do que a livraria do seu convento...

—E o padre Ventura sabe!

—N'estas coisas sei eu mais. Os homens, por muito que trabalhem, em nós não querendo, não adivinham. Estudam de cabeça, lêem mais pelos livros, mas o coração não está nos livros;

e em sentir não se aprende senão pondo cada um o caso em si.

—A que proposito vem isso, minha alegria? —observou Catharina inquieta, e receando alguma travessura.

—A proposito do adagio que diz: não ha rosa sem espinhos. Adivinho o teu desejo como se o estivesse lendo.

—Sim? Porque o não dizes?

—Não te enfadas?

—Enfadar-me!...

—Vê se é verdade! O segredo que os teus olhos, esses olhos que tanto gosto de vêr alegres, estão dizendo a quem os percebe o teu segredo... ha de vir d'alli, e voltar por deante d'este mirante, o resto... não digo. Adivinhei? Se ha meia hora não vivem senão de desejar esses olhos dissimulados!... Não te faças corada, que ficas mais bonita e não me calas. Espera! Agora é o coração. Estou-o d'aqui ouvindo palpitar.

—Louca!—exclamou a amiga com um sorriso.

—Sim; mas ouve. Sabes que tenho ciumes do teu noivo? Se não me ceder esses olhos que são meus, mal nos daremos, protesto! Lembras-te quando os abrias irada e eu os socegava com beijos e abraços?... Ai! Havemos de chorar muito ainda pelo convento, e até pela regente. Parece que lhe estou ouvindo a tosse!...

—Cecilia!—interrompeu Thereza, com os olhos nadando em lagrimas—E o teu segredo?

—Não se diz a quem esconde os seus!... Demais, querida mana, sei o teu desejo; e não o digo, por seres má...

—Nem eu pergunto!
—Se não perguntas, falo!
—Temos loucura nova?
—Sim! As loucuras são minhas! Vou ler-te a *buena dicha.* O teu desejo é saber se em Lisboa ha um homem parecido ao moço esbelto, que nunca viste, mas que esperas encontrar... E o peior é que se os teus olhos o não acharem é o mesmo para Jeronymo... O mal não tem remedio.
—Vamos!—observou Catharina rindo—já fomos duas na berlinda. Paga a prenda. Hei de saber o teu desejo.
—O meu é tal e qual o de uma menina muito formosa e muito minha amiga, que nos está ouvindo. Desejo ver alguem.
—E crês que sim?
—O que te diz o coração?
—Que verei.E o teu?
—Tambem. Não importa; perguntemos a esta flor.
—Um mal-me-quer?
—Um bem-me-quer. Olha, aposto que tiro a sorte, e que me adivinha se estão com saudades minhas?
—Acreditas?...—accudiu Thereza.
—Menina, o amor acredita tudo... A ultima folha ébem-me-quer, vês? Gosto das flores, entendo-as tão bem! Ai, o meu retrato!
E accudindo com a mão ao peito já não pôde segurar uma lamina de ouro, que servia de caixa á miniatura. O retrato cahindo ficou ao pé de Catharina que foi mais depressa com a mão, e não deixou que Cecilia o levantasse. A educanda muito vermelha olhava para a sua amiga com ar de enfado encoberto por um sorriso.

—Ah, sonsinha, até que te apanhei! Já sabemos o teu desejo; vamos a ver se tens bom gosto.

Dizendo isto a noviça ia tocar na mola para fazer saltar a tampa. Cecilia, com o rosto acceso como um lacre, lançou-se nos seus braços para a atalhar. Ao mesmo tempo Thereza pegou-lhe em ambas as mãos, e segurou-a exclamando.

—Estás presa!

—Deixa-me! Não quero!

—Se é segredo, fecho já—observou D. Catharina muito séria.

—Pódes vêr; mas agora não.

—Agora sim!—atalhou Thereza—Não chores, meu amor; somos ambas de segredo. E' bonito?

—Não te importe!...

—Olha, Cecilia—disse a noviça rindo—não ha remedio. O retrato tem de ver-se. Queres mostral-o tu?...

—Dás-me tambem o retrato do conde?

—Aqui está. Faço-te as vontades.

Cecilia, em quanto a noviça tirava do seio a medalha do conde de Aveiras, patenteou a miniatura, que o seu amante lhe dera no convento; e lançando logo os olhos com anciedade para a outra figura, comparou as feições, e fugiu-lhe pelos cantos da bocca aquelle sorriso disfarçado, que a melhor amiga não perdoa á outra no seu orgulho. Effectivamente o rosto do mancebo era mais nobre e gentil que o do conde, e na fina pintura realçava corado de animação, como no momento em que aos seus pés protestára amal-a sempre.

Da sua parte, D. Catharina, apenas a caixa

se abriu, e deixou ver o retrato, fez-se pallida, estremeceu, e escapou-lhe um suspiro. Contendo-se a custo, levantou os olhos ao céu, foi direita a Cecilia, e apertando-a extremosamente, pousou-lhe na testa um beijo tremulo como a sua alma, assustado como o coração, que a sua amiga sentia bater tão rapido, que parecia querer-lhe estalar o peito.

Attonita da allucinação, que descobria na vista de Catharina, e reparando depois na pallidez das faces, e no tremor dos labios, a educanda recuou perguntando:

—Catharina, assustas-me?! Jesus! O que tem esse retrato?

—E' d'elle?! E' do teu amante?

—Deu-m'o em Santa Clara.

—E não sabes como se chama?... Ainda te não disse quem era?

—Disse. Chama-se D. João de Villa Viçosa.

—Mais nada?!...—insistiu a noviça com extrema agitação.

—Que mais? Não é bonito o seu nome? Não achas a figura do teu gosto?—responde Cecilia meio enfadada.

Catharina calou-se, apertou as mãos com ancia, e deixou-se cahir quasi desfallecida nos braços de Thereza, que accudiu a amparal-a. As duas irmãs viram a noviça inclinar a cabeça, suffocar-se, e logo depois em fio as lagrimas correrem-lhe pelas faces.

—O que tens, o que te fiz, meu amor?—exclamou a educanda, passando-lhe o braço ao redor do collo, e unindo a sua bocca á d'ella, cujos suspiros apagava com beijos extremosos.

Depois sentada no seu regaço com o mi-

moso carinho, que n'ella era um attractivo irresistivel, accrescentou:

—Se te offendi, perdoa.

— Ah, Cecilia, eu bem o temia!... Esse retrato sabes o que é?

— Porque me assustas?

— E' a morte, é a desesperação, se não morreres.

— O retrato d'elle?!

— Esse mancebo.. juro-te pela minha alma, que não póde ser teu esposo!

— Se não soubesse, Catharina, dizia que tinhas ciumes! — gritou a educanda saltando para fóra do seu collo abrazada em ira.

— Dize o que quizeres. Acreditas que sou tua amiga? Crês que a tua felicidade a desejo tanto, ou mais do que a minha propria?

— Sim! — respondeu ella pasmada.

— Farás por amor de mim um sacrificio?

— Todos!

— Promettes não tornar a vel-o antes de passarem nove dias?

— E' impossivel! Não sabes que vem logo... que o espero? Não me dizes nada, e queres!... Catharina, em nome do céu, é casado?

— Não.

— E' fidalgo?..,

— Muito.

— Então?

— Menina, mesmo solteiro é como se fosse casado. Põe na tua ideia que o amas, mas que está morto.

— Fazes-me viuva sem ser esposa?

— Não perguntes! Salva-te; foge! Ainda é tempo.

Thereza, entretanto, olhava para o retrato

do conde de Aveiras, e não podia tirar os olhos d'elle. A pouco e pouco um rosado vivo subiu do seio ao collo e do collo esparziu-se pelo rosto. A vista, em torrentes suaves, distillava meiguice e ternura; os beiços entreabertos e anhelantes tremiam com os suspiros, como as folhas á róda d'ella com a aragem.

— Está fiel a copia? — balbuciou com a vista fita no retrato — Este cavalheiro é parecido ao original!

— Tão parecido, Therezinha, que se eu fosse de ciume não o mostrava. Qual acha melhor? — accrescentou approximando as duas miniaturas,

— Aquelle tem mais presença, talvez será de mais figura; mas este, que olhos insinuantes! que feições nobres! ... D. Catharina, a dama a quem elle jurar amor será de certo a mais feliz de todas mulheres.

— Não o nego, e dou a Deus infinitas graças.

— E' tão moço como o retrato?

— Dous annos mais velho do que eu. Sabe, Therezinha, começo a desconfiar!... — accudiu ella rindo e abraçando-a — Quer-me roubar o meu noivo e metter-me no convento outra vez? O conde será o heroe da sua paixão occulta?

Thereza fez-se pallida, e depois vermelha. Ao mesmo tempo a noviça, beijando-a affectuosamente, guardava o retrato, sorrindo e dizendo:

— Jeronymo tambem é gentil. Deixemos correr o tempo; ainda hei de vel-os muito namorados.

—Nunca!...—murmurou a irman de Cecilia, cuja vista se obscureceu.

—O conde vem logo?—perguntou Cecilia.

—Porque?... Bem digo eu; todas o querem.

—Olhem dois cavalleiros que alli vem!—gritou de repente a educanda.

—E' verdade!—exclamou Thereza.

E e as tres meninas, com os braços enlaçados, a cabeça inclinada sobre o hombro, e o corpo debruçado pela janella do mirante, eram as tres Graças em um grupo arrebatador.

Apenas se approximaram os cavalleiros, Thereza fez-se branca e encostou-se ao braço da noviça. A vista corria adeante d'ella, e o coração batia apressado. Decorridos instantes, a irman de Cecilia, fazendo um esforço, disse:

—D. Catharina, ou o seu retrato é falso, ou aquelle da esquerda é o conde de Aveiras.

—Cecilia—atalhou a noiva ao mesmo tempo—o cavalleiro da direita é a figura da tua caixa!

Nenhuma podia falar. Estavam anhelantes, timidas e vermelhas como tres rosas. Elles viram-as, pararam um momento debaixo da janella, e em um sorriso, em um só lance de olhos, cada um enviou á sua dama as saudades e o amor que tinha no coração.

—Sabes porque elle vem com o conde, e á direita?—perguntou Cecilia, pensativa, a D. Catharina.

—São muito amigos, segundo vejo. E tu fazes-me o que eu pedi?—insistiu esta, cujo semblante tornou a carregar-se de tristeza.

—Olha, Catharina, ditosa, ou infeliz, é a minha sina. Deixa-me viver, ou morrer com ella.

—Cecilia! O que será se um dia a illusão passar, e conheceres o que perdeste e o que merecias?...

—N'esse dia tenho uma amiga e uma irman para me consolarem, e esses braços affectuosos para me amparar com elles. Deixa-me enganar, se é engano! Se soubesses o amor que lhe tenho!

—Vai anoitecendo. Queres que entremos para casa?

—São horas. Thereza, ficas?

—Vou já.

E as duas, uma pelo braço da outra, recolheram-se pela rua principal do jardim.

Thereza ainda se demorou um pouco. Sentia no peito tanta oppressão, e uma saudade tão viva na alma, que não a sabia explicar. Desde que vira o retrato, sobre tudo depois de apparecer o conde, esquecia-se a miudo pensando n'elle. Se voltava atraz a vista, e reflectia no amor de Jeronymo, no laço que os devia unir, esfriava-lhe o coração, e as lagrimas como perolas liquidas tremiam-lhe nas palpebras desfallecidas. Sabia agora quanto é doce a liberdade!

Assentou-se abysmada nas suas reflexões. Em um momento o pensamento, ardendo com as recordações, correu no vôo impetuoso os quadros risonhos, os dias innocentes da passada existencia. As esperanças, as illusões, e os desejos de uma donzella, cujo sentimento é melindroso como a sensitiva, passaram-lhe uns após outros pela ideia e fugindo cravaram mais uma saudade n'aquelle peito, em que já tudo era confusão e desassocego.

—Porque não é Jeronymo como o conde?—

exclamou pondo no chão os bellos olhos lacrimosos.

D'ahi, fazendo um esforço levantou-se, e com passos tremulos seguiu pela rua do jardim, que ia ter a casa. Andava de vagar, e a cabeça pendida e a vista inclinada, diziam mais no seu silencio do que ella propria ousaria confessar. Thereza tinha medo, porque via claro dentro do coração.

—Catharina é bem feliz!—proseguiu suavemente.—Ama, e é amada! O homem escolhido por ella não virá illudir-se nos seus braços... Adora-o... Não faria eu o mesmo? A fortuna é assim; dá tudo a uns... Oh, a minha alma, a minha vida!... Que fiz eu a Deus para merecer este castigo?—E desatou n'aquelle pranto espontaneo e quasi infantil, que rebenta sem custo, quando a alma ainda está mimosa, e começa a chorar com os primeiros desenganos.

Pobre Thereza! No momento em que suspiravas os teus queixumes, o conde de Aveiras na sala, e quasi ajoelhado aos pés de Catharina, pousava-lhe na mão aquelle beijo tão longo e sofrego, em que se sacia o affecto dos amantes. Se ella os visse assim radiosos, talvez que a sua dôr se exacerbasse! Não viu. Recolhida no seu quarto, chorou algumas horas sem testemunhas: e quando appareceu, já o conde tinha sahido. O rosto da irman de Cecilia, desmaiado e abatido, assustou as suas amigas pela dolorosa pallidez. Parecia ter golphado com o pranto todo o sangue do coração.

A educanda e Catharina attribuiram a alteração á sua indifferença por Jeronymo, e

tentaram reanimal-a. No meio de um sorriso cheio de suavidade resignada, mas inconsolavel, Thereza respondeu-lhe:

—Não é nada! Estou melhor... Reflecti; Jeronymo... se o não amo, hei de vir a amal-o. Resolvi-me! Ainda espero ser feliz.

A mágoa com que disse estas palavras era tão clara, que as duas amigas sentiram os olhos humidos e o coração coberto de tristeza. E' que percebiam no fundo do calix o veneno das grandes dores. Thereza, depois d'isto com o rosto entre as mãos, nem falava, nem levantava a vista. Dentro da sua alma ardia aquelle fogo cruel que o tempo aviva, e depois converte em incendio. Por ora o que padecia era apenas a saudade do que deixava. O desejo vago, a aspiração inquieta, que lhe ennublava a ideia fazendo-lhe tremer e desmaiar o coração.

—Não, não!—exclamou por fim, pondo-se de pé subitamente.—Não posso!... E' a minha vida, a vida inteira que estou matando!... Catharina, Cecilia! Deus não ha de querer que me sepulte na flor da edade, e a cada hora beba a peçonha, e ria quando a dôr é insupportavel!... Jeronymo póde consolar-se; ámanhan... um dia d'estes confesso-lhe... digo-lhe... que não é possivel.

Pasmadas beijaram-lhe ambas a face branca de jaspe, e os beiços aonde queimava o sopro das tempestades intimas. Catharina, compassiva e cheia de meiguice, não pôde suster as lagrimas, e no meio d'ellas é que lhe respondeu:

—Olhe, Therezinha, no seu logar, eu não me affligia. Ha remedio para tudo, console-se!

—Menos para o que eu sinto... menos para o que eu temo!—respondeu ella tristemente.

—Deixa estar, todas tres havemos de ser felizes—exclamou Cecilia, enlaçando-a nos braços.

—Olha, Cecilia, tu sim, e Catharina. Eu!... diz-me o coração, que a minha felicidade não póde ser n'este mundo! Não tenham receio. Isto ha de passar... já passou... sinto o coração fraco; mas o espirito... o vencerá.

O resto da noite correu em doloroso silencio.

CAPITULO XXV

Sobre queda couce

Philippe da Gama não podia consolar-se.

Desorientado pela revolução que ia em casa do tio sabio, e coacto nas prerogativas de portuguez pé de boi, e amigo de chamar as coisas pelos seus nomes, arrepellava as bambinellas da cabelleira, e fazia marinhar da sobrancelha para a nuca o portentoso chapéu de tres quinas, reduzido á ultima extremidade pelas violencias de que era victima. No auge da sua dôr, o capitão julgava-se infeliz por não ter alli mais do que um chapéu, e por lhe faltar a veneravel pessoa do sapientissimo abbade Silva, causa de todos os seus desgostos. Era a elle que o Sindbad portuguez fustigava em effigie, punindo implacavel no inoffensivo casquete as offensas do erudito.

Apenas Lourenço Telles lhe fez a recom-

mendação que ouvimos, o capitão investiu logo pela escada sem dar os bons dias a ninguem, partindo como um raio direito a S. Domingos, a fim de depositar no seio do amigo padre mestre o absyntho das suas mágoas. Estar a vêr deante de si o abbade, acastellado na gravidade insolente, e não ser senhor de lhe remetter dois ou tres chascos, de o servir ao menos de algumas duzias de piparotes moraes!?... Que tyrannia!

Obrigado a medir os gestos e as palavras, elle, homem velho e pae de filhas mulheres!?... Que lhe importava que uma freira namorada sahisse do convento, ou entrasse para elle; que a pedisse um conde, ou que a mettesse el-rei em casa alheia, tendo tantas suas? Porque havia de pagar elle por todos? Se o abbade era indispensavel á mesa para fazer as exequias culinarias ao cadaver de um perú, ou na sala de visitas para imitar as momices almiscaradas da côrte, afogassem-n'o em licores, banhassem-n'o em aguas da rainha de Hungria, mas não pozessem a seus pés, e de mordaça na bocca, um homem sincero e incapaz de o aturar calado.

Taes eram as reflexões de Philippe pelo caminho. Parece inutil accrescentar que todas terminavam em grosas de estupendas blasphemias contra o erudito investigador das bexigas doudas. No seu odio, o capitão jurava pagar-se de todas as amarguras nas innocentes costellas do mestre de ceremonias de seu tio!

Chegado ao convento, o nosso amigo Philippe enfiou pela portaria como um pé de vento; subiu tres a tres os degraus da escada; vi-

rou para o dormitorio novo; e com um encontrão valente na porta da cella de frei João livrou-se da canceira de bater, e da impertinencia de estar esperando.

Como vimos no penultimo capitulo, sua reverendissima achava-se de cama, com uma inflammação de garganta, capitulada de angina aguda pelo douto assistente; mas a exactidão manda accrescentar ainda que o procurador estava doente de uma queda desastrosa de amor proprio, e não da molestia que enrugava a testa do facultativo do convento.

Philippe ia tão allucinado, que ao passar pelo doutor fugiu d'elle como se fosse do demonio, e não lhe fez nem uma cruz! O medico, especie de esqueleto collado em pergaminho, e amortalhado em trajos funebres, arredou-se do furacão, encolhendo os hombros, e teve o cuidado de fechar a porta. Atravessando de raspão a casa aonde escrevia o frade, o nosso heroe cahiu logo sobre duas victimas.

Ao escrevente assentou-lhe o tacão do sapato em cheio sobre um pé e espalmou-lh'o. Ao senhor Thomé, cujo focinho assomava á porta do quarto com uma chavena de gargarejo na mão, metteu-lhe o cotovello pelo estomago, e por pouco o não crava no alisar da porta como um sapo. O escrevente, com o pé no ar e as lagrimas nos olhos, deixou cahir a garrafa da tinta, e poz de luto um bacamarte theologico. O milagreiro embuchado abriu a bocca e os dedos ao mesmo tempo, e regalou um do immensos joanetes com a tisana dulcificante, destinada aos gorgomilos do prégador.

Tendo aplanado assim a estrada, o capitão arremetteu com o quarto, abriu a janella, que

estava cerrada para a claridade não dar na vista ao doente, e assentando-lhe na barriga da perna, carregada de sinapismos, uma palmada sonora, berrou como do meio da rua:

—Ah, mandrião! Upa! Acaso são isto horas de estar no quente?

Dormitava o frade, quando cahiu sobra elle de repente o raio. Mal entreabria os olhos, sobresaltado, um clarão de luz cegou-lh'os. Ia ageitar-se para confundir o importuno com uma severa reprimenda, eis que lhe bate de chapa sobre o caustico a palmada do seu honrado amigo. O grito furioso do enfermo encontrou-se no ar com a apostrophe do capitão sobre a preguiça. Encararam-se depois mudos ambos por alguns instantes. Frei João escudando a perna contra o novo ultra e; Philippe fazendo o inventario dos vidros e garrafas de todos os formatos, que povoavam o bufete e o velador do procurador theologo.

D'ahi, apezar da molestia em um, e da quezilia no outro, os dois desataram a rir da figura que estavam fazendo.

—Quem te poz á cabeça essa saladeira?—disse o procurador.

—Mudaste a adega para o quarto?—gritou o capitão.

—A culpa é do patife do abbade!

—Foi o maldito boticario!

—O abbade faz cassarollas?

—O boticario vende vinho?

—Não vês que estou doente?

—Não reparas que venho impando?

Tornaram a calar-se. Philippe tirou o chapéu, e reconheceu que o tinha reduzido a uma pasta quasi informe, que só a muito favor do

frade se elevava ás honras de saladeira; frei João, sepultado até aos olhos em um barrete branco de apagador, com o pescoço enchumaçado de pannos quentes, sentia arder a perna, e estorcia-se, como se lh'a queimassem a fogo lento.

Procurando em todo o quarto uma cadeira inutilmente, o capitão mediu com os olhos a cama, addicionou em calculo mental o seu peso especifico, descontou a sua elasticidade nautica, e formou o pulo para cahir sentado em cima d'ella. Sem lhe poder valer, o pobre frei João vendo-o vir já pelo ar, fechou os olhos e invocou o auxilio divino. Pareceu-lhe, depois, que ouviu um terremoto. A cama gemeu desconjuntada; os vidros traquinaram no bufete; e o corpo de Philippe com as suas quatro e meia a cinco arrobas bateu-lhe em cima de pancada; por cumulo de infortunios agarrou-se-lhe aos pés para manter o equilibrio.

—Fóra, alarve!—vociferou o frade, levando os joelhos á bocca na sua exasperação.

—Sempre te digo que subir a esta cama é peior do que subir ao céu sem escada!—observava ao mesmo tempo o capitão, conchegando-se com suprema serenidade.

—Isto é cem vezes penar no purgatorio! —exclamava o padre sentado na cama coberto de suores. Ao mesmo tempo expellia o usurpador amiudando os pontapés.

— Para que estás n'esse batuque, frei João? Olha que isto não é de ferro — dizia Philippe. — A ti dóe-te alguma coisa? Queres que me chegue mais?...

— Nada, nada! Pelo amor de Deus! Não te chegues...

— Vê lá?...

— Tenho visto e sentido por meus peccados...

— Estás bem melindroso! Aposto que não te deram de almoçar?

— Almoçar?

— Sim, homem, então!? E mais eu, que estou capaz de engulir uma tainha crua...

—Philippe, fazes-me um favor?...

— Dois!

— Era melhor ires para o chão!...

— Nego, padre mestre. Aqui, estou sentado, e na casa fico de pé.

— Mas eu é que já não posso... — disse o procurador em ancias.

— Estás muito delicado! Que demonio! Deram-te quebranto? Acho-te celebre. Levaste grande sova por força, frei João!

— Por meus peccados! — suspirou o dominico, lembrando-se do seu desastre.

— E não me dizias nada? Quem te fez a caridade?

— Tu, excommungado! — clamou o padre, vendo as estrellas com segunda palmada do capitão na mesma perna, victima da antecedente.

— Ora adeus!

— Tu! — proseguiu o religioso exacerbado — Da primeira vez tiraste-me a pelle, da segunda fazes-me os pés n'um mólho; e não contente, agora, uf! da terceira mettes-me no caixão. Deus te pague.

— Pois olha, mais leve do que eu, ninguem!

— Só uma torre. Viraste-me os sinapismos. Sinto-os no peito do pé e nas canellas...

— Estás de sinapismos e calas-te?... Aposto que se te metteu em cabeça que tinhas gosma? Se não venho cá, ficas na cama, e não almoças. Fóra d'ahi! Upa! E' pôr ao fresco! Eu te curo, deixa estar.

— Quem me livra d'este inferno! — gritou o frade exasperado — Vês-me n'este estado, e perguntas se estou doente? Olha para alli, homem, aquillo são remedios! Repara n'este pescoço, alarve, isto são unturas! Tenho uma angina aguda, e por tua causa um garrotilho... Queres mais?

— Oh lé! Isso é outro caso. Dás-me de almoçar? Olha, eu estou são como um pero. Sempre cuidei que as garrafas eram de vinho, e que tudo isso era preguiça...

— E' que tu és um lince!

—Obrigado, frei João. Estás capaz de engulir a gente!

—Um Lazaro é que eu estou, por tua causa!

—Nada de gritos, sentido com o garrotilho!

—A boas horas! Mas que peccado atirou comtigo aqui?

—Que queres? historias do abbade...Puzeram-me na rua, frei João!

—Valha-te Deus! Vê se estará ahi fóra o Thomé com o gargarejo. Sinto a garganta em braza.

—Aqui estou, reverendissimo— accudiu o lictor sacro, desenroscando-se á entrada da porta, d'onde escutava por entreter o tempo.

—Dê cá. Acho-me peior!

—O quê, senhor padre mestre?

—O gargarejo, idiota, o gargarejo!

—O gargarejo, valha-nos a Virgem Purissima!... O senhor capitão quebrou a chavena.

—E' falso. Não quebrei nada. Elle é que a deixou cahir...

—Não se lembra de me entalar na porta?

—Sim, mas foi a vossa mercê, não foi á chicara.

—O caso é que o remedio foi-se!—disse o padre com um suspiro.—Peço-te encarecidamente, Philippe...

—Outro gargarejo? Prompto! O que tu precisas é um escaldão de agua a ferver e pimenta moida: é heroico. Sei o que digo.

—Muito menos! Preciso que vás dar um passeio...

—Até onde?... Espera; a que horas jantas?

O procurador esgazeou os olhos, attonito com a pergunta.

—Eu não janto, homem!—replicou tremulo de colera.

—Fazes mal; pois eu sim. Conta commigo. Ao meio dia em ponto era a tua hora do costume. Nada de acepipes. Uma perdiz, duas empadas de rôlas gordinhas...

—Um dardo, um demonio!—vociferou o procurador com impeto.—O selvagem vê-me ás portas da morte, e diverte-se a picar-me com alfinetes!... Queres morcela de Arouca, pasteis de Santa Clara, e bolos de Evora? Sem ceremonia! Chegaste em occasião propria.

A ironia arrebatou o capitão, cuja simplicidade tomava tudo a serio, ou como é mais provavel, que fingia enganar-se para não se dar por advertido. Saltando do leito a baixo, correu á cabeceira, e abriu os braços, queren-

do apertar extremosamente a frei João n'elles, e dizendo-lhe:

—Falta só o vinho, e a orelha de porco assada, aquella orelhinha que nós sabemos. Demais, o teu beliche é largo, chega para dois. Os garrotilhos não se pegam.

A' palavra garrotilho, o dominico que já se espavoria com as disposições estrategicas do aboletamento, arripiou-se, e sentiu ameaços de uma convulsão nervosa. Pareceu-lhe que se lhe tapava mais a garganta, e que a respiração principiava a suffocar-se. A ira e o medo deram ainda mais veneno ás suas ironias.

— Os garrotilhos não se pegam, matam; é verdade. Visto isso vens disposto a passar por cá uns tempos? Tenho-te de cama e meza?...

— Dois, tres, quatro dias! E' mais um enfermeiro de graça que Deus te manda. Frei João, não posso parar em casa; refugio-me na tua cella como aquelle heroe de Roma, que o padre Vicente dizia, o Carolano, Crialino, ou. . como demonio era o nome d'elle, has de saber? Um que veiu com os Valeques depois e queria dar pontapés na patria?...

— Volscos, selvagem!

— Isso mesmo. E' uma patifaria do seresma do abbade; mas não tem duvida; esta bengala fará justiça do morcego, mais certo do que o teu garrotilho... Até logo. Não esqueça a orelhita de porco, e o vinho do Porto. Adeus. Saude e frio para enrijar!

— Thomé, prohibo-lhe que torne a abrir a porta ao capitão! — gritou o frade, apenas Philippe sahiu. A segunda allusão ao garro-

tilho tinha-o fulminado. — Faça o que lhe mando se me não quer vêr morto. Chamem o medico. Aquelle demonio foi a tumba que entrou aqui.

— Mas o senhor capitão nunca espera... — observou Thomé compungido,

— Ponha-o fóra.

— E se elle me dér?

— Leve. Faça o que entender... O que me resta é acabar de um garrotilho, molestia da minha antipathia.

— Sabbado de nossa Senhora é amanham! Dizem que é tal e qual como o garrote, que o anno passado vi dar ao castelhano...

— Cale-se, tremebundo! Um garrotilho...

— E' mal que se não cura, reverendissimo!

— Peior! — atalhou o frade tremendo.

— Por signal pessoas cheias, com muito sangue, como o padre mestre, passam por serem mais atreitas... Mas não nos assustemos, o Menino Deus ha de fazer o milagre. Bem lh'o tenho pedido!

— Pois vossa mercê suppõe?... — accudiu o padre espavorido, e não tendo animo de concluir.

— Eu nada, reverendissimo. E' verdade que o medico hontem receiava uma apoplexia...

— Uma apoplexia?... — exclamou frei João, sentando-se na cama — Elle receia isso?

— Depois das sangrias de hontem, menos!... Mas a sua teima é que vossa reverendissima está nutrido e tem sangue de mais... Falou no dia setimo e torceu o nariz...

— Torceu o nariz, amh? — repetiu o procurador varado.

—E gostei pouco de lhe ver a cara...

—Então desconfia elle...? perguntou o dominico suffocado.

—Falou de mortes repentinas...de pessoas que têem passado a melhor vida como passarinhos de um instante para o outro. Mas ha de ser erro!

—Fale-me sem rodeios—disse o frade em voz sumida—o medico pediu-lhe que me fosse dispondo, não é isso?... receia muito, não espera?

—Espera, reverendissimo! Espera tudo, espera de mais até!... sómente não responde por um garrotilho ou por uma apoplexia. O padre mestre sente-se peior?

—Nada! o medico e o enfermeiro curaram-me!—murmurou desfallecido o procurador. Depois metteu a cabeça debaixo da roupa, e entrou a suspirar. Na realidade o dilemma era pouco agradavel.

Assim envolto nas dobras da roupa, como Cesar na volta da capa, o padre mestre já sentia na cabeça a terrivel congestão, que ia ser o seu espectro, graças á simplicidade velhaca do senhor Thomé das Chagas. Em dois segundos sommou frei João as dores vagas, as indigestões e enxaquecas da sua vida, e concluiu que, mesmo de aço, o cerebro devia de estar usado e gasto. Passou d'ahi á autopsia moral, contou as vigilias, memorou as fadigas de espirito, os cuidados e os excessos de estudo e de reflexão, e tirou a consequencia logica de que vivendo cincoenta annos tinha vivido quatro edades bucolicas e duas edades razoaveis. No fim de cada um dos raciocinios apparcia-lhe sempre o medico e a apoplexia.

Se fechava os olhos via tochas, pingos de cera e pannos de caixão; se os abria, as recordações do mundo causavam-lhe tal saudade, que sentia vontade de chorar. Era cruel este supplicio, penado entre os frios de uma constipação forte e as picadas de uma angina benigna, tão benigna, que foi rebelde aos esforços do medico para a tornar perigosa. O esculapio tentára vincular em vão na garganta do padre mestre o morgado que seus paes lhe não legaram!

O senhor Thomé, de joelhos e mãos erguidas, estava deante do crucifixo que o procurador tinha na cella. O milagreiro resava alto e a sua estrepitosa devoção era o complemento necessario da astucia nescia, que aggravára os temores do padre mestre. De repente o escrevente idiota, acabando a tarefa de arrumar a papelada, pegou ao acaso em um livro, e principiou em voz cavernosa a divertida leitura do *Memento homo*, accentuando as inflexões mais lugubres.

E' inutil dizer que a coincidencia exacerbou o pavor do padre enfraquecido pela doença e pelas copiosas sangrias. Persuadiu-se de que lhe tinham occultado até alli o perigo, e que o estavam já encommendando. Um symptoma fatal confirmava a sua afflicção. Depois de compostos pelo senhor Thomé, os sinapismos pouco ardiam na pelle: depois dos esforços de garganta a que o obrigára o capitão Philippe, sentia diminuidas as picadas, e tomava a respiração sem difficuldade: era evidente, pois, que a gangrena partindo dos pés e subindo ás fauces em poucas horas o levaria á sepultura.

Achada esta explicação terrivel das melhoras repentinas, o padre mestre tirou a cabeça de baixo da roupa e pediu os sacramentos. Mas a bocca não pôde articular, e os olhos ficaram espantados: d'esta vez com razão! Deante de si, aos pés da cama, achou perfilada a solemne, a engommada, a eterna pessoa do abbade Silva, com a côr rubra mais mimosa na calva, com o sorriso mais scientifico nos labios, e aquelle abbacial chapéu de borlas verdes, e aquelle bastão japonez antigo, cada um pendente de sua mão! O que significava junto do leito da sua agonia imaginaria a apparição heroe-comica do erudito?

Era um agouro? Era uma boa nova? Não sabia o que dissesse!

Frei João não falava, porque se julgava morto, e os mortos não cumprimentam. O abbade tambem se calava, porque o seu capital eram as palavras, e poupava-as como perolas: sómente olhavam muito um para o outro, cedendo-se tacitamente as honras do primeiro «Salve!»

Cansadas em fim de olhar e de esperar, as duas cabeças veneraveis abaixaram-se a compasso; a do abbade com uma aurora boreal da testa até ao occipital: a do frade com o barrete branco em derrota para a nuca: o chronista das barbas historicas, serio e taciturno como um bonzo, procurando com a vista a poltrona da hospitalidade, e tirando da caixa a pitada refrigerante; o procurador com os olhos na porta do quarto, levando de lá até á pessoa do visitador obsequioso uma interrogação que não soffria reticencias. Entretanto o senhor Thomé resava sempre; e o escre-

vente repetia com enthusiasmo o «*Resurge Lazarum !*»

O abbade já ia tomando medo á cella.

Vendo que não era possivel arrancar uma palavra ao dominico ou aos seus acolytos, resolveu-se a encetar o dialogo por uma explicação categorica.

—Vossa reverendissima perdoará o incommodo!... Bati á porta muito tempo, estava aberta, e ouvi aquelle senhor psalmeando sem fazer o favor de parar um instante... Como trazia negocio de pressa, entrei.

O procurador levantou os olhos ao céu com resignação, deu um suspiro e ficou mudo. Parecia-lhe monstruoso que houvesse negocios mais urgentes do que a sua proxima jornada ao seio de Abraham. O abbade esperou dois minutos, e achando sempre o mesmo silencio, proseguiu um pouco perturbado:

—Se previsse que o achava na cama, acredite vossa reverendissima, que escolheria hora mais opportuna... Espero que não seja por falta de saude!

—Thomé!—disse o dominico em voz expirante—uma cadeira a sua illustrissima!

Era a primeira vez que frei João condecorava o abbade com o tractamento que elle namorava desde a puericia. O prazer do sabio foi tal, que por pouco não abraçou o prégador.

—Tem ordens, meu querido?—continuou o padre mestre sempre em tom desalentado.

O abbade deu um pulo, fez-se de côr de rosa, e olhou cheio de perplexidade para frei João.

— Ordens!? A que proposito o pergunta vossa reverendissima?

— Pois não vem prestar-me os auxilios es-

pirituaes? — proseguiu o frade — Tenho animo para ouvir a sentença! Acha-me resignado com a vontade de Deus!

— Então vossa reverendissima entende?... — atalhou o erudito endireitando-se com solemnidade.

— Julgo que veiu aqui fazer uma obra de caridade! Diga, fale sem receio, meu rico senhor abbade... A sua presença n'esta occasião explica-se pela gravidade do meu estado. Quer que principiemos o officio da agonia? A carne treme, mas o espirito está crente em Deus, meu salvador!

O abbade não sabia o que dissesse. Para moribundo achava o padre mestre muito são. Para chasco, ou zombaria, via-o muito aterrado.

— Meu douto amigo, o objecto d'esta visita é todo profano — murmurou elle.

— Profano? — exclamou frei João respirando com força, e aclarando a voz — Então não o foram chamar para me ajudar a bem morrer?

— A mim?!... Pois vossa reverendissima está doente de perigo?

— Estou muito mal, estou á morte, senhor abbade!

— Somos philosophos, respeitavel e reverendo amigo. Bem sabe o que os Estoicos diziam da morte... E' uma illusão.

— O peior, senhor abbade, é que ninguem se cura d'ella! — observou o frade seccamente — Então o que me dá o gosto da sua companhia?... Obrigado! Não gasto rapé quando tenho febre. D'aqui a pouco terei pó de mais em cima dos ossos.

— Em duas palavras o inteiro de tudo —

accudiu o auctor da calligraphia regia — Trazem-me aos seus pés dois casos, dois nós gordios capazes de experimentar a sabedoria do defuncto Pegas, e a latinidade de um segundo Cicero...

— Desculpe vossa illustrissima! Já não sou nada. Agora o meu Pegas e o meu Cicero é o temor de Deus... Os malditos livros, se chegasse a alevantar-me d'aqui, iam todos para a cosinha crestar gallinhas... O estado em que me vê a elles o devo!

—Mas acho-o de bom parecer, córado, gordo até...

— Congestão, meu amigo, inchação! Sinto-me gangrenado.

O abbade annunciou no gesto um movimento de retirada, e empallideceu alguma coisa.

— Mas a tal doença ha de ter nome. De que o curam?

— De um garrotilho, primeiro!

— Bem! — observou o sabio, sorrindo-se.

— Bem, diz vossa illustrissima? Pois eu, se dá licença, digo pessimo! — exclamou frei João, irado.

—E' só isso; não é mais nada? — continuou o erudito, cruzando a perna, e cheirando vagarosamente, com o nariz sobre a caixa.

Ainda lhe parece pouco?...—rugiu o frade, cada vez mais indignado—Bagatella! Um garrotilho... Para sua satisfação, porque o vejo divertido, o licenciado espera uma apoplexia ao setimo dia!

—Famoso!—exclamou o erudito, com o maior socego.

Frei João sentiu grandes tentações de que-

brar um vidro de electuario, que tinha á cabeceira, na calva do abbde. Este, nos bicos dos pés, dirigia-se, entretanto, ao bufete, e passava miuda revista ás nauseabundas garrafadas e preparações que o povoavam.

—Justamente!—dizia o investigador das bexigas doidas, saccudindo a cabeça tres vezes com a gravidade de um oraculo—Logo julguei! Cá está a metralha. Xaropes, violebos, emplastos, socracios, gargarejos, unções, saumerios, *et tutti quanti!* Uma botica inteira! Restrictivos, discussivos, mollitivos e extenuativos!.. Vejamos. Ah! A composição purgante de Psilio, sumo de rosas, de cenouras damascenas, manná e diasines! Bello! Famoso para arranjar uma colica. Depois, o eligmato de baço de raposa. Palha! O xarope de nimphea, o de marrabio, e o de calamenta?... Cisco! D'ahi unções, cerotos, dropacios, e pictimas?... Excellente! Um quarteirão de venenos! Todo o charlatanismo de Galeno!

O procurador, meio debruçado fóra da cama, seguia este inquérito com verdadeira anciedade.

—Então acha?...—disse o dominico.

—O que esperava...—replicou o abbde com aspecto doutoral—Sabe o que me admira? E' achar a vossa reverendissima ainda vivo!

O padre mestre deu um salto, e sentou-se de repente.

—Então o garrotilho é incuravel?—gemeu balbuciando.

—O garrotilho não!—observou o abbade levando lentamente a mão á fronte—Acho só incuraveis os remedios. Meu rico senhor frei João, saiba, se morrer, que não foi de um

garrotilho (porque nunca o teve), mas da cura do licenciado. A minha opinião é que vossa reverendissima está envenenado!

—Jesùs do céu!—disse o procurador, deixando-se cahir sobre os travesseiros.

O abbade tirava á luz, entretanto, um oitavo de papel dobrado em quatro, e approximava-o dos olhos do doente, com um batalhão de terrores na vista, na voz e nos gestos compassados.

—*Ecce caput Holophernis!*—clamou elle em ar triumphante—Aqui está a receita do sangrador! Perdoe a traducção vulgar. A dóse que lhe manda ministrar é capaz de arrebentar um boi em duas horas.

O frade quiz ver, mas tinha uma nuvem parda deante dos olhos. O suor gottejava-lhe da testa como se estivesse no mez de agosto.

—Não me espanto!— proseguiu o antiquario—Depois do *recipe* e do *Ana* leio o nome da Parca. Dionisio Lopes!... Felizmente o vidro está intacto.

—Conhece-o?—accudiu o procurador aterrado.

— Ha quantos dias vem elle aqui? — disse o abbade sem responder.

— Desde hontem.

— Dê graças a Deus. Quantas sangrias?

— Duas!

— Justo! Ámanhã deixava-o morto! Senhor frei João dos Remedios, principio a ter esperanças... Olhe este vidro? Esta abominavel preparação? E' o agarico macho! E' um veneno incorrecto! Se o bebesse estava morto.

— Ainda não, ainda não! gritou o procurador mais reanimado.

— Dê parabens á fortuna! Conheço o licenciado, sim senhor. A sua presença é como a visita da saude aos tisicos; não ha exemplo de se levantar doente que elle tracte. Sangra-os e envenena-os.

— Santa Maria!

— Conforte-se; podia ser peior! Aqui a molestia são os remedios, e sobre tudo as sangrias, abertas por esse barbeiro *contra artem*, estando a lua em conjuncção com Saturno!... Que horror, que ignorancia! Mas não tenha receio: algum anjo pede por vossa reverendissima! O que ha a fazer agora é seguir o aphorismo precioso de Hypocrates, o divino: «accrescentar o que falta, e tirar o que sobeja.»

— Vossa illustrissima tambem sabe de medicina? — perguntou o padre mestre com a credulidade de um enfermo, e a veneração devida ao salvador.

— Estudei e estudo para saber! — disse o abbade com solemnidade — Senhor frei João dos Remedios—proseguiu emproando-se com desvanecimento — todas as molestias nascem da descompostura dos quatro humores do corpo, sangue, cólera, melancolia e fleuma. Em manuscriptos rarissimos tenho achado segredos ignorados da sciencia garraia dos nossos dias... Receitas divinas de Salomão, o sabio por antonomasia: de Hypocrates, da Ilha de Cós, nascido quatrocentos oitenta e quatro annos antes de Christo, quasi pelo tempo do grande Esdras... Os seus discipulos Diocles, Caristio, Proxagoras...

— Pelo amor de Deus, abbade! — exclamou o procurador aturdido por esta nota oral do

archaista — deixe os discipulos de Esculapio...

— Senhor frei João, não confunda! Esculapio é o douto pae da eschola empirica e os seus discipulos foram Serapião Alexandrino, Glaucio, Menódoto...

O padre mestre suspirou vendo que tinha cahido de Scylla em Carybdes.

— Faço justiça ao saber de vossa illustrissima — disse elle — mas tire-me de cuidados. Diga-me: julga que posso escapar?...

— Dos remedios do licenciado?... — atalhou o abbade. — Parece-me que sim. Tenho uma receita mirifica, descoberta nas extravagantes de Cornelio Celso, manuscripto unico que só eu possuo no mundo, e com ella o hei de curar. E' um especifico para os humores... Vê esta cestinha com fitas côr de rosa? Ahi tem o verdadeiro elixir da vida.

Frei João arregalou os olhos para a cesta miraculosa aonde viu uma especie de raspa fina, escura, similhante a terra vegetal.

— Cheire sem agitar! — disse o antiquario, pegando na cesta delicadamente só com o indice e o pollegar das duas mãos—Não sente o divino aroma?

— Cheira-me a raizes velhas! — respondeu innocentemente o padre mestre.

— Raizes velhas?! O perfume mais raro que se conhece? Assim quieto, é canella de Ceilão. Agite-o, é essencia de rosa. Toque-o, é verbena culta. O cravo, o rosmaninho, a madresilva, são ouregãos á vista d'isto. Uma pitada limpa o cerebro e é antidoto contra a apoplexia. Sobre pelle cura as chagas e os tu-

mores. Em xarope violaceo sara as lesões de baço, de coração e do estomago...

— E como se chama este remedio? — interrogou o dominico absorto.

— Raiz de albafor! Junça cheirosa! — replicou o abbade, pronunciando lentamente — Esta cestinha vae para a marquêza das Minas, minha senhora. Vejo-me perseguido com bilhetinhos todos os dias. As damas estão loucas pelo meu rapé, como ellas dizem. Cheire uma pitada, e verá em um instante como lhe desobstrue o cerebro.

Frei João obedeceu. Vinte espirros successivos, applaudidos por outras tantas cortezias do investigador das barbas historicas, foram o effeito immediato do especifico. Quando acabou tinha a cabeça pelos ares. Entretanto a fé persuadiu-lhe que estava mais alliviado, e virando-se para o abbade exclamou:

— Vossa illustrissima foi um anjo que me accudiu! O licenciado era o braço da morte...

— Diga a lanceta. Dionisio Lopes, por onde passa, deixa tudo em sangue!

— Thomé — gritou frei João em plena voz — saccuda-me logo essa peste de casa! Olhe; essas garrafadas já pela janella fóra. Estes pannos, estas unturas á rua! — E ao mesmo tempo arrancava e semeava pelo chão os chumaços gordurentos — Tire-me os sinapismos, sua illustrissima dá licença! Tudo isso é veneno.

O abbade estava radioso. Primeiro, por ter conquistado o tractamento de illustrissima; depois, por vêr acatada a sua monomania de curandeiro. Effectivamente o erudito tinha uma collecção de especificos e de doces co-

bertos, que eram o recreio dos seus admiradores.

— Vossa reverendissima não usa ao menos do gargarejo? — insinuou o milagreiro humildemente.

— A' rua! — gritou frei João com um gesto heroico — Tenho medo de tudo. Aquelle provedor dos cemiterios é capaz de metter a morte nos proprios rebuçados. A proposito, não esqueçam as pastilhas...

Thomé fez uma visagem lacrimosa. As pastilhas tinha-as sonegado, contando adoçar com ellas a aspereza da laringe. O nosso devoto era guloso, e não acreditava que o assucar candi fosse veneno.

— Senhor abbade — dizia o dominico restaurado pela prelecção medica e pelas virtudes imaginarias do albafor de sete cheiros — sinto a cabeça mais leve do que uma penna. Estou bom: perfeitamente bom.

—Não é o primeiro exemplo! — observou o oraculo com um sorriso vaidoso — Já salvei o senhor Lourenço Telles de outra desgraça similhante. Arruinou-se-lhe o ultimo dos seus queixaes, e inchou-lhe a face e a gengiva. O licenciado queria-o lancetar; oppuz-me: e curei-o, arrancando o dente. Não diz a regra: tira a causa e cessará o effeito?

—E o licenciado?

—Falou em inflammações, gangrenas, mortes, postemas, e desappareceu. Mas o senhor Lourenço Telles esqueceu-se depressa; e não perde occasião de deprimir essas poucas lettras, que os sabios me fazem a honra de suppôr em mim. Ah, senhor frei João! Este seculo não é para nós. Anda uma nuvem de ba-

damecos rabiscando modernices, dizendo loas pelos outeiros, e fazendo gala da ignorancia... Um até (veja a demencia) em certa casa atreveu-se a representar o papel de um abbade ridiculo estando eu presente!... E tão descàrado, que no outro dia foi pedir-me ainda em cima dez moedas emprestadas.

—Mas negou-lh'as?

—Tractei-o!... Coitados! Não sabem mais. Fizeram galhofa da minha carta a Lucio Floro! Riem-se? Se tivesse menos caridade dava-lhes uma lição. Está a minha papeleira cheia dos erros grammaticaes d'estes sabios feitos á pressa; e que erros, padre mestre, erros de palmatoria! O senhor D. Manuel, o Venturoso, e el-rei D. João, o perfeito, punham as lettras mais altas; agora tudo escreve historia, poesia, e critica (critica!) sem dois dedos de latim, nem uma declinação de grego. *Quousque tandem?* diria outra vez o principe dos oradores romanos.

—E' verdade, é verdade! — respondia o procurador com meia vontade de rir das tribulações d'esta panoplia litteraria — Mas, se bem me lembro, queria-me contar...

—Um caso novo, rarissimo. Venho consultal-o sobre dois pontos, um de leis outro de latinidade...

—Para o que eu prestar...

—Muito obrigado. Comecemos pela mais facil. Saberá vossa reverendissima que estando á noite de terça feira no serão da senhora marqueza, sua excellencia tinha uma rosa na bocca, e ficou-lhe uma folha na lingua. Expelliu-a e saltou-lhe para a face. Pareceu gracioso, e o doutor Henrique Vieira, pessoa mui

douta, bateu as palmas, e fez dois versos latinos, convidando-nos a traduzil-os immediamente.

—E então?

—Choveram trovas!

—E vossa illustrissima?

—Calei-me! Achei aquillo pouco serio.

—E em casa?

—Dei algumas voltas: mas o latim do doutor é perro. Quer que lhe diga? Entendo mal o latim de orelha. Estou costumado ao classico puro.

—Faz-me favor de repetir os versos?

—Estão n'esse papel. Pedi-lh'os escriptos para não me esquecerem.

O procurador sorriu-se. Sabia que o abbade era incapaz de os dizer sem umas poucas de syllabadas, e por isso se descartava, offerecendo a copia. O frade leu:

Quid mirum, ejicias illam nunc, Laura, labellis?
Semper ut eloqueris, fundis ab ore rosam.

—Estão bonitos, não ha duvida. Traduziu-os alguem?

—André Serrão; e differentes glosaram-n'os.

—E que tal?

—Elle como sempre. Entretanto applaudiram-n'o. Assim o endoudecem! Sabe vossa reverendissima que teve o atrevimento de me dizer depois que eu se calava era por não saber falar?

—Em que posso então ser util a vossa illustrissima?

—Fazendo-me dois versos latinos, e repe-

tindo-m'os até eu os decorar. Quero quebrar os olhos ao senhor André Serrão.

—Conte com elles, meu rico senhor abbade, se o meu latim tambem não imperrar. Isso succede aos que sabem mais.

Dizendo isto o dominico sorria-se de novo,mas d'esta vez era só de vaidade.

—Vamos agora ao *casus legis*, ao ponto juridico—proseguiu muito alegre.—E' grave?

—Tenebroso! Vias de facto, sevicias, e expoliações! — replicou o abbade com aspecto sombrio, e palavras esburgadas.

—Com effeito!

—São duas palavras—proseguiu o auctor da Carta a Lucio Floro—Hontem recolhia-me pelas nove e meia da noite, quando o escudeiro, abrindo, me disse: «Vossa illustrissima vai achar gente de mais em casa!» Fiquei pouco satisfeito. Vossa reverendissima ha de concordar que a hora era pessima... para mim sobre tudo costumado a aproveitar o tempo...

—De certo!

—Subo, abro a porta da sala, e entro no escriptorio; o que hei de achar! Ah, divino Camões, tu o diseste:

Não sei de nojo como o conte:

Aquelle bugio, aquelle horrendo macaco de outro dia, que nos arremetteu em casa do senhor Lourenço Telles!..

—Alguma graça de Philippe, aposto eu!—observou o dominico.

—Exactamente, meu rico padre mestre. Mais uma brutalidade d'aquelle selvagem!...

—Não se admire. Todos os dias é um cento d'ellas—resmungou o frade recordando as palmadas nos sinapismos.

—O mono— continuou o archaista em tom dolente—estava repimpado na minha poltrona de estado, na poltrona rica, primor do reinado do senhor D. João, o Piedoso. Deve notar que nem eu mesmo ousei nunca profanar o brocado antigo d'aquelle regio monumento, assentando-me!

—E com razão!—accudiu o frade comprimindo o riso.

—Pois achei-a polluida pelos immundos coiros de um macaco! E por cumulo de desaforo, divertia-se, quando entrei, em fazer papelotes das rarissimas gravuras dos sete sabios da Grecia, prenda de annos da marqueza das Minas, minha senhora. Bem vê que por todos os respeitos me eram preciosas...

Aqui, suffocado de dôr, o erudito fez uma pausa dramatica, mais lacrimosa do que duas elegias, e limpou os olhos humidos da saudade das gravuras, Frei João contemplava-o mantendo uma seriedade heroica.

—Lancei-me ao mono, allucinei-me, perdi a cabeça, emfim!—proseguiu o abbade com ar sombrio—e consegui arrancar-lhe as estampas; mas em que estado, grande Deus! Quatro amarrotadas, e tres que faziam chorar de dor!...Um Socrates sem nariz, a feição capital d'aquelle sabio! Solon degolado! e o meu Thales de Mileto reduzido apenas á orelha esquerda...

—Devia de ser um golpe!...—notou frei João imperturbavel.

—Ah, padre mestre!...Ainda não é tudo.

Olho casualmente para o bufete, e o que hei de vêr!...Um lago de tinta, um borrão immenso sobre o meu Tratado monographico da *Origem e Façanhas de Viriato o Libertador*, obra de quinze annos de investigações, com trinta paginas de texto e mais de trezentas notas extrahidas de antiquissimos manuscriptos!... A minha gloria roubada por um macaco, o monumento de bronze perdido por uma *simia satyrus!...*

—Que infelicidade!

—Cahi sobre uma cadeira sem luz nos olhos... Apenas lhe toco, sinto amassar-se debaixo de mim uma coisa molle. Levanto-me, observo ... *Quis talia fando!* Eram os pecegos cobertos, aquelles preciosissimos pecegos que nem na casa real se comem, saqueados, sujos, devorados, e por ultimo até feitos n'um pastel por mim proprio, que os tirava como hostias...

—Santa Barbara!—gritou o procurador offendido do sacrilegio dos pecegos—Mas quem foi dar os doces ao macaco? E logo uma caixa inteira!

—Ah, senhor frei João, quando não perdi o juizo esta noite, estou salvo de o perder toda a minha vida!—exclamou o antiquario elevando as mãos ao céu.

—Acredito!—replicou o dominico com ar epigrammatico.—Explique-me, porém, como isso foi...

—E' facil, desgraçadamente. O macaco ia ás ordens de um Bertoldo coxo e retorcido, uma especie de arlequim do pateo de bichos, que o seuhor Lourenço Telles tem a mania de sustentar...

—Ah, um tal Domingos José Chaves? Uma parodia de Belzebú, que se cobre com um gral de boticario?

—Justamente!

— Então entendo. Que patife!

— O tal Domingos fez-se muito meu, e metteu na cabeça do escudeiro, um simplorio que tenho em casa por dó, que vinha por minha ordem trazer o mono, e levar os pecegos para o senhor commendador... O escudeiro cahiu no laço, levou-o para o escriptorio, e entregou-lhe a caixa, que eu tive a imprudencia de citar á sobremeza deante do selvagem Philippe da Gama...

— Agora explica-se tudo, senhor abbade! E comeram, ou estragaram uma caixa o macaco e o seu aio?

— Tudo!... Apenas entrei, pôz-se o mono a saltar. Quiz vingar as lettras e os pecegos, levantei da bengala, aquella bengalla egypcia que eu trazia! o macaco põe-se em guarda, quebra-m'a e com os pedaços enche-me de contusões...

— Graça pesada! — exclamou frei João.

— Pesadissima!... Moído, transtornado, agarrei-me ao palhaço-homem, perguntando quem lhe dera a confiança de se introduzir em minha casa? O que julga que teve o arrojo de me responder? Que a casa era de todos, como a da comedia, pois era chamada o hospital das lettras! Dito isto rodou na ponta dos pés, escarrou dois, ou tres latinorios sordidos, e sahiu na companhia do quadrumano...

— Pois os seus criados deixaram?...

— Tenho só um escudeiro e esse treme da propria sombra.

— Devia avisal-o da entrada do macaco...

— E' verdade: mas o patife capacitou-o de que era um sobresalto jocoso... Falou de certa aposta de vossa reverendissima...

—Minha!... Protesto-lhe, querido abbade...

— Não diga nada. Sei que é incapaz de obscenidades similhantes. Senhor frei João, estou decidido a ir deitar-me aos pés de el-rei e a pedir justiça contra a perseguição do selvagem Philippe da Gama... O que me aconselha?

— Fale primeiro ao commendador; explique-se com elle; e previna-o...

— Hoje mesmo. Sabe que têm depositada em casa a filha de D. Luiz de Athaide até casar com o conde de Aveiras?

— Assim ouvi.

— Diz-se que el-rei está peior..

— Até hontem não.

— Pois hoje fala-se!... Acha que devo contar tudo a Lourenço Telles, e pedir-lhe que me indemnize?

— A indemnização não tem direito; mas a queixar-se sim. Póde exigir que se obrigue Philippe a bem viver com vossa illustrissima. Entendo que é de toda a equidade.

— E' uma guerra de morte, meu amigo. O selvagem jurou desgraçar-me. Quer alguma coisa para a rua das Arcas? Está bom, está salvo, digo-lhe eu!

— Quasi. A minha verdadeira molestia era o maldito licenciado. Agora vejo. Nunca me hei de esquecer, senhor abbade... Que bulha é esta?

Um grande estrondo na casa da entrada attrahia a attenção; depressa o explicou a voz de Philippe aos dois amigos.

— Toma para teu ensino! Isto é para saberes o pêso das bolaxas do capitão Philippe.

De feito duas bofetadas estouravam ao mesmo tempo na cara do infeliz Thomé, que levára a simplicidade ou a velhacaria ao auge de despedir á porta o illustre sobrinho de Lourenço Telles.

— Santo Breve de Marca! — gritou o dominico erguendo os braços — Este homem arraza tudo.

— Vossa reverendissima não terá outra porta por onde eu saia? — perguntava o abbade muito encolhido.

N'este ponto chegava Philippe de chapéu na cabeça e bengala ao hombro. Dando com os olhos no auctor da biographia do libertador Viriato, o capitão atirou um pulo e soltou um grito seguido da seguinte exclamação civil:

— Até que te apanhei, carochinho! Um seu criado, senhor abbade. Vamos ajustar as nossas contas e a pagar os trocos!

O abbade recuava; o dominico agitava-se; e Thomé banhava a face em agua fria. Um acaso feliz salvou o antiquario. Quando dava o primeiro passo para elle, ouvindo passos atraz de si, Philippe voltou-se e viu Diogo de Mendonça Côrte Real.

Era mais uma das occasiões perdidas, de que entram dois terços na historia dos grandes homens. Um momento depois o capitão desapparecia, e o abbade tornava a achar a voz.

CAPITULO XXVI

Ir buscar lan e vir tosquiado

Agora voltando atraz é preciso explicar a verdadeira causa da inflammação de garganta do padre mestre. Demosthenes padeceu de rouquidão politica, e curou-o milagrosamente o chasco de um rival. Sua reverendissima vendo-se cortado nas evoluções forenses, deixou arder as fauces de raiva extravasada. Em resumo, a sua molestia foram diabruras jesuiticas.

Seriam nove horas da manhã quando o senhor frei João dos Remedios pediu a capa e o chapéu ao piedoso Thomé, que lh'os entregou mastigando uma oração ao Anjo Custodio. O milagreiro commungava com Deus, o frade impava de latim e de textos romanos, e, apezar dos revezes, ainda acreditava na boa estrella. Vaidade das vaidades! Deitando o pé fóra da cella, o Pegas tonsurado sentia impetos de aterrar a sombra eloquente do proprio Cicero!

Isto passava-se um dia antes do solemne deposito regio de D. Catharina de Athaide em casa de Lourenço Telles. Na vespera tinha tido logar a confissão desaforada do honrado Thomé; á noite o padre Ventura tomára posse da benevolencia de el-rei; finalmente a ordem de sua magestade a Diogo de Mendonça entregava-lhe a chave de condão, que devia abrir os mysteriosos arcanos do secretario das mercês. Bastou um grão de areia para des-

montar a inconstante roda da fortuna. Um chocalheiro (era o vicio do senhor Thomé, estamos auctorizados a dizel-o!) passando por Santo Antão, tinha derrotado planos amadurecidos em longas meditações... Mas não antecipemos.

Compondo no hombro a vistosa capa, e armando-se de zelo para resistir ao frio, o padre mestre desceu a escada, que se encaracolava da portaria até ao dormitorio. A fé, a alacridade e a vantajosa opinião formada do seu merito davam-lhe azas. Recebendo a benção, o leigo admirou-se das côres sadias d'aquelle apostolico semblante: o sorriso abria-se entre as roscas d'aquella rubicunda bocca como nos dias venturosos. O barretinho na coroa da cabeça descansava em paz. Os olhos não dormentes, mas activos, batalhavam com o sol, fitando-o com viveza. Emfim o corpo firme e direito parecia remoçado. Que prodigios faz a esperança!

De S. Domingos á Calcetaria não era longe: mas a Providencia no caminho mais curto sabe repetir os avisos. Ao descer o ultimo degrau para a portaria, a fivella anti-canonica do sapato estalou-lhe no peito do pé. Entrando no Rocio em jejum natural um torto pediu-lhe esmola. Ao virar para a rua Nova dos Ferros, o chapéu achatado de um jesuita, passando pelo seu, eclipsou-o e ainda riscou a garrida aba do dominico! Estes presagios não lhe descóraram o animo. O primeiro despresou-o como philosopho; o segundo esconjurou-o como christão, e o terceiro detestou-o como frade. Amiudou sòmente o passo, e apertando mais a capa, disse como Cesar:

«Vai aqui frei João e a gloria do seu convento!»

N'aquelle tempo era a rua da Calcetaria uma rua aristocratica e sacerdotal. Aristocratica, porque no chão privilegiado assentavam em parte os paços da Ribeira; sacerdotal, porque se elevava em uma das suas frentes a casa da congregação, aonde se fundou depois o collegio dos senhores principaes da Patriarchal, quando a piedade de D. João v ornou das purpuras cardinalicias a antiga egreja ulisiponense. Entre o palacio da congregação, aonde a rua se alargava, e os paços da Ribeira, estavam as casas de Diogo de Mendonça Côrte Real, altas de tres andares, levantadas em pedraria, e tendo toda a vista para a rua principal. Um passadiço interior fazia a communicação com a residencia regia; um pateo escuro dava-lhe entrada particular para o palacio da congregação. Estas casas eram da corôa, e o secretario das mercês estando o monarcha em Lisboa, podia dizer-se que tinha sempre os pés no paço. O digno jurisconsulto provavelmente não escolhêra por acaso uma posição tão estrategica.

Ao portão de volta baixa, mesmo dentro do arco, achava-se perfilado o velho escravo preto, que servia de cerbero. Sentinella official, o negro desde o romper até ao pôr do sol enxarcava-se na divina ambrosia, chamada cachaça pelos filhos dos torridos sertões. Preto encyclopedico nas artes domesticas, tinha acompanhado a seu senhor desde a aula de primeiras lettras até ás enviaturas mais honrosas; e possuia a sua complacencia. Podemos affirmar que o habito de Christo empalmado

a Domingos Pires, se fosse dirigido ao Achates fusco, talvez excitasse menos epigrammas da parte do ministro.

O certo é que o pae Milciades (deram-lhe este nome heroico!) era um compendio de virtudes negativas e de qualidades positivas. Mentia em tudo (menos a seu amo) com um denodo irreprehensivel. Manejava o ferro de frizar e a borla dos pós como o barbeiro mais perito. Era uma pega no geito de vazar da copa para as tendas quanto lhe cahia debaixo dos dedos. Se a visita agradava em casa, Milciades, rasgando até ás orelhas a bocca de tubarão, dava-lhe as boas vindas; se era impertinente, extendendo o beiço pendente, que parecia uma tromba, afugentava-a. Discreto, flexivel e carregado de annos e de admoestações, tinha descido a um e um os degraus da fortuna até parar no desterro da guarda exterior do capitolio. Seria um negro perfeito sem a invencivel propensão alcoolica, a qual no fim da tarde o deitava serenamente debaixo do banco, insensivel como um rochedo. Seria um servo impagavel sem a exquisita mania da transmutação dos garfos e colheres de prata em aguardente de cachaça. Omittidas estas fraquezas podia-se admirar n'elle um escravo exemplar.

Vendo endireitar para a entrada o passo esperto do nosso frei João, Milciades saccudiu com agrado a lan crepida e quasi branca da veneravel carapinha. Mostrou os dentes de marfim, e revirou o beiço elephantino em signal de jubilo. Depois de lhe beijar a manga e de o bajular com as momices ebrias do seu affecto, entre gorgeios de riso pardo e preci-

pitações de zelo, fez-lhe a honra de o preceder por um dedalo de escadas e de corredores até ao sancta-sanctorum do secretario das mercês. Ahi puxou o cordel da campainha, levantou depois a tranqueta da porta, e com benevola violencia introduziu o frade na sala da espera.

Este, se acreditasse em agouros, devia perder todas as illusões n'esta fatal manhan, digna, como depois disse, de ser memorada em negra lapide. Diogo de Mendonça não se achava na sala, quadrilongo sombrio, forrado de couro vermelho com lavores de oiro. Dois tremós de espelho esguio e painel bucolico por cima, postos um defronte d'outro, sostinham diversos monstros de barro japonez, cuja horrenda fealdade só podia competir com a grosseria do oleiro e a barbaridade da pintura. D'esta casa, onde jazia quasi despido da opulencia antiga um canapé, em tempos felizes coberto de velludo roxo, é que se passava á livraria; e d'ella é que um escuro e longo corredor abria passagem para o paço da Ribeira, desemboccando mesmo deante da porta dos primeiros quartos de Roque Monteiro Paim, alojado, como o seu emulo, a expensas regias.

A livraria era extensa, alta de tectos contra o costume, e mais ostentosa do que elegante. Toda em roda estava vestida de estantes. Uma grega arrendada em talha circumdava cada corpo, rodeando os lados e o fundo, e ornando-se de espaço a espaço de grandes pinhas de flores, obra de primorosa esculptura. Adeante, uma especie de frontão entrelaçado de folhas caprichosas, offerecia em relevo a fi-

gura quasi lacrimosa de uma das nove musas. De cada parte do frontão dois grupos de anjos, assoprados de faces e roliços de membros, recordavam aquelles papudos cherubins, que appareciam como accessorio obrigado no cimo dos respeitaveis armarios hollandezes.

Os obesos seraphins das estantes batiam as azas para o tecto, aonde em molduras separadas por filetes doirados um pincel boçal tentára a Deus, copiando differentes scenas mythologicas. No meio d'este pandemonio, em que o desenho e as côres brigavam em dissonancia, a Venus Cyprea dentro de uma gloria de açafrão rematava o opprobrio do paganismo. O rosto da mãe dos amores, assanhado em carmim, parecia a face descomposta de uma bacchante, e dos labios em que Marte furtava um osculo prohibido, sahia a argola denegrida de um candelabro pelo menos tão antigo como o inventor das lampadas. Quem quer que tinha mobilado a casa, e delineado os ornatos era de certo mutilado do sexto sentindo intellectual, que Topfer exige absolutamente para se não confundir o rocim com a sereia.

Frei João sabia a casa de cór. As estantes da curiosa livraria eram tão suas conhecidas como do proprio secretario das mercês. Passando pelo immenso bufete e pela poltrona abbacial do ministro, nem se quer deitou os olhos para a grande tela, que representava a adoração dos Santos Magos. Ouvia falar no quarto immediato, e ardia em desejos de apparecer... Se pudesse adivinhar, como seria prompto em sumir na manga a mão, que ten-

teava já a argola da porta, apenas cerrada sobre o fecho!

Uma das vozes tinha a inflexão vibrante e agradavel de Diogo de Mendonça; a outra pareceu-lhe desconhecda. Frei João scismou sobre quem poderia ser, mas não lhe occorreu. Avançando e retirando a mão, pondo o pé adeante e tornando a recuar, hesitou alguns instantes se usaria dos fóros de amigo velho, interrompendo repentinamente um colloquio, cuja importancia ignorava. Deliberou-se por fim; bateu de rijo com os nós dos dedos; tossiu, raspou os pés e ao grito de: «entre quem é» do secretario das mercês, introduziu-se no aposento intimo, no verdadeiro Tibur de Diogo de Mendonça.

—*Me, me, adsum!*...—Estacou engasgado, Horror! Escandalo! O sorriso que vinha á flor dos labios, fazendo álas á citação, foi cuspido em uma expectoração de ancia. O verbo, a chave da phrase classica, foi engulido em uma convulsão nervosa. O procurador tinha entrado cedo, ou tarde de mais. Mesmo defronte da porta, na cadeira de braços mais fofa, com a chavena de chocolate mais aromatico adeante de si, quem havia de encontrar? Um dos da companhia de Judas! Um dos novissimos dos dominicos! Um jesuita todo inteiro e completo d'esde a roupeta até á capa.

Estava Troya occupada! E por cumulo de desgraça via Eneas abraçado com Ulysses!

Diogo de Mendonça esperava tudo, menos a apparição do reverendissimo. Vendo-o, sobresaltou-se, deu um pulo na poltrona, e partindo a prezilha fez dos oculos duas lunetas.

Ao mesmo tempo escapava-lhe por entre os dentes a seguinte exclamação:

— Maldito preto! Como hei de accommodar eu agora isto?

Foi eclipse parcial. Depressa chamou ao rosto o agrado da amizade, e poz nos olhos mais de uma explicação maligna á presença do jesuita... Sorriu para cada um dos padres com metade da bocca, e o sorriso bifronte a nenhum d'elles disse a mesma coisa. Levantando-se mais desazado da parte esquerda do que era costume; dando ao pescoço maior queda sobre o hombro, signal da paciente expectação do holocausto, esta victima imaginaria parecia accusar-se a Deus e aos homens, offerecendo o collo á espada do algoz. Quem teria animo de exhalar a sua ira deante de tanta resignação?

O jesuita era o padre Ventura. E' escusado accrescentar, portanto, que dos tres, sinceramente tranquillo e satisfeito só elle estava. Ninguem sabia melhor os fios do labyrinto; e d'ahi procedia o ar sereno com que sustntava o seu papel. A figura do dominico, de braços abertos e bocca engelhada, não podia entristecer ninguem; e o visitador estudou-a por alguns momentos com bastante curiosidade, sem lhe escapar nenhuma das phases por que passava o espirito de frei João. A hypocrisia de Diogo de Mendonça, apanhado em flagrante, e recordando o seu Plutarcho na vida de Annibal, divertia-o tambem pela habilidade do actor, e sobre tudo pela perfeição da mascara humana, em que o ministro conseguira transformar o semblante.

A principio, quasi insensivel, o padre procu-

rador deixou-se guiar á cadeira costumada pelo seu velho amigo; deixou assestar deante de si a salva dos biscoutos e a chavena do chocolate; e ouviu, quasi sem as perceber, as mellifluas perguntas do secretario sobre o estado da saude vacillante. O seu espirito não estava com elle: peregrinava dentro do bolso, revendo as linhas garrafaes do recurso a el-rei contra a companhia de Jesus. Um demonio travesso, revoando-lhe em torno, e distillando na sua alma os venenos da adulação, insinuava a gloria de se começar d'alli a lucta, repetindo em presença de um roupeta, ignaro talvez (não conhecia o padre Ventura!) o papel fulminante, acerado pelo buril da satyra. Pouco a pouco esta ideia apoderando-se-lhe das faculdades, restituiu as cores sensuaes ás faces, a audacia critica aos olhos, e o sorriso ironico á bocca.

Erguendo a cabeça de repente, e atravessando com a vista provocadora o olhar humilde e cauto do visitador, intimou-lhe um duello proximo. Respondendo, depois, concisa, mas amigavelmente a Diogo de Mendonça, deixou-o entender que era por infelicidade sua o juiz designado para decidir um pleito, cujo alcance a solemnidade do arguente revelava que havia de ser immenso.

O chocolate era saboreado, entretanto, em tragos compassados, e o biscouto mastigado com a pausa do amador gastronomo. Apezar d'esta occupação interessante, o dominico, mais socegado, ia-se informando com instancia da molestia de D. Pedro II, dos chascos do infante D. Francisco ao confessor e ao conde de S. João, e das contestações do principe

com seu augusto pae. O ministro, em talas, jogava a maroma politica aparando os botes do interrogatorio impertinente. Por fóra parecia doce de mel; mas por dentro sentia repellões de pingar os couros do illustre Milciades com lacre derretido, supplicio china, de que o estimavel Fernão Mendes Pinto, de curiosa memoria, se lembra com muito horror.

O secretario das mercês, experiente por tacto e por estudo no conhecimento dos homens, padecia, notando a ingenuidade quasi boçal de que o padre Ventura tinha a bondade de revestir o rosto espirituoso; e lendo nos olhos baixos e compungidos de sua paternidade mais de uma risada interna á custa da parodia, em que elle Diogo de Mendonça se via obrigado a figurar. Este quarto de hora pareceu-lhe um seculo; e daria até a sua traducção de Propercio, tentada com as illusões da mocidade, por se vêr a mil leguas do douto padre mestre e do lince jesuitico, que por instincto achava mais perigoso do que todos os seus inimigos juntos. Frei João deu finalmente por concluido o almoço; e o ministro, vendo-o recostar-se com basofia no espaldar da cadeira, e expectorar com força duas ou tres vezes, sentiu o calafrio nervoso do caçador noviço, que desfecha pela primeira vez a espingarda, e treme com os olhos ouvindo bater o cão na caçoleta. Effectivamente a physionomia do procurador estava uma epopeia.

Entufado nos habitos, crescendo com a ideia da proxima derrota dos emulos, mimoseava o jesuita, que de proposito se fazia pequeno, com um olhar mortifero, em que unia o sen-

timento da superioridade olympica ao desdem homerico, á commiseração, e á caridade até. Era tal a persuasão de que o golpe seria mortal, que chegou a entrar em escrupulo sobre o dever de prevenir qualquer desgraça, tecendo um prologo, a fim de melhor preparar a victima. A sua boa estrella poupou-lhe este ridiculo.

Diogo de Mendonça, que pela expressão do rosto adivinhava os segredos do seu amigo, e que o estimava sinceramente, teve medo do exordio mudo, e dava-se a tractos para descobrir algum ardil, que puzesse fóra de combate o discurso, ou o que quer que era ruminado por frei João nas suas vinganças fradescas. Um presentimento vago advertia-o de que o jesuita (como elle) não se fazia humilde, senão porque era grande; e por isso previa que a scena acabaria por um lance, ao qual entre todos os actores só o padre Ventura conhecia a força e a importancia.

Infelizmente, frei João andou mais ligeiro do que o ardil do ministro, e a tosse preparatoria dos grandes rasgos oratorios do dominico annunciou o começo da batalha. Suspirando e compungindo-se, convertendo o rosto em uma interjeição dolorosa, Diogo de Mendonça derrubou as sobrancelhas, e com a unha do indicador entregou-se á autopsia de uma verruga parasita, situada abaixo da canna do nariz, aquilino e pronunciado como o nariz heroico de Scipião, ou de Marcello.

—Senhor Diogo de Mendonça—dizia o procurador com solemnidade—hoje não é frei João dos Remedios, familiar d'esta casa, e criado antigo d'ella, quem visita um amigo

sabio e benevolente: é o procurador de S. Domingos, ordem illustre e veneravel, que vem roquerer audiencia do secretario das mercês de el-rei nosso senhor, porque precisa dizer de sua justiça!

Ouvindo o prologo campanudo, o padre Ventura não pôde conter um ar de mofa. O ministro apanhou o sorriso, e deu á cabeça a oscillação que era um geito seu, quando se dispunha para representar. Antes de responder, enterrou-se mais na cadeira, e seguindo por baixo das pestanas os imperceptiveis movimentos do jesuita, procurou formar o seu juizo e calcular a sua tactica. O visitador, apercebendo as evoluções, tinha-se tornado a estatua da attenção.

—Dás licença, frei João!—exclamou o secretario com a seriedade mimica, cortejo obrigado de suas facecias—Pelo que vejo pões aqui o areopago, e nada auctoriza tanto a presidencia do archonte, como um bom par de oculos... Agora faze favor, continua a dizer de tua justiça.

O padre Ventura riu-se com gosto e claramente do episodio dos oculos, sustentado pelo ministro com imperturbavel e magestosa dignidade; porém o procurador por isso mesmo carregou-se de mais tres atmospheras de solemnidade.

—O negocio de que venho tractar—disse enfadado—é muito serio; e espero que vossa senhoria...

—Vai dormir, mais as senhorias! Perdoa o equivoco, frei João! Sempre tens coisas!...

—Peço justiça, repito!—insistiu o dominico exacerbado—Requeiro attenção.

—Pois fale vossa reverendissima! Mas observo-lhe, que a justiça que faz chorar é mais pezada, que a que pode levar-se a rir. Passemos á tragedia.

—Exporei o caso *simpliciter*—continuou frei João, assoando-se estrepitosamente e cheirando uma pitada.

—Sou todo ouvidos—replicou o secretario, fazendo uma visagem de resignação.

—A ordem dos prégadores tinha alugado os seus arcos no Rocio...

—Ah, frei João! compadece-te do teu infeliz amigo. Esses malditos arcos é a centesima vez que m'os mettes na cabeça ás martelladas... Eternos arcos, santo nome de Deus!

—Falo como sei. Começo pelo principio...

—Oxalá! Dás licença? Antes fôras tu Bernardo, perdoa o desejo. Esses dão ovas frescas aos hospedes, e desculpam-se dizendo que não houve peixe. Até queria um que o marisco se julgasse fructa por ser de casca. Mas ao menos não nos moem...

— Posso continuar? — exclamou o procurador irritado e fustigando-o com a vista.

— Fala; mas dos arcos para baixo. Tem caridade, frei João!

— O senhor padre, é da companhia de Jesus, se me não engano? — perguntou o dominico com um sorriso aggressivo.

— Para servir a vossa reverendissima! — respondeu o visitador com o maior acatamento.

— Então deseja saber o negocio desde a *causa litis*? E' natural.

— Deixa a causa, homem, e tracta dos effeitos! Seriamente tenho muito que fazer...

— Sinto a impaciencia de vossa senhoria! — accudiu o frade engommando a voz e empapando as faces — Mas espero que apezar d'isso me conceda o *jus dicendi*, a voz de justiça, que é de direito para todos os vassallos de el-rei nosso senhor... Sua paternidade pertence á Companhia e como tal é parte e tem direito a ser informado...

— Eu por mim, com todo o gosto; desejo só que vossa reverendissima se não enfade — disse o padre Ventura muito assucarado.

— Ah, serpente!... — rosnava o secretario — Agora, frei João, levanta mais seis arcos!

— Não me enfada nada — redarguia este — Conhece de certo uma demanda entre o convento de S. Domingos e os adelos do Rocio?...

— Tenho ideias vagas! Agora o que não sei dizer é quem venceu... Havia de ser por força o convento?!

— Hum! — tossiu o frade córando de paixão — Eu lhe conto a historia, e lembrar-se-ha. A ordem dos prégadores foi mettida debaixo dos pés, foi condemnada em provisão do desembargo do paço! Isto hoje é pedra de escandalo da cidade; só admiro...

— Como é cousa obscura e panica não dei attenção, não se admire vossa reverendissima. O processo continua? Não suppunha!

Se a vista podesse devorar, os olhos do dominico seriam os do minotauro contra o jesuita. Tremiam-lhe os beiços de colera, e foi necessaria a confiança que tinha no seu papel, para não manchar a polemica com improperios. Diogo de Mendonça agitava-se e pedia misericordia ao frade com tregeitos sentimentaes. O visitador, na contrição da falsa in-

nocencia, parecia assombrado do effeito da sua venenosa ignorancia.

—Pois não quer que eu admire a estupenda falta de memoria de vossa paternidade?—gritou o procurador, accionando com impeto— A ordem dos prégadores está enxovalhada; e em S. Roque, n'aquelle deserto, vive-se tão fóra do mundo, que nada sôa? E' miraculoso! Asseguro-lh'o! O caso ha de ser falado, porém hei de tornal-o memoravel! O meu nome é frei João dos Remedios, e graças a Deus ainda posso com esta demanda... mesmo tendo a balança da justiça em um dos pratos a Judas e á sua companhia. Vossa paternidade, se me conhecesse...

—De nome tenho essa honra ha muito tempo: louvo a Deus por me dar o gosto de admirar de perto a vossa reverendissima.

A civilidade do jesuita era tão correcta na accentuação e no gesto; e o seu ar de ingenuidade tão expansivo, que frei João attribuiu a resposta capciosa a uma grande simplicidade de espirito. Teve até a crueldade de se regosijar de poder escarnecer a sociedade de Jesus na pessoa de um irmão idiota. O secretario das mercês, que não fazia recursos, é que descorou fulminado com a pericia do mestre.

—Muito obrigado a vossa paternidade!—replicou o dominico uma oitava acima com jactancia—São louvores que não mereço. O que lhe prometto, e espero em meu padre S. Domingos, é que um dia cedo saibam mais em S. Roque do negocio *obscuro... panico!* como teve a bondade de lhe chamar. Digo-lhe que ha tres semanas não descanço...

—E' natural—observou o jesuita cheio de doçura.

—Natural?—exclamou frei João recrudescendo—Acha natural? Não dormir, nem socegar? Em S. Roque usam da receita?...

—Estou em Santo Antão; mas posso perguntar.

—Obrigado! S. Roque, ou Santo Antão, tudo é egual. Dois gemeos...

—Ao negocio, frei João! Sáe da malfadada feira do Rocio—acudiu o secretario, offerecendo a mediação faceta.

—Bem! Iremos á razão final, *ultima ratio*, como dizem os jurisconsultos... A demanda foi revista contra nós. O desembargo do paço condemnou a egreja e deu a palma aos vendilhões. Iniquidade, subrepção, heresia! *Quid inde?* O que resta? As leis offerecem um meio de reformar a sentença e de obter o provimento...

—Ha meia hora nos aggravas tu! Ah! frei João, porque não começaste logo pelo meio? Não sabias que a virtude consiste n'elle?—observou o ministro cruzando a perna, e sorrindo-se do espanto com que o seu amigo devorava a affronta da interrupção jocosa.

—Julguei que estavamos tractando serio. O caso é grave, gravissimo, e sinto que vossa senhoria lhe ache tanto sal...

—Eu? Pobre de mim! Tenho a bocca insipida desde que me fugiste para os arcos...

—São arcos de mais, senhor Diogo de Mendonça!—gritou o frade encolerizado.

—Outro tanto digo eu. Vamos para a planicie.

Frei João encolheu os hombros. Conhecia

o secretario das mercês, e entendeu que era inutil quanto lhe dissesse para o obrigar a ficar serio, visto teimar em levar o caso a rir.

—Como ia dizendo—proseguiu o frade—as leis concedem um meio ao aggravado. E' a queixa immediata ao principe, arbitro supremo, pae e tutor dos seus vassallos. E' recorrer-se directamente a el-rei, provando o dolo e malicia de terceiro, prepotente no animo dos juizes... Eis o objecto do papel que lancei em nome da justiça e da moralidade, em defeza da religião e da patria, e para confusão e castigo dos hypocritas, manicheus, e conspiradores...

Aqui o dominico fez uma pausa para respirar, e ao mesmo tempo para lêr o terror no semblante da victima. O jesuita, longe d'isso, batia pacificamente com a cabeça o compasso das phrases do reverendissimo, e parecia encantado da opulencia dos seus periodos. Frei João irritou-se de tanta simplicidade. Engrossando a voz, e subindo pelo assento da cadeira, continuou:

—Accuso no meu recurso a companhia de Jesus por ter induzido a má fé dos aggravados, ennegrecido as virtudes dos aggravantes. Provo-lhe que, entregue á cubiça e á soberba, por vias criminosas attenta contra a magestade de el-rei, e na sua *terribilidade* põe em perigo a santa religião, machina a queda do tribunal do santo officio, e vende a patria aos judeus e aos francezes... O que diz a isto vossa paternidade?...

—O que disse um padre nosso vendo o risco de um convento muito rico para uma ordem muito pobre: bella obra se não fosse de papel!

O procurador indignado sentiu impetos de estafar o adversario com uma verrina tirada dos amplos pulmões segundo todas as regras. A comparação do seu recurso a um plano louco de architectura feria-o no mais sensivel amor proprio. Entretanto conteve-se, e chegou a compadecer-se do visitador, persuadido de que tudo era boçal e desorientado n'elle.

—Socegue vossa paternidade—exclamou com ironia—esta obra não é tão leve como julga! Cada um dos meus artigos accusatorios está sustentado em uma dissertação de vinte paragraphos, como verá da sua leitura. Estas bases não voam, apesar de serem de papel. E' um recurso que, segundo espero, dará brado, sem orgulho o digo: e este, asseguro-lhe que não teve chocalheiro... O senhor secretario das mercês ha de pol-o desde logo, de officio, aos pés de el-rei, e por isso vossa paternidade será o primeiro que leve a noticia a S. Roque.

—Se fôr do gosto de vossa reverendissima—observou o padre Ventura principiando a sorrir de modo que devia fazer scismar o dominicano. Diogo de Mendonça já tinha formado o seu juizo, e aguardava calado o desenlace.

—Não violento consciencias!—accudiu frei João, tirando o bacamarte juridico com que ía fuzilar a companhia—Qero a generosidade ao ponto de prevenir a vossa paternidade de que poderá ouvir amargas verdades. Talvez fosse melhor...

—Ler eu o papel de vossa reverendissima?—atalhou o jesuita cheio de candura—E'

mais seguro para a memoria; entretanto a grande attenção faz o mesmo effeito.

O dominico vacillou em presença d'este sangue frio incalculavel; e se não fosse a persuasão de que o padre era imbecil, desde logo fugia pela porta fóra. Assim, apenas destacou do seu recurso um olhar clemente e compassivo; depois estrangulou o pigarro na garganta aclarou a voz e recolheu-se para dar começo á sua leitura. Absorvido n'estes preludios perdeu de vista o jesuita, preparando-se para saborear o seu terror, quando chegasse aos *malhões*, como chamava a alguns periodos da Philippica forense, cunhados com eloquencia mais feroz. Diogo de Mendonça, que vigiava disfarçadamente o padre Ventura, e principiava a percebel-o, viu-o tirar outro papel de egual volume, e assumir a posição attenta de quem vai conferir a copia com o original.

Frei João, entretanto, com magestade, com emphase, com movimentos theatraes, leu as primeiras paginas sem levantar os olhos. Principiava o retrato da companhia, e afinando a voz, subia com a antiphona, quando uma interrupção quasi timida do jesuita atirou com o seu espirito das nuvens ao profundo abysmo da mais completa *mistificação*. Sua paternidade muito sereno, todo risonho, e como se estivesse revendo um thema nas aulas, perguntava-lhe:

— O senhor padre mestre dá licença? A paginas treze, no segundo paragrapho, artigo terceiro, ouvi-lhe ler assim: « E será tambem provada outra maior *terribilidade* no progresso de seus planos para a monarchia universal, com exemplos e noticias das *duas*

Indias...» Foi de certo precipitação da leitura porque o seu papel ha de dizer — *e noticias das Indias e America.* A minha copia está fiel.

E' impossivel descrever o que se seguiu. O procurador baqueava da imaginaria superioridade. O seu papel, o segredo, a salvação do convento apparecia de repente nas mãos dos inimigos, e dava-lhes tanto cuidado, que se divertiam em o conferir com o proprio auctor! O seu orgulho tinha servido de espectaculo aos jesuitas, e pintado por elles ia ser a fabula, o recreio da côrte maliciosa! Com os olhos nebulosos, a bocca pasmada, e as faces apopleticas, frei João poz-se de pé, largou o papel no chão, e quiz ir direito á janella com tentações de sahir por ella. Os miolos deramlhe uma volta na cabeça, confessou depois; os ouvidos cantavam; tudo o que via era verde ou encarnado.

—O meu recurso! Tem uma copia do meu recurso?!...—bramiu em um tremulo de voz medonho.

—Desde hontem pela manhã!—respondia o jesuita, placido e reverente, levantando o original, e dando a sua copia ao dominico.—E tambem me tinham dito que vossa reverendissima vinha hoje aqui, por isso cheguei primeiro.

Por entre o arco iris, que o frade tinha já na vista, assim mesmo leu, soletrou, ou verificou a copia fiel da «*Queixa immediata ao principe*» e uma nota fatal, que lhe explicou a tranquillidade do algoz.—«A contrariedade será entregue a el-rei ás oito horas da manhã pelo padre Sebastião de Magalhães»—

Ainda teve força de se affirmar e viu na longa margem do papel a minuta de uma contestação que oppunha artigo a artigo, paragrapho a paragrapho. Assim, em quanto elle na Calcetaria dava conhecimento do recurso ao secretario das mercês, o confessor de el-rei no paço apresentava á mesma hora a sua contrariedade. Quem lhe roubára esta ultima arma, fechada tantos dias no mais inviolavel segredo?

O papel tornou a escapar-lhe das mãos, e as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos. O pêso da desgraça anniquilou-lhe o animo, e quasi perdeu os sentidos, cahindo na cadeira.

—Vossa paternidade matou-me o frade!—gritava Diogo de Mendonça, que rira a principio da comedia, mas que já a ia achando séria.

—Eu? Ignoro como! Errou, emendei-o. Que menos podia fazer?

—Talvez; mas com as suas doçuras metteu-lhe no corpo uma apoplexia. O pobre homem não escapa d'ella. Foi uma crueldade, senhor padre Ventura! Deixal-o enganado até ao fim?

—Se elle não queria desenganar-se! Então nós em lhe ouvir lêr o seu papel é que ficavamos consolados? Umas poucas de vezes o avisamos, teimou; será nossa a culpa? Queria que elle ferisse, e não lhe aparassemos ao menos os bicos á penna?...

—Vossa paternidade póde ter mil razões, mas é o meu parceiro de jogo, o censor de meu Propercio, o capellão da minha missa!... Foi muito pesada, senhores padres da companhia!

—Socegue; aquillo passa... é sangue que subiu á cabeça.

—Agua, agua!—exclamou o ministro.—Ah frei João! Eu bem disse que davas grande queda d'aquelles arcos!

O padre mestre não era dos espiritos, que os desastres retemperam e confirmam: pelo contrario era dos animos faceis, que o triumpho exalta e a derrota humilha. O choque repentino quebrou-lhe o orgulho, e prostrando a vaidosa esperança que o entretinha, deixou-o paralyzado pelo infortunio. Estava inteiramente vencido Os jesuitas iam tornar-se para elle um objecto de terror, depois de terem sido por muito tempo o pasto dos seus odios.

Em quanto o secretario pedia agua e o lamentava, ia-se elle recuperando da vertigem, e meditando no modo de sahir com menos pejo do laço, em que o tinham apanhado. De repente, decidiu-se por uma resolução franca e decorosa. Levantou-se, apertou a mão a Diogo de Mendonça, e dirigindo-se ao padre Ventura com dignidade triste, disse-lhe:

—Ha tempo que eu desconfiava d'isto! A mão occulta que regia a companhia de Jesus era a sua. Agora experimentei!... Ganhou vossa paternidade. O modo não sei: excede a minha comprehensão; é de esperar que fosse christão e catholico...

O jesuita sorriu-se, e Diogo de Mendonça egualmente.

Acho-me em perfeito juizo!—proseguiu observando o sorriso—Mas se tivessem dictado um papel, fechados com um escrevente idiota, sem ninguem mais saber, e lhes succe-

desse o que me acontece a mim, o que diriam? Se ha magicos e feiticeiros por força um d'elles operou este prodigio...

—Creia mais em si, senhor frei João!—accudiu o jesuita—Os meios foram humanos, mas era-lhe impossivel prevenil-os. Fez o que estava da sua parte...

—Estou resignado!...—replicou o frade abaixando a cabeça—Confiei de mais em mim, e sou castigado. E' uma advertencia cruel, mas salutar.

—Senhor frei João, agora que nos conhecemos de perto, e que sabemos que um não deseja opprimir o outro, porque não ha de haver paz entre S. Domingos e S. Roque? Ninguem lucra com a discordia. Vossas reverendissimas porque perdem sem gloria; nós porque nos cansamos sem proveito. Acabemos isto.

—E o santo officio?—accudia o procurador vivamente, erguendo a cabeça.

—Se estiver bem comnosco, julga que nos poremos mal com elle? Defenda a fé; não desejamos outra coisa. A companhia é catholica apostolica romana...

—Bem! E a provisão do desembargo?

—Ah, frei João dos meus peccados! Ahi tornam os malditos arcos; não te passam da garganta!—exclamou rindo Diogo de Mendonça.

—Dava os arcos se me tirassem a vergonha.

—Veremos!—Talvez o remedio seja facil—disse o jesuita.

—Os remedios de vossa paternidade—accudiu sorrindo o pobre frei João—são tão fortes!... Tenho medo que algum me levante

agora de mais os arcos, que o outro ia arrazando.

—Então queria que a nossa vida se fosse n'isto! Vossa reverendissima a atirar-nos ao coração, e nós a fugir dos tiros? Pareceu melhor procurar por lá quem roubasse as balas...

—Fogo de polvora secca!—accudiu Diogo de Mendonça a rir e a esfregar as mãos.

—Senão aonde estaria a companhia?—replicou o jesuita.

—Poderei saber o nome do meu denunciante?—disse o frade com um peso de odio immenso na voz e na physionomia.

—Que é isso, Thomé das Chagas, o que faz ahi?—exclamava o ministro ao mesmo tempo, apercebendo colladas á porta entre-cerrada as longas orelhas do devoto.

—Estava em baixo, pediu-se agua, e mandaram-me com ella. E' coisa de cuidado? Nosso Senhor seja comnosco!

—Nada, passou. Leve a agua. Tome sentido. Domingo temos visitas á missa. Quero o oratorio e a sacristia como um palmito, percebe?

—Senhor frei João—respondia entretanto o padre Ventura—deixemos o peccador que elle se entregará. Asseguro-lhe que não torna a tel-o á sua ilharga... se formos amigos. Esta meia hora aqui não ha de ser perdida. Os antigos, que eram muito doutos, como sabe, disseram por isso que dois reis inimigos deviam conversar um dia antes de se declarar a guerra.

—De certo! Mas o peior de tudo é que eu não percebo. Sei só que levei uma lição.

—Assim é bom, frei João!...—atalhou o secretario—Vai descansado; não ha de transpirar nada.

—Nem deve!—accudiu o visitador.

—Quanto aos malditos arcos...—continuou Diogo de Mendonça.

—E' negocio concluido. O hospital levanta a renda, obrigo-me eu—disse o jesuita—Os adelos estão quatro palmos fóra do alinhamento; e o senado obriga-os a recolher; está prompto a fazel-o. Ora recolhidos os logares, os adelos entram por força para dentro, e ahi estão na propriedade do convento...

—E pagam irremissivelmente!—gritou frei João.

—Assim parece. Então o que diz?

—Acho excellente! E no meio dos meus planos passar-me este, de todo o mais simples!...

—As coisas simplices nem sempre occorrem. Depois faltava convencer o senado e o hospital, e não é facil!

—Frei João, estás a tremer de frio, estás pallido, não abuses—observou o secretario das mercês—Eu mando pôr a sege, e vai para o teu convento. Olha que domingo é o jantar de Lourenço Telles, e elle morre se nós faltamos.

—Adeus!—disse o dominico, que tinha a consciencia do triste papel, e mostrava repugnancia em deixar os dois aos piparotes na sombra—Sinto-me constipado e com dores de garganta... Senhor padre Ventura, a lição foi um pouco pesada, e peço tempo para convalescer...

—Mas o dito, dito?

—De certo. Espero que não julgue de mim por esta infeliz campanha...

—Os bońs generaes nem sempre as ganham...

—Mas fica-lhes a honra da retirada! Eu perdi tudo, armas e carretas.

—Acredite: digo-lhe que venceu mais do que podia esperar.

—Talvez!—respondeu já fóra da porta o frade com certa jovialidade—Mas Deus me livre de victorias similhantes.

Os dois riram de boa vontade. D'ahi a pouco ouviu-se rodar a sege. O visitador, chegando á janella, olhou por ella, e Diogo de Mendonça imitou-o. D'ahi voltaram-se um para o outro muito serios, repetindo ao mesmo tempo:

—Estou ás suas ordens!

Queria dizer isto que o intermedio comico tinha acabado, e que o verdadeiro drama ia começar. Vejamos como foi.

CAPITULO XXVII

A paz, ou a guerra?

Tinham apenas tornado a assentar-se, depois da sahida do dominico, quando o jesuita, voltando-se para o secretario das mercês, lhe disse:

—Sabe que estimo muito mais o nosso padre mestre, depois do encontro aqui?! Senhor Diogo de Mendonça, percebo agora porque gosta de jogar com elle. E' bom parceiro.

Ninguem era capaz de se levantar tão depressa de uma queda. Faça-se-lhe justiça!

—E' bom frade, e muito honrado—atalhou o ministro, fugindo á allusão.

—E grande sabio, segundo mostram os seus papeis. Deu-nos que fazer. Muito bem! Com elle está concluido; faltamos nòs. Quer que seja hoje o dia da paz universal?

—Pois acha-me cara de inimigo, senhor padre Ventura? Eu, tão devoto da companhia e terceiro da Senhora da Cadeia! Esperava mais justiça.

—Não o accusei! Desejando a paz universal, creio que desejo uma coisa santa. Se a quer, como eu, estamos de accordo, não ha necessidade de justificação.

Houve alguns momentos de pausa, em quanto ambos recolhiam as forças, dispondo-se para o conflicto. Nenhum d'elles ignorava, que a lucta era com um gigante.

Se o olhar podesse romper segredos bem guardados, a vista penetrante que trocaram ambos descobriria os pensamentos mais reconditos; mas eram physionomias costumadas a não trahir o que sentiam, quando o queriam occultar. Estavam certos de que era esta a maior partida da sua vida, e que tinham achado parceiro que sabia o jogo, e que não mostrava as cartas.

No jesuita, o unico signal de apprehensão, era uma luz mais intensa na vista, e a ruga frontal mais funda entre os sobrolhos. Conhecia-se que o espirito se exercitava, que a memoria se acerava, e que a razão, lucida e poderosa, escolhia no thesouro da experiencia e do saber as mais finas e provadas armas.

Prevendo a força do assalto, Diogo de Mendonça preparava-se para manter a defensiva com a serenidade quasi opaca do sorriso, e a egualdade calculada da expressão, decidido a aproveitar-se do menor descuido.

Esta pausa duraria alguns instantes. O secretario das mercês, tornando a cruzar a vista com o jesuita, pasmou do poder que elle exercia sobre si. O semblante parecia inalteravel: na espaçosa fronte não havia nuvens; e os olhos brilhavam sem uma sombra que lhes offuscasse a tranquillidade. Se o ouvido lhe escutasse as pulsações do coração não o sentiria bater mais forte do que antes, quando brincava, sorrindo-se com o orgulho iritavel do padre mestre. Era como se não houvesse nem sangue, nem nervos n'aquella privilegiada organização, em que tudo obedecia á vontade, e unicamente dominavam a intelligencia e o espirito!

O padre Ventura tambem consultava o rosto de Diogo de Mendonça, e ia animando o seu de um ar de riso, mais perigoso do que a ira. Principiando a falar, a voz desaffectada e natural parecia sustentar uma conversação indifferente. Ninguem diria que estes dois homens jogavam os maiores interesses da ambição e da monarchia, porque o instituto ainda valia mais ainda aos olhos do jesuita do que a corôa aos do ministro

—Pelo que noto—disse o padre, dirigindo-se ao interlocutor com a maior candura—queremos ambos a mesma coisa: vossa senhoria porque é politico e sabe que a paz sempre fez milagres; eu, (a todos os respeitos humilde) porque tenho fé no cumprimento das sagra-

das promessas. Quando Jesus Christo veiu ao mundo, os anjos cantaram «Gloria a Deus nas alturas e aos homens paz na terra!» Bem meditado, o Evangelho pouco mais diz; é verdade que dizendo isto, disse tudo... Queira desculpar! Parece que ia fazendo um dos meus sermões de missão... Puz-me a ensinar a lei ao mestre.

—Discipulo obscuro de vossa paternidade! Faz-me grande obsequio! Tambem entendo assim a religião, e prezo-me de a practicar, quanto o permittem as infinitas imperfeições de um peccador...

—Sempre fiz esse conceito de vossa senhoria. Um sabio e um catholico zeloso não podia falar de outra maneira...

Diogo de Mendonça ficou inalteravel; nem um só gesto ou movimento lhe escapou. Agradecendo com uma profunda cortezia, respondeu com a malicia dos olhos: «Percebo a tactica; mas sou de bronze!»

O padre Ventura olhava para elle, e sorria-se muito; e o seu sorriso perturbava o secretario das mercês. Por fim, illuminando o rosto de toda a sagacidade do seu espirito, o jesuita exclamou:

—Estamos sendo injustos, não lhe parece? Ha meia hora que a desconfiança nos tolhe e com medo de nos desentendermos, foge-nos o tempo, que é precioso. Dez minutos, cinco, sobejam para uma explicação clara. Senhor Diogo de Mendonça, supponha que somos dois embaixadores, ajustando uma alliança, conhecendo a força e a fraqueza um do outro, e percebendo que devem auxiliar-se para não cahir, Quer que falemos pondo a mascara

em cima da mesa? Deixe as finuras aos principiantes; homens da nossa experiencia riem-se d'ellas. Cartas na mão! Verdade e lizura!

— A proposta é seria?—disse Diogo de Mendonça sem mover um musculo da face.

—Positiva!—respondeu o padre, estendendo a mão.

—Acceito!—concluiu o ministro, rindo e apertando os dedos do italiano entre os seus mais cheios e nervosos.

—Abaixo a mascara!—exclamou o visitador rindo. E tez o gesto de tirar a sua, passando a mão pelo rosto.

Diogo de Mendonça imitou-o, accrescentando:

—Agora que findou a comedia, dir-me-ha vossa paternidade o segredo com que endoideceu o pobre frei João, tirando-lhe cópia de papeis fechados á chave?

—Mais de vagar, um instantinho, se dá licença!—replicou o jesuita sempre jovial—Antes de sabermos se é alliado, neutro, ou inimigo, não seria imprudencia mettel-o dentro de casa, e mostrar-lhe os nossos arcanos? Ha mais alguem no caso de frei João, e mesmo em peiores circumstancias.

—Não eu, por certo!—accudiu o secretario sorrindo-se por fóra, mas estremecendo interiormente com a lembrança da sciencia, que admirava ha tempos no padre confessor Sebastião de Magalhães.

—Não diga nada, senhor Diogo de Mendonça. E' o meu conselho.

—Pomos outra vez a mascara?—gritou o ministro um pouco sobre posse.

—Porque?—accudiu o padre.

—Porque antes de a tirar estava menos ás escuras.

—Não creia.

—Vejo. Demos só dois passos, e vossa paternidade retira de repente a mão, e deixa-me no labyrintho! Faço a primeira pergunta, e põe o dedo na bocca, sorrindo-se de um modo que me deixa crer...

—Que está menos forte do que o julgava! Ahi tem a utilidade de jogar com boas cartas. Se ainda tivesse a mascara, dizia-lhe que sim, ou talvez que não, e deixava-o precipitar...

Diogo de Mendonça mordeu-se interiormente. O parceiro já tinha duas vasas, e elle nenhuma. Entretanto continuou a conversação no mesmo tom.

—Muito bem! Ficaremos ás escuras, já que vossa paternidade não quer luz...

—E' por ora!... Depois tanta será ella que nos cegue.

—Mas em quanto esperamos—disse o secretario das mercês com ironia—ainda somos embaixadores para ajustar a alliança das duas potencias? Se percebi, foi esta a proposta de vossa paternidade?

—Percebeu, e excellentemente, como sempre.

—N'esse caso devemos ter poderes bastantes. comecemos pelas credenciaes.—Veremos como elle apara o bote!—murmurou o cortezão.

—Estou ás suas ordens!—respondeu serenamente o jesuita.—Trago aqui as minhas.

Diogo de Mendonça levantou-se, foi a um

contador da India embutido de ebano e madreperola, e tirou da gaveta um pergaminho com sellos pendentes. Ao mesmo tempo o padre tirava do bolso da roupeta um papel dobrado. Ambos trocaram os diplomas de mão para mão.

—E' a carta de nomeação do logar de secretario das mercês, datada de 24 de Março de 1704... Quatro mezes a contar da sua volta de Hespanha, em fins de dezembro de 1703! Muito bem! Acha as minhas tambem em regra?

—Certamente. E' o sello e a divisa do geral da companhia, authenticando a nomeação do Padre Julio Ventura na qualidade de visitador assistente nas provincias de Hespanha e Portugal... Diga-me vossa paternidade, parece-lhe que não haverá omissão?

—Em quaes?

—Em ambas, supponhamos.

—Hoje não: ámanhã, Deus sabe! Póde haver de mais em uma, e de menos na outra.

—Como?

—O senhor D. Pedro II...

—Está melhor! — exclamou o ministro apressadamente.

—Passou mal hontem, está hoje peior, e receio que nos dê desgosto grande por estes dias proximos—proseguiu o padre Ventura sem attender ás contorsões negativas do secretario.—Ora, fallecendo el-rei, a observação de vossa senhoria póde sahir certa, achando-se de mais talvez o seu nome n'essa carta, se o principe real não fizer tanto caso do seu serviço, como seu augusto pae.

Diogo de Mendonça, por mais esforços que

empregasse para se conter, empallideceu visivelmente. O jesuita sorria, continuando :

— Estão muito sujeitos a quedas os logares altos. E' a razão porque lhe dizia ainda agora que ha força e fraqueza relativa em cada um de nós.

— Então a proposta final de vossa paternidade?...

— Quer sabel-a?

— Estou ancioso.

— Pois eu digo. Se nos entendermos, é fazel-o primeiro ministro do novo rei, o senhor D. João v. Se quizer ser neutro, propor-lhe uma enviatura para Londres, ou para Italia. E se formos inimigos, ensinar-lhe a estrada do conde de Castello Melhor, com uma volta pelas Pedras de Angoxe, ou por outro qualquer presidio.

— A viagem, sobre tudo, pouco agradavel me parece! — respondeu o secretario aceirando o sorriso, e tornando os olhos duas settas na penetração.—Entretanto vossa paternidade creio que se esqueceu de uma coisa; e custa a conceber, porque o seu costume é lembrar-se de tudo...

— Talvez! Somos homens. Qual?... observou o jesuita gravemente.

— A difficuldade, não digo de proposito o impossivel, de haver um meio elastico de elevar o mesmo homem a primeiro ministro, ou de o desterrar no dia seguinte para a Costa de Africa... O despacho era preciso ser el-rei.

— Ou saber persuadir el-rei!

— Seja! Mas o degredo era preciso provar um crime de lesa-magestade...

— Exactamente.

— Um crime capital, e sinto dar este desgosto a vossa paternidade, mas não me accusa a consciencia de o ter commettido, nem acho ninguem capaz de m'o provar.

— Engana-se! O crime existe, e as provas tambem.

— Vossa paternidade fala serio? — Exclamou Diogo de Mendonça com extrema agitação.

— Não lhe disse que tirei a mascara? A luz dá-lhe nos olhos? Paciencia! Ainda ha de ser mais forte logo.

O secretario de um impeto levantou-se da cadeira, branco como a tira da camisa.

Depois olhou irreflectidamente para uma caixa marchetada, aonde tinha duas pistolas. Por outra precipitação, instinctiva tambem, foi á porta, verificou estar fechada. e correu o reposteiro. D'ahi voltou a passos lentos, cravou os olhos no padre como dois punhaes, e sentando-se outra vez contemplou-o em silencio por alguns instantes.

O jesuita tinha observado tudo. Quando o secretario fez o primeiro movimento para as armas, os olhos do visitador despediram um grande clarão; quando o ministro se rodeou de maior segredo, o padre respondeu-lhe com um sorriso á flor da bocca. Esperou assim calado as palavras do adversario.

—Vossa paternidade sabe que disse uma coisa que póde matar um de nós?—exclamou Diogo de Mendonça—E se lhe exigir as provas, se o obrigar a convencer-me?...—proseguiu em ar de mofa.

—Faço-lhe a vontade!—replicou o visitador com tranquillidade fulminante.

—Faz-me a vontade?...—gritou o secretario, na testa do qual já borbulhavam algumas gottas de suor—Veja bem! Um crime de lesa-magestade, pena de morte, ou de degredo perpetuo?

— Vejo perfeitamente! — observou o padre com extrema serenidade.

—E com tal segredo na mão ainda me propõe alliança?... Nada de falsa generosidade! Vossa paternidade póde dictar a lei...—exclamou o ministro tentando a diversão para conhecer melhor o inimigo.

O jesuita adivinhou a tactica e repelliu-a com a sua agudeza habitual.

—Deixe-me dar metade de partido. Gosto do jogo assim. Não tenha dó... Se quizesse, não lhe dizia nada, e duas horas depois da morte de el-rei vossa senhoria ia por um dos alçapões da torre abaixo!

—Noto da sua parte—accudiu Diogo de Mendonça — sympathias que não mereço... como explicarei?...

—Não explique... E' melhor. Olhe, nem é sympathia, nem coisa que o pareça. Os motivos não os descobre, se lh'os não disser.

—O que admiro é o sangue frio de vossa paternidade. Se não estivesse tão certo de mim, quasi que tinha medo. Não posso fazer-lhe maior elogio.

—Deixemo-nos de subtileza, senhor Diogo de Mendonça, já não somos crianças, e os homens como nós sempre são mais velhos do que a sua edade.

—Póde ser, mas eu nasci em 1658. Infinitas graças darei a Deus se não me fizer tambem mais velho depois de criminoso de estado.

—Conte assim só até aos vinte. Serviu em duas enviaturas; passou trabalhos, tem tido grandes cuidados,tem-se visto em não pequenos perigos; viveu o dobro d'esse tempo. Não se fie na folhinha e achar-se-he muito mais velho do que ella diz. Depois andou sobre as aguas do mar, e duas vezes fez naufragio ; por signal mostrou muito valor n'essa accasião...

—Obrigado a vossa paternidade ! Noto que sabe de cór a minha vida.

—Um embaixador a primeira coisa que estuda é a historia de todas as potencias. Seguem-se as memorias secretas... Tambem tenho as suas, e são bem pouco vulgares.

—Póde afoutamente dizel-o—accudiu o ministro em tom equivoco—Possue uma obra que nem o proprio auctor conhece.

—Ou que receia dar a conhecer?—atalhou o padre com ironia—Em todo o caso peço justiça. Suppõe que venho como o charlatão encarecer os meus elixires, e perturbar o seu socego?... Quando affirmo coisas d'este perigo (chamo-lhe o que é !) sei com toda certeza que não hei de ser desmentido. Acredite-me, senhor Diogo de Mendonça, existe o crime de lesa-magestade, e é facil convencel-o d'elle, tão facil como provar que é dia agora.

—Então porque não diz vossa paternidade tudo?—exclamou o ministro estremecendo por dentro, mas forte e animado na apparencia.

—Vossa senhoria manda!... Lembra-se de receber confidencialmente de el-rei nosso senhor um masso lacrado e sellado com ordem de não o abrir, e de o entregar fechado, depois da sua morte, nas proprias mãos de seu augusto filho o principe D. João?

—Perfeitamente! Até me foi entregue uma quinta feira á noite, 13 de abril de 1705, estando presente o padre Sebastião de Magalhães—disse o secretario carregando com affectação sobre o nome do confessor.

—Exactamente! Este masso eram as cartas autographas, em que a defunta rainha D. Maria Francisca e sua irmã a duqueza de Saboya escreveram grandes confidencias de estado... por signal encerram o segredo mais triste do governo de sua magestade. E' o que ainda hoje ignora o padre Sebastião, e o que vossa senhoria tambem não sabia então.

O secretario fez-se pallido e tornou-se grave. Assumindo um ar mais attento não poude conter-se, que não exclamasse:

—A noticia é curiosa!... Quem a revelaria a vossa paternidade!?...

—Naturalmente quem a foi dizer ao ouvido de vossa senhoria... O segredo era de um só, e estamos aqui dois sabendo-o como el-rei, que o occulta. Continuo. O masso, além d'isso tinha copias das cartas do prior Jacomo Spinelli á princeza sua ama, e como o prior observava tudo na côrte, e era muito propenso á satyra, ha mais de uma historia e de um retrato desagradavel nas suas cartas... sobre tudo a respeito de sua magestade el-rei nosso senhor.

—Mas é um prodigio!—gritou o ministro assombrado—O negocio mais secreto?!...

—E o peior de tudo é ser o mais desairoso do governo de el-rei D. Pedro!—accudiu o jesuita friamente.

—Mas quem o disse a vossa paternidade?!—instou o secretario transtornado.

—Ahi torna vossa senhoria ás perguntas capciosas! Não importa o modo. Se m'o não disse el-rei (e não era provavel) ou vossa senhoria m'o não revelou...

—Eu?!...—clamou o ministro recuando a cadeira.

—Por força o li em alguns papeis, não podia ser outra coisa. E até em uma d'essas cartas, a setima do primeiro masso, achei a causa da morte da princeza D. Isabel, a filha de el-rei que esteve justa...

—Vossa paternidade é magico?...

—Não senhor, sou curioso; e por isso vi o projecto de casamento da infanta, que Deus tem, com Victor Amadeu II, duque de Saboya, e sobrinho da rainha. E' de 1678. O duque de Cadaval chegou a ir depois a Nizza em uma nau para trazer o noivo, e voltou sem elle. No fim de uns poucos de annos rompeu-se a negociação, a rainha falleceu, e a côrte de Turim desculpou-se com a má saude do principe, encobrindo assim a sua falta de palavra... A victima de tudo foi a infanta, que tomou a peito a recusa de Saboya e morreu apaixonada.

— Não ha duvida — gritou Diogo de Mendonça — vossa paternidade leu as cartas!... Mas como, de que maneira, santo Deus?!...

—Da maneira por que li os recursos de frei João dos Remedios! Não lhe observei ha pouco a temeridade com que negava sem vêr?

— As minhas gavetas são mais seguras!

— E se eu lhe disser que não?

— Ainda pedirei licença para duvidar. Antes de pôr a mão nos papeis ha dois impossiveis a vencer: descobrir a chave aonde a guardo; e depois da chave adivinhar o segredo

com que ella abre. Como só um homem no mundo o conhece, e é Diogo de Mendonça Corte Real, servo de vossa paternidade, estou inteiramente socegado.

— Faz mal!

—Posso jurar que tenho o deposito fiel e intacto.

— Jura falso! O deposito não está intacto, porque lhe levantaram o sello; e porque d'elle nem a capa sequer ficou na sua mão!

— Senhor padre Ventura, isto é uma scena de Molière? — gritou o secretario aterrado por dentro, mais ainda da confiança do visitador do que do sentido das palavras.

— Não faça escarneo de Molière! Apezar de nosso inimigo era grande poeta. Lembre-se vossa senhoria de que algumas de suas comedias são mais verdadeiras do que muitos livros serios. Occorre-me que se elle fosse vivo e estivesse aqui entre nós dois, compunha de certo uma peça nova, por exemplo: O *Infiel Depositario*.

— Repito a vossa paternidade, que hei de restituir os papeis como os recebi.

— E eu repito a vossa senhoria que não, porque os não tem.

Diogo de Mendonça sentiu uma dor vaga sobre o coração, e pareceu-lhe que um arripio de gelo lhe levantava os cabellos sobre a raiz. Com a precipitação do homem que sonha com a morte, e acordando espavorido se apalpa para repellir a illusão, levantou-se da cadeira arrebatadamente, e de pé exclamou virado para o jesuita:

— Se promette não revelar o segredo, vou convencel-o!

— Póde ficar certo! Em sahindo d'aqui esqueceu-me tudo.

— Desengane-se pois!

E o secretario dirigiu-se á livraria, e ainda confuso e perturbado parou um pouco junto da primeira estante. Ao mesmo tempo o padre Ventura, risonho e obsequioso, dizia-lhe do meio da porta do gabinete particular aonde tinha estado até então:

— Se procura a chave do seu cofre é na segunda estante, a columna da parede; o botão escondido pelo volume das obras de Santo Agostinho. Acha-a no vasado do pedestal, um pouco para o fundo.

Diogo de Mendonça, no instante em que as palavras do visitador lhe entraram pela cabeça como balas, ainda não tinha olhado para o sitio indicado. Ouvindo-o, fez-se pallido, desfigurou-se-lhe o rosto, e lançando-lhe um olhar de odio, de agonia e de terror, como Lucifer devia lançar ao archanjo, recuou e tremeu. Depois com um mar de fogo deante da vista, e o coração alvoroçado dentro do peito, precipitou-se, abriu o segredo, tirou a chave, e com ella fechada nos dedos tornou a entrar no gabinete, aonde ficou na dolorosa suspensão de quem antes de se precipitar de uma grande altura calcúla que de noventa probabilidades só uma poderá cahir em seu favor.

— O cofre é aquelle — continuou o jesuita — bonita peça! Se lhe tirar as duas carrancas douradas, e os pregos que prendem o jogo da fechadura, a chave dá tres voltas para a direita, e a tampa salta. Segredo inventado em Goa. Vi já um contador similhante: toda a

differença era ser a volta para a esquerda.

O secretario das mercês parecia defuncto. Cahiu-lhe a chave; injectaram-se-lhe os olhos; e nos cantos da bocca, repuxados pelas convulsões da afflicção, apparecia espuma, manchada de sangue. Esteve assim minutos. Depois com a desesperação resoluta de quem joga a vida, abriu o cofre e metteu a mão. Estava completamente vasio. O crime de lesa-magestade existia! O depositario tinha trahido o rei!

No primeiro instante a dor fez vergar o ministro. Sentiu que o sangue, acceso em torrentes de lume, lhe subia á cabeça, relampejando-lhe a vista, e apagando-se-lhe as ideias. Machinalmente, o primeiro impeto foi estender a mão para as pistolas postas perto do cofre, e satisfazer o instincto da vingança. Se voassem os miolos do jesuita, o segredo da sua ruina ficaria morto com elle, e restava-lhe o tempo de se evadir. Foi só um impeto; um accesso de loucura instantanea, logo acalmada pela reflexão. Depois, envergonhado de si, assentou-se com o rosto entre as mãos, e os olhos baixos, deixando correr o espirito por cima do abysmo das paixões com que luctava. Aquelle engenho firme e orgulhoso rastejava agora vergado como na segunda infancia da velhice o entendimento e o animo se quebram sentindo-se fracos.

O padre Ventura contemplava-o. A sua physionomia meditativa era a elegia muda d'esta immensa queda. O cortezão primoroso, o ministro previdente e sabio, o comediante consummado em representar todos os sentimentos, estava alli em presença d'elle nu de coração, despido de disfarce, inerme e venci-

do! Por um lado que triumpho; por outro que lição!... O jesuita asssim o entendeu.

A pouco e pouco os olhos e as mãos foram-se levantando ao céu com o espirito, e pelo silencio solemne, que havia em torno d'aquelle martyrio, passou o murmurio das orações, que o padre elevava aos pés de Deus.

Eram acções de graças, eram supplicas?

Talvez ambas as coisas!... D'este dia em deante Diogo de Mendonça era seu e da companhia. O visitador acabava de confirmar por esta victoria no reinado que ia abrir-se a dominação quasi omnipotente do instituto, cuja gloria era a paixão unica da sua laboriosa e agitada vida.

Erguendo os olhos de repente, o ministro ainda viu parte do gesto do jesuita, e, apezar da tempestade do cerebro, o ouvido percebeu o murmurio das orações. Assim contrito e humilhado deante da suprema sabedoria, com a fronte radiosa de fé, a figura do padre tinha a nobreza, a inspiração e a poesia da grande imagem de um antigo patriarcha. Diogo de Mendonça, contemplando pequeno deante de Deus o homem forte, teve pejo da propria fraqueza, e ousou elevar o coração ás consolações da esperança, e subir com a intelligencia á dignidade do dever. O sentimento moral venceu. A consciencia fortificou-o. A alma crente rompeu pelas trevas da tribulação e do desespero para se abraçar com Deus, pedindo constancia para a lucta, e graça para o sacrificio.

Quando se levantou estava salvo. Era outra vez o homem antigo, menos o artificio e a duplicidade; e tornava-se capaz de grandes

acções, porque tinha reassumido a força d'onde ellas emanam. Medindo os perigos e os abysmos que o rodeavam com a serenidade do valor, preparou-se para o ultimo combate, resolvido a perder tudo, menos a honra, e o respeito de si mesmo. Por um esforço quasi sobrenatural obrigou o espirito a socegar e a obedecer; o rosto a compor-se grave e resoluto: a vista a não esconder nada, mas a mostrar-se firme. Percebeu com a sua intuição superior, que a maneira de não succumbir era verem-n'o disposto a soffrer tudo. Em vez de o retirar levou com decisão á bocca o calix da amargura.

Assim, n'esta scena intima, ambos os actores se elevaram. O jesuita adorando a Deus; Diogo de Mendonça levantando um throno com as ruinas do seu poder.

A revolução moral operou-se nos dois em poucos instantes. Olhando um para o outro, passada ella, disseram comsigo «achei um homem!»

—Vossa paternidade tinha razão—disse o secretario, tornando a sentar-se no seu antigo logar, e convidando o padre a fazer o mesmo —Os papeis foram roubados. O crime existe...

—Bem vê! Percebe as consequencias da publicação do segredo?...

—Póde custar-me a cabeça... Percebo perfeitamente! Accrescentarei só uma coisa. Erraram se contam com o medo do criminoso... Em que não tiveram razão foi em se persuadirem de que Diogo de Mendonça se lhes deitaria aos pés com temor da morte, ou se venderia com o susto de cahir na maior desgraça... Tirado isto, o plano é digno de elogio.

O visitador não pôde occultar a sombra de cuidado que lhe passou n'este momento, como uma nuvem, pela espaçosa fronte. No fundo do coração applaudia o secretario das mercês, mesmo prevendo que o combate ia renovar-se, e d'esta vez com vantagem do contrario. Este proseguiu:

—Sei que estou perdido; não me illudo. Dentro de um mez, de duas semanas, de alguns dias, não sei como, nem quando, a revelação do segredo de estado ha de cahir-me de repente sobre a cabeça, e anniquilar-me...

—Supponha, por exemplo, que o masso vai ter ás mãos de el-rei de França ou de seu neto o pretendente de Hespanha?...— observou o padre com intenção.

—E' o que me estava occorrendo agora. Uma gazeta patenteia aos olhos da Europa o desaire da corôa de Portugal, e as cartas do prior Spinelli contra as conhecidas virtudes do senhor D. Pedro II, que Deus guarde? Vossa paternidade desejava insinuar-me isso? Apenas achei de menos os papeis, logo previ. Avalio o uso que póde fazer a companhia das armas que possue... Mas, como vê, tenho valor para encarar a verdade. Resta, pois, optar entre uma desgraça e uma infamia; e dão-me a escolha. Se me fizer seu escravo, e fôr traidor a el-rei, promettem accudir-me: são os termos do pacto? Bem! a minha resposta é que estou resolvido a ir para o presidio, para as pedras d'Angoxe, ou para a prisão perpetua da torre!... Já que tive a primeira imprudencia, consolar-me-hei com a segunda. Prefiro a desgraça; não acceito a deshonra. Estou prompto! Quando fôr tempo póde man-

dar-me o roteiro da viagem do conde de Castello Melhor... Fique certo de que não fujo,

—Ainda ha uma terceira coisa que omittiu. e não lhe fica mal!— accudiu o padre Ventura com apparente serenidade.

—A enviatura para fóra do reino? Tiramos a mascara, senhor padre visitador, e não quero illudil-o. A enviatura é o desterro disfarçado, e a minha neutralidade póde ser mais infame do que uma traição... Recuso! Se o julgar preciso, vossa paternidade responderá em S. Roque que Diogo de Mendonça Côrte Real disse que não se queria vender. E' provavel que lá se admirem. Contavam com isso.

—E sabe se a companhia pede coisa que fique mal ao seu caracter?

—Nem pergunto! Cartas na mão, disse vossa paternidade. Bem! Dou as que tenho; entrego o jogo; que mais quer? Os meios por que me roubaram o deposito de el-rei... (por grandeza da alma não desejo abater os meus vencedores) asseguro-lhe que os não invejo, nem para adquirir dois palmos de terra!... A minha unica vingança é ter dó d'elles e de quem os emprega. Tenho experiencia e uso do mundo. Incommodava-os; desviam-me: não me queixo.

—Suppõe então a companhia capaz de se introduzir em sua casa, e de lhe devassar os segredos? Accusa-me talvez a mim proprio de ser o principal agente?...

—Torno a repetir a vossa paternidade, despréso tudo isso!

—Seja mais justo! A companhia quer amigos, e precisa d'elles, mas não os compra. Os traidores são instrumentos, e não amigos...

Senhor Diogo de Mendonça, veja aquelle espelho alli defronte da sua estante e da porta! Quer o delator mais claro? Ponha alguem a espreitar e o segredo está descoberto. Agora diga: não haverá quem tenha um cofre similhante?

—Não conheço!

—Examine melhor e achará. Se não me engano até muito perto de sua casa, no fim d'aquelle corredor...

—Como?... E' possivel que...

—Pois anda procurando o ladrão na rua, e não lhe occorre que o peior é o ladrão de casa?... Roque Monteiro Paim não será o mais interessado em se desfazer do unico emulo capaz de o offuscar?

—Roque Monteiro!...—exclamou o secretario fulminado.—A minha honra, o meu segredo nas mãos de Roque Monteiro!? Vossa paternidade está certo?

D'esta vez é que Diogo de Mendonça se julgou completamente perdido. A razão era simples. A companhia dava-lhe a escolher entre a paz e a guera; o secretario de estado, inimigo capital, não se contentava senão com a sua ruina. Apezar de toda a constancia, mesmo com toda a grandeza de alma que o impedia de cahir em objecções, perdeu quasi a luz dos olhos, e a pallidez a cada momento maior fez-lhe o semblante de jaspe. Os beiços tremiam como as folhas açoutadas pelo vento.

O jesuita compadeceu-se. Admirava as faculdades do ministro. As sombras do artificio, que tantas vezes desmanchavam a verdadeira elevação do seu espirito, não podiam achar muito austero censor em um politico italiano.

Diogo de Mendonça, convertendo a sua desgraça em defeza e resistencia, e depois de vencido não se entregando indecorosamente, era o homem indispensavel da companhia aos olhos d'este competente apreciador. Percebia o plano, e applaudia-o! N'esta occasião o secretario com a verdade na bocca e a honra por escudo parecia-lhe mais habil, mais invulneravel e diplomatico do que nunca.

Usando dos foros da desgraça, tomára de direito o melhor papel, e deixava o peior á companhia pela evidencia da coacção. Depois de a perceber, restava contrariar a manobra, coisa difficil mesmo para o padre Ventura.

Uma vez ainda, durante este duello, realçado de novos lances a cada instante, o jesuita viu quasi escapar-lhe a victoria das mãos quando a julgára ganha. Não tinha vindo assistir alli á ruina de um inimigo, nem comprar um servo por mais uma ou duas convulsões de medo; por maiores ou menores promessas de fortuna; tinha vindo fazer um amigo, e esses ganham-se pela estimação, e pelo respeito. Queria convencer o estadista de que as ideias de ambos eram as mesmas, e que os interesses do reino e os da sociedade de Santo Ignacio podiam ser communs. Para isto devia seduzir o coração, e attrahir o espirito pela decifração sincera do instituto.

Coagida não acceitava a amizade do ministro. Revelando-lhe o roubo dos papeis tinha tentado uma experiencia sobre a força da alma d'elle, mostrando-lhe ao mesmo tempo que os braços da companhia eram compridos, e sabiam chegar longe; nunca lhe passou pela mente mais do que isto. Se orou a Deus em

acção de graças deante da sua derrota, e o julgou decidido a contar d'aquella hora, é porque lhe podia tornar clara como o dia a necessidade de se unir com a sociedade para não succumbir. Em todo o caso a sua ideia era obter o espontaneo auxilio de um alliado, e não o serviço venal de um escravo; e o visitador não era homem que cedesse facilmente de um plano assente, porque o não formava sem reflexão e exame.

Esperou por isso a opportunidade, e lançou de repente no meio dos calculos do ministro o nome de Roque Monteiro. Appellando para a verdade, e partindo da dignidade moral, puxou esta carta, a ultima, e confiou-lhe a sorte da partida. O effeito foi qual o desejava. Desde que não era auctora, mas apenas sabedora do facto, a companhia de Jesus, sem deshonrar o secretario aos seus proprios olhos, podia estender-lhe a mão, e assignar com elle o tractado. Eram duas potencias que se estimavam e se uniam, marchando juntas a fins em geral diversos, porém communs a alguns respeitos; ella da sustentação da sua monarchia religiosa, elle da gloria da corôa e da pacificação geral. Qualquer das missões merecia inveja!

Portanto, dando á expressão tranquilla da physionomia um caracter mais severo, o jesuita exclamou:

—Senhor Diogo de Mendonça, não accuse a companhia, accuse os seus inimigos, que tambem o são *por ora* d'ella. Roque Monteiro pagou a um Judas para o entregar. Não faça juizos temerarios, não se precipite com suspeitas condemnando o innocente!... ainda não

é tempo de apparecer a verdade. O seu espelho descobriu o maior segredo, como lhe disse; e o outro facil era de achar, sendo irmãos os cofres,

—E quem disse a Roque Monteiro que eu tinha os papeis?

—Provavelmente el-rei!

—Agora me occorre! Faz tres semanas abri o segredo. Por inadvertencia deixei encostada a porta...

—E alguem queria ver, e viu? Lembra-se do dia?

—Era santificado. Tinha havido missa.

—Assim o suppuz.

—E vossa paternidade como o soube?—perguntou o secretario com um resto de desconfiança.

—Como Christo soube que o vendiam; falei com Judas. Ahi tem porque ainda agora lhe disse que estava na mão da companhia fazel-o primeiro ministro, ou deixal-o desterrar para os presidios d'Africa. Acha-se no caso de julgar. Não lhe menti sustentando que uns sem os outros eramos relativamente fracos. Quer que sejamos sempre os mesmos plenipotenciarios, e que ajustemos o mutuo auxilio que nos é preciso para debellarmos o inimigo commum? Assigna-se o tractado nos termos em que o propuz?

O secretario das mercês estava commovido. Depois de irremissivelmente arruinado, offereciam-lhe as mesmas condições. Esta generosidade, esta confiança, acabou de o vencer. O coração já tinha accedido; arrazados de lagrimas, os olhos já tinham falado; e ainda a bocca era muda e a fronte pensativa pendia so-

bre o peito! Por fim, envolvendo o padre em um olhar profundo e lento, disse-lhe:

— De duas potencias, que pareciamos ser no principio, ha só uma agora: é vossa paternidade. A outra bem viu como era fragil; com uma palavra sua cahiu por terra! Com que posso concorrer para a alliança se ámanhã, se hoje mesmo estou sujeito a jazer em uma torre?...

— Concorre com a pessoa, com o saber, com o seu coração, sobre tudo!... Senhor Diogo de Mendonça, respeito os escrupulos, estimo a probidade. Assim, com a alma nas mãos, o homem e a humanidade não lhe parece que ganham mais? Desgraçadamente não é possivel sempre! Ha venenos que nos matam se tirarmos a mascara. Paciencia! O mundo todos os dias se melhora, deixe dizer os misanthrophos! Estou percebendo as suas apprehensões. Cuida que vou pedir-lhe grandes sacrificios como prova da sua amisade? Socegue! Sei o que offereço e o que dou, mas tambem conheço o que recebo. Vossa senhoria acceitando põe-me quasi em divida...

— Padre Ventura — exclamou o ministro — se a companhia se lhe assemelha no coração e na doutrina, digo que a tenho calumniado!

Veja o que são as coisas! Ha mais gloria para mim e para ella em a verdade lhe arrancar essa confissão, do que em honrarmos um acto de justiça com o seu nome! Olhe, eu sou o fructo, e a sociedade a arvore. Medite as palavras de Christo, e ha de achar que a obra é sempre menos do que o auctor. Perdoe a comparação. A companhia sabe o que preci-

sa? E' de mais homens e de menos terras. Está rica; occupa muito logar nos dois mundos; eis o seu mal e o seu perigo. Devemos obrigal-a a ser zelosa e caritativa, fazendo-a mais pobre. Convem levantar-lhe os olhos de cima dos rebanhos e da grossura das riquezas, e voltar-lh'os piedosos para a vida de Jesus Christo, cuja imitação foi o seu voto... Esta grande reforma, que a ha de salvar, e a nós com ella, deve tentar-se! Acredite: depois de mais de dois seculos de gloria e de dominio, a companhia cahirá, mas não ha de cahir só! Uma empreza tal, intentada com unidade de ideias e de meios por um ministro sabio, amigo, e não lisongeiro nosso, e por um prelado forte de vontade, como o geral que represento, sinto, adivinho que não póde ficar obscura, nem esteril na acção do mundo... Quer ajudar-nos a povoar os desertos e a fazer homens dos selvagens? Auxilia-nos para um terceiro, cheio de cobiça e de inveja, não pôr mãos violentas no thesouro alheio, destruindo em um dia o que levantamos em muitos annos?... Dê á companhia fôrça e auctoridade no Brazil e na India, para que Roma não converta a Asia e a America em feitorias apostolicas, e em troca offereço-lhe mais de tres milhões de homens instruidos e civilisados por nós... Com elles e comnosco el-rei de Portugal não encontrará impossiveis. Por mais alto que eleve o desejo poderá realisal-o... Acaso sabia D. Manuel que havia de morrer tendo metade do mundo por seu vassallo ou tributario?

O ministro olhava para o padre, e abraçava o seu espirito com o d'elle. Este plano profundo, que tendia a fortificar a monarchia com

os esteios naturaes da unidade absoluta, exposto pelo jesuita em toda a simplicidade de um pensamento lucido, acabou de captivar a Diogo de Mendonça. Admirando a grandeza da ideia e concebendo a elevacão do seu papel no drama projectado, rendeu-se á sociedade de Jesus tão convencido de intelligencia, como vencido de coração. Effectivamente nos primeiros annos do seculo dezoito quem ousaria subir mais alto que estes dois homens em um plano de reforma? Ramos diversos do mesmo tronco, o poder absoluto era a formula em que ambos acreditavam; a soberania do direito divino, a origem de que a derivavam. Na unidade de movimentos e de ideias resumiam tudo. Um, porque a obediencia passiva era o dogma fundamental do seu instituto; o outro, porque não podia ver além do seu tempo e da sua educação.

— Quando quer vossa paternidade que a paz universal seja proclamada? — disse o ministro sorrindo e apertando a mão do jesuita.

— No dia em que o primeiro secretario de estado se chamar Diogo de Mendonça.

— E até lá?

— Segredo!

— E os nossos inimigos?

— Que nos julguem adormecidos. E' o melhor.

— Mas Roque Monteiro Paim?

— Deixe! Dias depois da morte de el-rei D. Pedro, que Deus avivente muitos annos, prophetiso-lhe que Roque Monteiro, uma bella manhã, acha o tempo lindo e tem saudades da provincia. Faz de certo uma jornada. Verá.

— Então os papeis de estado?

— Elle é temente a Deus, ha de restituil-os... em pessoa. A lição deve ser grande.

— E a companhia?

— Pede só que a julgue pelas obras. Se tiver espaço e quizer, despache-lhe até depois de ámanhã o negocio dos quindenios, que veiu de D. Thomaz de Almeida para a sua mão.

— Mas aconselhei a el-rei que prohibisse o pagamente!

— Optimo! Excellente! Tambem eu disse a mesma coisa. Resolva d'esse modo, mas resolva depressa; é o essencial.

— Se el-rei está tão mal, não vejo a utilidade...

— Vejo eu! Olhe, se el-rei podesse escapar pedia-lhe que atirasse com os papeis para o fundo da gaveta mas assim toda a brevidade é demora. Os tres dias de um reinado novo são como as sentenças do juiz de fóra na primeira instancia. Aonde o outro poz *sim*, escreve elle *não* para se mostrar senhor das leis!

— Percebo, padre visitador! A companhia quer pagar os quindenios?

— A companhia não; o prelado da provincia não sei. São negocios caseiros em que não entro. Em todo o caso é com elle e com el-rei Quer um conselho?

— Ouvirei.

— Esta tarde passe pela Corte Real e beije a mão ao principe D. João. Sua alteza ha de estimar; e estas coisas costumam servir depois... — disse o padre pegando no chapéu.

— Então julga vossa paternidade?... — acudiu o secretario, acompanhando-o.

— Que dia é hoje? — interrompeu o jesuita sahindo já do quarto.

— Quinta feira! — replicou o ministro admirado.

— Julgo — murmurou-lhe ao ouvido o visitador — que dentro de poucos dias haverá rei e ministro novo; e n'essa tarde espero em Deus assignaremos o tractado de paz universal na varanda de S. Roque. Não se esqueça vossa senhoria de me recommendar com muitas lembranças ao padre procurador de S. Domingos; fiquei muito seu affeiçoado. Quanto á nossa ida a Santa Clara, de que lhe falei antes de elle vir, ámanhã de manhã ás nove horas!

Diogo de Mendonça fez a ultima cortezia e recolheu-se. Passando pelo espelho, olhou e achou-se com o rosto tão livido, que parecia ter-se levantado do leito da morte.

— Estou salvo! — exclamou respirando alto e desopprimido — mas que homem, que homem aquelle! Mais duas luctas assim, e duvido que Cezar mesmo resistisse. Milciades! — accrescentou ao escravo preto, que chamára com a campainha — dirás a todos que me procurarem, a todos, ouves? menos ao senhor Roque Monteiro Paim, *meu particular amigo*, que teu senhor sahiu á quinta, e não volta senão á noite.

Dito isto fechou o cofre dos papeis ainda aberto, e pegando no seu Horacio principiou a reler a famosa ode — *Justum et tenacem*, — limpando a miudo a testa do suor frio, que ainda lhe fazia borbulhar a ideia dos passados perigos.

CAPITULO XXVIII

Não ha gosto sem pesar

A manhã estava linda. Os raios do sol, escapando-se por entre as cortinas da janella, espreguiçavam-se sobre o velador que Lourenço Telles tinha deante de si.

O erudito em trajos caseiros, rodeado de livros, levantava a miudo os olhos envidraçados nos oculos, pasmando-os no tecto com expansivo regosijo. Ao lado direito da sua poltrona via-se a peanha com a gaiola do inevitavel papagaio. A seus pés encaracolava-se o indolente e fiel Minette em beatifica somnolencia. Os mandarins de porcellana tremiam as cabeças veneraveis em cima dos contadores; e a escrivaninha, com a penna esquecida no tinteiro, era alvo dos gestos frequentes e contradictorios do commentador. De repente o latinista pousando o volume, e extasiando a vista exclamou:

Audax Japeti genus
Ignem fraude mala gentibus intulit!

—Um critico vulgar—murmurou meneando a cabeça—abraçava aqui a nuvem pela deusa. Japeto? Que achado! E' o patriarcha hebreu?! Horacio conheceu a Biblia?! E não lhes occorre que se tracta do Titão que roubou ao céu a luz da vida. Hei de propor a duvida ao abbade Silva. Aposto já que sua illustrissima responde que tirou o caso a lim-

po em algum manuscripto rarissimo, d'aquelles que só elle acha! E' um inventor! Em fim, defeitos quem não os terá? Que é isso, louro? O almoço tarda?... Ah, Minette, se não te accommodas! Quero apalpar o padre italiano; veremos como explica a allusão de Horacio. Diogo de Mendonça faz-lhe grandes elogios, e apezar de se enganar algumas vezes, os seus juizos em critica merecem credito... *Audax genus!* Que phrase! Quantos volumes em duas palavras! Mas o abbade julga os modernos superiores; ri-se de Tacito; e não sei se leva a vaidade ao atrevimento de depremir o proprio Cicero. E' capaz d'isso.

O soliloquio parou aqui. Os olhos do commendador tornaram a pousar-se na famosa ode, da qual novamente se levantaram extaticos. Declinando das alturas, a vista do antiquario subitamente encontrou a longa e solemne figura do seu escudeiro, perfilada entre portas com um cartaz de más noticias nos esguios e escaveirados queixos.

—Ah Jasmin! Temos novidade? Entre!

Revestindo-se de ar prazenteiro, Lourenço Telles marcou o livro mettendo os oculos entre as folhas; depois, encostando os cotovellos aos braços da cadeira, e afagando a barba com os dedos, ornou a bocca meio sorvida de um sorriso benigno, indicio de que o seu espirito se dignava baixar das sublimes regiões aos cuidados prosaicos. N'este meio tempo o escudeiro, approximando-se a passos lentos, aproveitava a pausa para restabelecer o equilibrio entre os rabichos recalcitrantes da montanhosa cabelleira.

Cheirando uma

rosamente, o erudito principiou o dialogo por um interrogatorio.

—Visitou a copa, Jasmin? Os quatro fructeiros de prata, que eu disse?

—Estão promptos. Falta o doce.

—Está no meu quarto. Aquellas duas caixas douradas...

—O senhor commendador quer dizer que estavam!?—observou Jasmin fazendo uma visagem.

—Sei o que disse, Jasmin!—accudiu o latinista um pouco severo—Procure em cima da papeleira as duas caixas.

—Vasias?!—exclamou o escudeiro inflexivel.

—Vasias?!—exclamou o amo, sobresaltado —Como? Se ainda não se abriram?

—Prouvera a Deus! As caixas estão lá, mas o doce é que se foi.

—Foi-se? As melhores escorcioneiras de Portugal?—gritou o antiquario com impeto, e aclarando a fala—Jasmin, ordeno-lhe que me declare o nome do salteador. Quem saqueou o doce?

—O criado do senhor capitão Philippe!

—Comeu tudo? Sepultou no immundo estomago as delicias da minha sobremeza?

—Deixou as mortalhas das caixas para memoria!—concluiu Jasmin com admiravel concisão.

Lourenço Telles ergueu os olhos e as mãos ao tecto. Depois com a vista chammejante gritou batendo raivoso o pé:

—São diabruras de meu sobrinho! Philippe é que tem a culpa! N'esta casa não ha socego em quanto elle não sahir, ainda que seja pela janella. Não contente de me arruinar por suas

mãos, introduz-me em casa o flagello de um lacaio goloso como as arpias, e feio como Asmodeu, terror de Minette e escarneo da visinhança... E' de mais! Estou divertido! Jasmin, chame Domingos José Chaves, e despeça-o da minha parte.

—Hoje?—perguntou o escudeiro reprimindo o jubilo.

—Immediatamente!—insistiu o erudito.

A verdade era que Jasmin detestava o honrado Domingos pela libertinagem da lingua, e pela insubordinação dos actos. Primeiro ministro na economia domestica não podia supportar os chascos, as momices e as contrafacções burlescas com que o Diogenes de Philippe o perseguia em casa, na rua, e até na egreja, arremedando-lhe a gravidade do gesto e a seriedade de rosto. Por cumulo de audacia o delinquente levára o arrojo a ponto de lhe sonegar a cabelleira em quanto dormia, e de enfeitar com os seus empoados cachos a caveira do demonio de buxo tentador de Eva, que servia de ornato a um dos angulos do jardim. Desde esse dia o escudeiro protestou vingar-se. Seguiu todos os passos do truão silenciosamente, e facilitou-lhe até as occasiões.

Não era preciso muito. A gula e a ligeireza de mãos de Domingos irremissivelmente o haviam de precipitar. Depois da aventura em casa do abbade Silva, e do attentado contra as ameixas doces e os sete sabios da Grecia, dedicou-se ás caixas de escorcioneira do commendador. Jasmin deu pelo assalto, mas fingiu-se desapercebido. Deixou consummar o crime, tomando a precaução de colligir as

provas. Foi assim que Domingos José Chaves perdeu o seu decimo-nono amo por ter feito de um demonio de buxo a publica fórma do escudeiro francez de Lourenço Telles.

O erudito estava enfiado. Voltando-se com vivacidade para Jasmin, exclamou:

—Aonde foi esta gente? Minha sobrinha Magdalena?...

—Acompanha o senhor capitão ao almoço! —respondeu o escudeiro gravemente.

—Para lhe tirar o fastio? E minha neta Cecilia?

—Foi pregar a tira do senhor capitão.

—Excellente! Aquelle Adonis! As graças são poucas para o servir — gritou o antiquario exacerbado—Aposto que Thereza?...

—Fechou-se no seu quarto para acabar os punhos do senhor capitão.

—Cada vez melhor! E o almoço do meu papagaio? Primeiro os punhos do senhor capitão: — *avant tout le roi!* E Jeronymo?

—Disse que ia arranjar um espadim novo para o senhor capitão...

—O senhor capitão é um flagello—bradou fóra de si o latinista, dando com o punho fechado em cima do velador.—Note, Jasmin, o unico hospede n'esta casa sou eu, o dono d'ella! Não me dirão quando é o beijamão do Senhor Philippe?

O escudeiro coffiou de leve a peruca e encolheu os hombros. Era evidente que o relatorio havia de ser extenso, vista a perplexidade do orador. Lourenço Telles, abordoando-se á bengala, passeava, soltando imprecações classicas e murmurando por entre as gengivas algumas palavras menos cortezes, ar-

rancadas pela ira, e contidas pela polidez, que não se esquecia de guardar, mesmo deante de um famulo. No fim de algumas voltas pela casa tornou a asentar-se, e dirigindo-se ao criado valido, perguntou:

—Que horas são?

—Nove em ponto.

— E o jantar?...

— Antes da uma.

— Dê-me o chambre de setim-primavera.

— Levou hontem o senhor capitão — disse Jasmin serenamente.

— O meu chambre? — accudiu o antiquario espantado — Elle cuida que a guarda roupa é herança jacente?

— Achou-o bonito, e disse-me que lhe parecia muito claro para a edade do senhor commendador...

— Famoso! — interrompeu o velho sabio n'uma convulsão de raiva, esfregando as mãos com rapidez — Qualquer dia põe-me por demente, e declara-se meu tutor... Isto não pode continuar. O selvagem arruina-me e despe-me. Santo nome de Deus!... Nem os chambres! O senhor abbade Silva não veiu?

— O senhor abbade está na copa.

— Ai!... Então as desgraças d'este funesto dia estão ainda no principio! O abbade encarrega-se de azedar as compotas, e de envenenar de colicas os confeitos! Um homem que accusa Tacito de obscuro, e acha o Ariosto incomparavel!? Jasmin, por bons modos accuda á copa. Ha lá grande desastre se o abbade se demora. *Caveant consules!*

— Está bem acompanhado! Depois de ensinar a desossar os dois perús de recheio á ita-

liana, ajuda a armar uma galera de alcorce ao pastelleiro. E' um *triumpho* lindo para o meio da meza.

—Bem! E meu sobrinho? Acautele-se, Jasmin.

— O senhor capitão para o almoço tirou as duas melhores perdizes!

— Famoso!

— E bebeu o vinho da garrafa verde lacrada...

—Ah! sacrilego! — exclamou o commendador apertando as mãos na cabeça. Querem ver que entornou no estomago o meu vinho mais precioso? Animo, Jasmin! Diga tudo; tenho valor. Era o lacrima-Christi, o meu nectar com tantos annos de casa?

O escudeiro com uma nenia no semblante inclinou a cabeça. A este aceno funebre o velho erudito desfallecido recostou-se n'uma cadeira. Este ultimo golpe excedia em fim toda a sua longanimidade.

— Mas quem deu o vinho ao senhor Philippe? — gritou levantando-se.

— Ninguem! O senhor capitão tomou-o.

— Aonde?

— Das mãos do senhor abbade.

— *Hoc fonte derivata clades!* D'essa origem nasceu a ruina!... — observou Lourenço Telles desanimado — Fui propheta. O maior desastre veiu da mão do abbade. O meu vinho profanado por Philippe!... conte-me tudo...

— O senhor abbade estava na copa passando o nectar com mil cuidados. Entra n'este meio tempo pé ante pé o senhor Philippe com o chambre do senhor commendador...

— Atrevido!

—Extende a mão, tira a garrafa, e pondo-a á bocca... não a largou senão depois de exgotada.

—Malvado! O brinde do jantar; a perola da minha copa! um vinho raro que só el-rei... Jasmin!... Quasi que tenho dó do abbade. Sempre havia de ficar!...

—Imagine o senhor commendador! Sua illustrissima está inconsolavel.

—Acredito. A sua mágua é rasoavel! Conhecia o valor do vinho que meu sobrinho tragou como zurrapa do seu porão... Jasmin, tracta-se de remediar a brutalidade de Philippe... Aonde acharemos uma garrafa de lacrima-Christi? E eu que a prometti com tanto orgulho!

—Se procurarmos bem, talvez appareça!— observou o escudeiro sumindo a face na volta da gravata com a modestia de Alexandre depois de Arbellas.

—Excellente! Tira-me de mil cuidados! Jasmin, lembra-se do nome do cosinheiro francez que se traspassou por lhe faltar o peixe a horas? Era?...

—M. Vatel! O maior homem d'este seculo — exclamou o escudeiro crescendo sobre os descarnados joanetes, e dando ao rosto a sublimidade epica de uma sentença da posteridade — Principiou em casa de M. Fouquet, e deu lições a M. Régnard...

—O meu querido poeta da rua de Richelieu! —disse Lourenço Telles, passando-lhe pela pupilla a chamma de uma grata recordação— Tem razão, M. Régnard é o primeiro cosinheiro...

—Depois de Vatel e Fontange!—interrompeu o escudeiro precipitadamente.

—E' o melhor poeta comico depois de Moliére—observou seu amo, extendendo-se na poltrona com delicias—Oh, que bons dias passámos eu e elle n'aquella quinta de Grillon, onde se representavam as bellas peças do seu reportorio! Que excellente vinho de Joigny bebiamos, quebrando nozes, e rindo de lhe ouvir contar as suas historias do captiveiro de Argel! Ninguem recheava um cabrito melhor... nem Vatel, sou capaz de apostar!

—Ah, senhor commendador, Vatel não era um homem, era quasi um Deus! Não comparemos...

—E deixou alguem?...

—Fontange, o grande Fontange, seu discipulo e meu mestre! Mas a que distancia!

—Foi com elle que aprendeu a assar os borrachos á argelina?...

—Era como se fossemos irmãos, ou mais, se é possivel, senhor Lourenço Telles!—respondeu Jasmin com grande expolsão de sensibilidade e limpando os olhos—Tudo o que sei a elle o devo. Mas perdi-o tão moço!

—Honra-o essa ternura, Jasmin! De que falleceu o seu amigo?...

—De uma congestão de tubaras...—disse o lacrimoso Achates.

—Quer dizer de uma indigestão?—observou o erudito com amabilidade.

—Senhor comendador, os grandes mestres, como Vatel e Fontange, não morrem de indigestão. A colica respeita-os. A apoplexia, a perfida apoplexia, eis a morte que os espera.

—Bem! acha que o cosinheiro que ahi está nos não envergonhará?

—Soffrivel! boa pratica, nada mais! — respondeu o fanatico de Vatel afilando os labios com desdem—O senhor commendador deseja que eu dê um passeio pela cosinha?

—Desejo muito, Jasmin! Recorde-nos em alguns pratos raros a arte do defuncto mestre... — accudiu sorrindo-se o velho sabio — O senhor Diogo de Mendonça viajou, e o jesuita italiano, o padre Ventura, deve ter visto mundo...

—Creio que me hão de conhecer!... Mesmo o senhor abbade Silva! Tem paladar!... Póde ouvir-se um conselho seu no artigo doces e recheios. Era o segredo do immortal Vatel..

—Deus o tenha á sua vista!—murmurou o sabio cansado do elogio eterno.

—Hoje proseguiu o amador —ninguem sabe já fazer recheios. A arte perde-se.

—Jasmin, salve os doces mais o vinho das garras de Philippe! Encommende-se aos manes de Vatel, e honre aquella sombra illustre. Olhe; peça da minha parte ao senhor abbade dois minutos de audiencia. Aqui para nós, receio que me transtorne tudo. Não acredito no gosto d'elle; e o gosto é o rei dos sentidos, como diz o meu amigo Régnard. Quem prefere os modernos a Tacito e a Horacio é capaz de chamar truta a uma lampreia, e beringela a uma alcachofra.

O escudeiro retirou-se. Instantes depois entrava o abbade em passo funebre, trazendo no rosto a nuvem presaga de que Van-Dick entristeceu as phisionomias destinadas a representarem papel tragico na scena do mundo.

Com um abraço mudo Lourenço Telles disse lhe tudo. A defloração do vinho teve exequias dignas dos grandes infortunios.

CAPITULO XXIX

Confidencias

O abbade o o commendador deploraram o sacrilegio de Philippe; depois, sentados e attenciosos, discorreram sobre a arte culinaria e sua antiguidade, sobre as excellencias da mesa, e dos ornatos e primor dos aparadores, como verdadeiros contemporaneos de Lucullo, ou como intimos amigos de Horacio: finalmente, uma transição do erudito chamou a discussão ao terreno das apreciações litterarias, e não tardaram os textos e as divergencias, seguidas do costumado azedume. Felizmente o auctor da carta a Lucio Floro lembrou-se de que necessitava mudar de trajos, e despediu-se. Lourenço Telles permittiu a retirada, e recolheu-se tambem ao seu quarto para se applicar aos artificios do seu laborioso toucador.

Em quanto os dois antiquarios pelejavam sobre o merito relativo dos seus auctores predilectos, a irman de Thereza entrou no aposento da sua amiga D. Catharina de Athaide, trazendo na bocca o sorriso mais jovial e animado. A noviça ao espelho, ouvindo arrastar a porta, virou a cabeça de repente. D'ahi a um instante as caricias avivaram as rosas de suas faces, e o carmin dos labios ainda se tornou mais rubro com os beijos de Cecilia.

As duas meninas assentaram-se uma ao pé da outra. O rosto serio de Catharina, e a attractiva mobilidade da sua amiga reflectiam no vidro indiscreto as imagens caprichosas.

—Ficam-te bem as rosas, meu amor!—dizia a educanda ennastrando as bellas tranças da noiva do conde de Aveiras entre os dedos afilados.

—Quero prender estes anneis em cadeias de aljofar a ver se ainda fogem! Sabes que eu sendo rapaz adorava-te a ponto de perder a alma? Esses olhos! O que estou vendo n'elles, e o que me dizem! Mas devéras; porque te fazes tão seria? Tens algum desgosto?

—Eu? Não, minha joia. Scismava... Quanto mais proxima vem a hora, mais o coração se me cobre. Não sei como é! Amo-o, e tremo! Desejo, e apezar d'isso tenho receios... Nem a mim propria me entendo.

—Sustos de noiva, e depois algum capricho! Deixas que te pregue os teus laços á franceza? Ficam muito bem ás louras. Catharina, tomára eu os teus cuidados de hoje.

— Não fales, menina! Devia agradecer a Deus e contar os instantes; devia alegrar-me com o jubilo de meu esposo e de meu pae... e a minha vontade é chorar! Cecilia, não percebo isto. Se o amasse menos, se o não conhecesse tanto, dizia que era medo. Vê que loucura! Chego a ter saudades do convento...

—Isso é de mais!... — accudiu a educanda, rindo e pondo-se de lado para verificar no espelho o effeito do toucado — Qualquer coisa te faz bonita. Queres saber? Se fosse noiva, moça e galante como tu, pensava n'outra coisa. Não adivinhas?

— Não.

— Estudava o modo de chegar ao fim do anno com a ternura do primeiro dia.

— Ah!

— Incredula! Cuidas que não será bem doce sentirmos bater o coração com alegria e sempre namorado? Se me dessem a escolher qual queria, um throno, ou o amor...

— Sei o que preferias! — accudiu Catharina rindo-se.

— Preferia o amor — replicou a educanda. — A minha escolha era a ternura, a felicidade, não duvides! Vês! Quando se ama não se envelhece; a vida risonha de esperanças corre tão curta! Até as lagrimas mesmo não amargam.

— O quadro é lindo, mas pergunto: será verdadeiro? O que se quer acredita-se tão depressa! — observou Catharina melancholica.

— Desconfiada! — interrompeu a sua amiga, prodigalizando-lhe meiguices — O teu gosto é contradizer-me. Olha; se me enganassem... meu Deus! Antes uma dor unica, a dor da morte! Ha de ser tão custoso obrigar o coração a aborrecer depois de amar! Quando ponho isto na ideia, Catharina, conheço que posso enlouquecer... Falemos de outra coisa, Não achas Thereza mudada?

— E dá-me cuidado. Vi-a hontem branca de jaspe; assustou-me. Aquellas rosetas vivas nas faces; a sombra pisada dos olhos... Cecilia, tua irmã padece.

— E sabes o que eu desconfio da sua molestia?

— Dize!

— Tenho medo que seja amor.

— Julgas ?

— Receio. Se lhe falo de Jeronymo, e lhe digo que se anime e o desengane, desata a chorar, e fecha-se um dia.

— Menina, é preciso valer-lhe. Não a deixemos matar-se por suas mãos...

— Convence-a tu !

— O que vou dizer-te, Catharina, é quasi uma certeza...

— Uma certeza ?

— Sim. Theresinha disse-nos só ametade do segredo. Ás vezes esquece-se, e os seus olhos falam tanto, e sobem-lhe á cara umas cores tão vivas !.. Aquillo, acredita, chama-se paixão.

— Mas por quem ? Não adivinhas ?

— Sabes como é calada. Desde pequena o seu costume foi sempre consumir comsigo as maguas e não se queixar. Não entendo senão que chora, e que as lagrimas ...

—Nem sempre são de amor. Se é só isso, desconfias sem motivo.

—Tu é que te enganas. Os signaes que digo não mentem! Explicar-me-has por que logo ao amanhecer a luz do dia a encontro no jardim, sósinha, escondendo-se por entre as arvores, maguada, pensativa?...

—Será tristeza! Acho-lhe poucas razões de viver alegre.

—Sim. Mas só tristeza? Eu sei como é o amor no principio; estar só, abrir o seu coração sem que o vejam ; exhalar a dor, sem receio de que a ternura nos accuse ... Chamalhe tu pesar, que eu chamo-lhe paixão. Ai ! Não nos atrevemos ainda a confessar, e já nos faz saudade o tempo em que eramos livres como as aves do céu ..,

—Como tu falas, Cecilia! E' verdade! Talvez sejam os mais felizes dias. Aconteceu-me assim. Queria vel-o, o meu desejo era ouvil-o, e tinha um susto se me apparecia, e causava-me um sobresalto se me falava!... Era tal a minha timidez, o meu enleio. No fim sabes quem diz tudo? O silencio. Muito crianças somos em amando. Até nos persuadimos de que os outros são cegos.

—Finalmente — exclamou Cecilia em um repente gracioso—ainda bem que falas como todas! Não te enfades. A mim succedeu-me o mesmo. A primeira vez até desejei tomar-lhe odio. E' verdade. Punha-lhe defeitos, impacientava-me... O meu gosto era que se fosse; e não sei a razão, mas não podia tirar a vista d'elle...

—Sei eu.

—Não digas; esse teu rir... Olha, aposto que me fiz vermelha. Se continuas tambem sei o modo de te fazer córar. Como ia contando, vi-o na egreja, uma noite de endoenças; ficou defronte de mim; e os seus olhos... Não te escandalizas? os olhos d'elle são mais bonitos do que os do conde; mais vivos, mais ternos... Os seus olhos não se apartavam dos meus. Baixei-os, abri o livro das orações, e assentei no proposito de não me lembrar senão de Deus..,

—E d'ahi a um instante estavas a mil leguas do livro e das orações? — atalhou Catharina com malicia.

—E se eu me calar? — replicou a educanda com um sorriso — Acertaste! Não via as lettras e via-o a elle; o meu coração não estava com Deus, fugia para onde o chamavam...

Apezar do firme proposito que tinha feito distrahia-me a todos os instantes...

—Perdias-te na leitura?

—Como tu se fosses! Tentei levantar-me e sahir, os joelhos pareciam de chumbo! E não amava ainda, vês? Não! Aquillo não sei o que era. Logo no primeiro dia! Mas o que ha de acontecer...

—Tem muita força!—interrompeu a noiva do conde, rindo — E toda a noite não fizeste senão pensar n'elle, e batalhar com a lembrança?

—Ainda t'o não disse!

—Disse-m'o este dedo. E depois?...

—Depois!...—respondeu Cecilia, córando e atando-se-lhe a fala—se procurava o coração, achava-o tão longe de mim...

—E tão perto d'elle?—accudiu a noviça com ironia.

—Catharina, estás hoje!...—observou a irman de Thereza muito vermelha—Não te devia dizer mais nada. Se queres que fale, não te rias assim. E' verdade, porque me hei de esconder? O meu coração estava com elle! Vim a saber depois que lhe succedeu o mesmo. Sem o querer, horas inteiras me esquecia a conversar em ideia com a sua imagem; em sonhos falava-lhe; foi uma prophecia que se realizou...Sabes o mais curioso? Nunca lhe tinha ouvido a voz, não o conhecia senão d'aquella noite; mas as meninas, contava a ama que me criou, adivinham sonhando...Ai Catharina, que grande mysterio é o amor! Parece que ha uma coisa que não vemos, que leva e traz saudades. Succedeu-te o mesmo?

—Quasi! E quando lhe ouviste a voz?...

—Era egual á do sonho, sem differença!

—E sentiste o sangue como o lume no corpo, e as cores, á roda de ti, tão vivas como se o sol as illuminasse?—exclamou a sua amiga.

—Tudo isso foi! D'ahi, fiquei uma estatua, sem animo, sem movimento. O maior accusador da ternura, Catharina, é o nosso enlevo.. elle felizmente estava peior do que eu. Não era susto, nem pejo só, era alegria tambem! Sentiamos tanto, que não podiamos dizel-o.

—Acredito! Não era preciso. Queres ver como adivinho? Elle entendeu...

—Ai! melhor do que se lh'o dissesse; mais eu..

—Olha, Cecilia, quando lembram, fazem uma saudade esses dias!

—Oh, bem grande!—accudiu a educanda com ingenuidade—Vê a dor que será perdermos a alegria e a felicidade! O pensamento fugindo para o martyrio, e a memoria abraçando-se com a pena, e fazendo da alma uma sombra cheia de lagrimas!... Se um dia fosse enganada!...

—Sabes que estás convertendo em dia de cinzas as vesperas do meu noivado?—accudiu a noviça com um meio sorriso—Que é da tua alegria, Cecilia?

—Estas coisas! Considerar que depois de amar podemos ser enganadas, e ser infelizes! Suppor que se ha de arrancar do peito a imagem querida, e o coração com ella...

—Perde esses sustos...

—Morria!—proseguiu a educanda sem a ouvir.

—Com a dor tambem se vive. O tempo tudo apaga...

—Não; isto não póde esquecer. A agonia dura mais ou menos, mas no fim... ha de descansar-se.

—Não digas isso. A ingratidão enxuga as lagrimas e o ciume...

—O ciume? Dize-me, Catharina, já tiveste zelos? — perguntou com os olhos accesos n'uma chamma repentina.

—Minha joia, os ciumes são os espinhos do amor. Não ha paixão sem elles. Graças a Deus, os meus foram sempre sem motivo.

—E assim mesmo?

—Que queres? Assusta-me um nada.

—Tambem a mim. Quando me occorre que estando longe outra me rouba um sorriso, ou que elle a desvanece com os mesmos olhos que me prometteram..,

—E' fazeres-te infeliz por gosto.

—Deixa! Só de o imaginar se me aperta o peito. Estremeço. Se é dia parece que o sol desmaia, e que tudo fica triste como de noite. Sinto um frio, uma inquietação!... Catharina, de todos os tormentos o maior são os zelos.

—Não o procures sem razão!

— Nunca desejei mal a ninguem, e abrazome de repente em odio sem saber a quem. Tenho vergonha de te dizer as loucuras que me passam pela ideia! As lagrimas queimam; os suspiros ardem; é um desassocego, uma raiva! Meu Deus, o que será então o ciume verdadeiro?!

—E não o aborrecias, não o detestavas se te causasse esse martyrio? — perguntou Catharina olhando para ella.

—Não. Mesmo enganada... amava-o. Odio?

Antes a mim! De quem era a culpa se o perdesse? Minha. Não tinha sabido fazel-o feliz! Esquecel-o? Não se vive assim de amor, e não se diz depois que foi um sonho, bem sabes! Se a bocca não o confessa, e os olhos somem as lagrimas, cuidas que é por esquecimento? O coração tem tanta memoria! Deus mesmo não o consola, porque vê que não é possivel.

—Nada de tristezas!—accudiu a noviça—Dize: sempre suspeitas que a magoa de Thereza seja amor?

—Ia jural-o.

—Grande?

—Quem sabe!

—E crês? . . .

—Que são coisas que não se explicam. O seu ar distrahido, a sombra d'aquelles olhos cheios de melancholia, que umas vezes se arrasam de lagrimas, outras se enchem de luz... não é natural.

Não sei. Por ora acho cedo para falar. Porque se esconde ella e gosta tanto de estar só?

—Tem medo que descubram o seu segredo.

—Então, tristeza e solidão? . . .

—Signal certo de paixão!

—O que nos contará o padre Ventura?

—Nada; quasi nada.

—Julgas?

—Affirmo. A sua arte é ouvir muito e dizer pouco. Alguma pergunta assucarada, se a fizer!

—E' discreto, Cecilia!

—De mais. Queres ouvir? Assusta-me.

—Mesmo depois do que fez?

—Sobre tudo depois do que fez.

—E' uma sem-razão!

—E quando amaste o conde sem o conhecer tinhas razão?

—E' differente. Aquelle não é Jeronymo? Não anda no jardim, e não está olhando para a janella de Thereza?

—Assim ella tivesse animo de o desenganar!

—Eis o meu receio.

—Desengano-o eu! Sou quasi sua irman, estimo-o, e não hei de calar-me, sabendo que se faz desgraçado.

—Cecilia! E d'ahi!... Não sei o que será melhor.

—Jeronymo subiu?

—Não o vejo....

—Tenho tanta pena d'elle!

Em quanto as duas meninas falavam a seu respeito, Jeronymo sentindo-se triste tinha descido ao jardim. Não era magoa, mas uma vaga melancholia o que lhe cobria o coração. O dia sereno, o sol e as flores não o distrahiam. Tinha dentro em si um receio, uma apprehensão, cuja causa ignorava, cujo effeito debalde combatia.

Esta alma firme em presença dos perigos, costumada a medir-se com os trabalhos, desanimava facilmente com as penas do amor. O mancebo, que ainda criança fazia pasmar o padre Ventura nas selvas da America contemplando a morte; o marinheiro, o soldado que nos temporaes do oceano e na refrega das batalhas podia contar as pulsações do peito e não as sentir mais rapidas, deante de Thereza era timido que nem uma donzella!...

Bastava algum rigor nos olhos da filha de Philippe para os seus perderem o brilho. Nos animos fortes vê-se isto muitas vezes. A alma

entrega-se, e não exulta senão depois de fundir na sua ternura infinita os grandes affectos, que são a alegria e a dor do homem; o carinho filial, a sensibilidade materna e o amor-paixão!

A contar dos annos em que a mocidade principia a sentir, adivinhando a vida, Jeronymo absorveu a sua na adoração da irman de Cecilia. A distancia, no meio do estrepito das armas, a saudade de Thereza acompanhava-o. Entre as recordações ditosas da patria e da familia, a imagem querida sorria-se e alentava-o; o seu jubilo era vel-a e ouvil-a dentro da alma; fugir do mundo a solidão com ella; e suavizar as vigilias do campo e do convez, entretido com estas memorias e cuidados, tão suaves de gemer, tão doces de escutar!

Queria muito a Cecilia, ainda a julgava mais seductora, mas os seus modos infantis e os seus caprichos assustavam-o; tinha medo de lhe confiar a sua felicidade. O caracter serio e reflectido de Thereza attrahia-o mais. Costumou-se a consagrar-lhe todas as saudades, a invocal-a em todos os transes como seu anjo consolador. Juntos, não formava um desejo, não tinha verdadeiro prazer senão unindo o coração ao d'ella. Ausente, as formosuras raras pareciam-lhe menos bellas. De dia e de noite via aquelles olhos de esmeralda cheios de silencio, ora nas ondas agitadas, ora no tremulo resplendor das estrellas, ou nas folhas luxuriantes dos tropicos. O tempo não consumiu, exaltou o affecto; o amor fez-se paixão. E que amor! A chamma de uma alma immensa na ternura, absoluta no sentimento!

Ao pé d'ella, Jeronymo não queria viver senão do sorriso e da luz que lhe concedia.

Esta paixão submissa e sensivel tinha lagrimas e prazeres secretos que ninguem sabia. Uma palavra mostrava-lhe ás vezes o paraizo: a mais ligeira nuvem, passando pela frente da donzella, carregava a sua de tristeza. Os desejos de Thereza significavam para elle ordens; os menores enfados pareciam-lhe infortunios. Era um escravo abençoando os ferros voluntarios; era um fanatico absorto no extasis perpetuo! Sem desgosto quebraria a espada, se todo o seu orgulho não fosse subir mais para a elevar comsigo.

As saudades que o magoavam, soffria-as sem queixume. O que valia o sacrificio proprio, quando a gloria obtida faria feliz a esposa da sua escolha? Era tão válida a sua fé, que chegou a não acreditar na morte. Temerario como a audacia, ardente na lucta porque a lucta era a sua estrada, ria-se dos perigos, certo de achar o premio logo adeante d'elles. A muitos o cansaço da vida arroja-os a competir com o impossivel. A paixão era n'elle o heroe. Se a imagem de Thereza, apagando-se de repente, deixasse de o illuminar, o braço e o coração cahiam sem poder.

Os sentimentos nunca lhe profanaram a ternura. Se amasse um anjo não podia elevar mais a pureza do seu culto. Era a virgindade timida, a candura ingenua de um coração infantil. O amor nascia da alma e não da imaginação; estava no espirito e não nos labios. A casta chamma ardia em toda a innocencia. e não se maculava com os appetites sensuaes. Em tantos annos só ousara aspirar aos favores que o mais delicado pudor não receia conceder.

Pobre Jeronymo! Como elle amava! E como a fortuna o trahia, fingindo-se amiga! Se conhecesse a verdade!... Para quê? Os animos fortes, quando se deixam dominar, resistem poucas vezes! A dor que os corta é a primeira e a ultima; se o desengano chega tarde, o coração estala de o ouvir; porque excedeu a medida humana. Não se resignam, porque não lhes resta nada. O tempo não os cura; n'elles a vida é que morreu! Tambem os prantos não os consolam. Existiam pela união de outra alma, e expiram apenas sabem que estão sós. Acabada a illusão não teem que desejar, nem que perder! D'ahi por deante o mundo serve-lhes de desterro; é um deserto por onde a saudade os arrasta, procurando a ventura que passou.

O resto (ainda alguns mezes de martyrio) não é viver. A bocca toma aquelle sorriso pallido, que parece aberto em marmore, e diz mais do que os elementos e os suspiros. A fronte cobre-se de lucto, e, apezar de mil esforços, deixa impressas no rosto as sombras da desesperação. Sem brilho e calor, a vista, fria como o coração e morta como a esperança, parece não ver mais que o tumulo onde está sepultada a felicidade! Julgando de leve, o mundo olha e exclama: «esqueceu; consolou-se!» A alma queixosa cala-se. O que tem ella a dizer aos homens? O seu refugio é o silencio e a melancholia da noite em que volta aos sitios aonde foi ditosa, similhante ás sombras dos que já viveram. O mais é falso. O sorriso que dorme sobre os labios mudos, a palavra que sae gelada da bocca, representam a comedia do orgulho, não fazem senão mentir.

Perante Deus cáe a mascara, e as memorias do passado, revoando, a cada hora cravam um espinho novo e ateiam as chammas do incendio. Depois do amor, a paz e o esquecimento só os dá a morte.

Tudo se torna insensivel, menos o logar em que a paixão gravou a sua imagem, indelevel, eterna, capaz de resistir aos invernos da velhice, ao delirio dos sentidos e ás luctas da ambição. Mesmo aos pés de outra, mesmo cuidando esquecer, o coração lembra-se, e não póde offerecer senão um suspiro sem ardor! Nos braços de amores voluveis, a razão vacilla, a saudade magoa-se, e a alma despertando foge para o seu asylo doloroso. Entre o riso que não passa dos beiços, e as phrases que sepulta no peito, o martyrio chora! Em um sitio conhecido, com a menor palavra a dor renasce, e duas lagrimas silenciosas queimam-se de repente na faisca que por dentro abraza tudo.

O sacramento da alma é o amor. Por elle se resgata a vida, e se espera o paraizo. Quem o perdeu não se consola, nem se vence: sobre tudo se a sensibilidade o fez poeta. Ha de combater, e ha de amar, embora o negue. Feliz ainda se a intelligencia sobrevive! No Dante sobreviveu ao menos o pensamento ao coração!

Thereza, não querendo, concorria para entreter a fatal esperança de Jeronymo. O mancebo julgava-se amado, suppunha-se correspondido, e media pelo seu o affecto d'ella. Crente, nada o esclarecia, e tudo conspirava para o illudir. Estava abraçando como realidades as visões do seu desejo. Sem suspeitas

com a confiança na vida e no amor, que é o principio das grandes almas, só via flores entre a ventura.

Os bellos olhos, timidos e melancholicos que fugiam dos seus, não o advertiam. O tremor da mão, se elle a beijava, e mais ainda a pallidez do rosto, se alludia ao proximo enlace, não desenganavam o amante credulo. Outro menos cego teria duvidado; elle nunca! Thereza amava-o, senão dizia-lh'o! Eis a sua ideia. Para o convencer fôra necessario que ella se revestisse de valor e exclamasse: «Jeronymo, ambos nos illudiamos: tu acreditando que a paixão é a amizade; eu tomando o carinho de irman pelas ternuras do amor.»

Tudo influiu para o erro se prolongar. O commendador, cujo desejo era este enlace, absorvido pelos livros e declinando com a edade, pouco em estado estava de sondar a verdade, contentando-se com as apparencias. Philippe da Gama não brilhava pelos dotes do espirito, e conhecia muito mais a sereia dourada da sua charrua da India, do que o mysterio quasi impenetravel do coração humano. Porque era mulher e mãe, parecia Magdalena a pessoa propria; mas ainda que ás vezes achasse frio de mais o coração da filha, não se assustava. Avaliava pelo seu caracter o da noiva de Jeronymo. D'este modo, uns adormecidos, outros cheios de credulidade, dando as mãos, eram causa de irremediaveis infortunios.

Como dissemos, Jeronymo sentindo-se melancholico, descêra ao jardim. As janellas do quarto de Thereza deitavam para a rua em que elle passeava. Dobrando aqui o passo,

mais adeante demorando-se ao pé de uma arvore, e por fim assentando-se com a cabeça entre as mãos, o mancebo poderia representar bem a figura da distracção.

Ao mesmo tempo a irman de Cecilia, envolta no penteador de renda, e com as tranças ainda soltas, vinha encostar-se por dentro dos vidros, olhando para os ramos nus e para as plantas destoucadas de folhas e de flores. De repente descobriu o mancebo, e seguindo-o por entre as voltas ornadas de buxo, os olhos tornaram-se-lhe humidos e pezarosos. O suspiro que veiu tremer á flor de seus labios era como um deus á serenidade dos dias de candura, em que o innocente coração vivia ditoso de illusões, porque ainda ignorava a realidade.

Thereza tinha querido vencer-se e expiar a dor alheia; mas um poder occulto, uma voz que tinha medo de ouvir, e que apezar d'isso ouvia sempre, dizia-lhe que não seria meritorio o sacrificio, e que a desgraça em logar do affecto viria sentar-se sobre o seu leito nupcial, trazendo comsigo a pallida agonia e o remorso inconsolavel.

A contar da tarde em que achára que a sua alma era muda, tinha visto em si uma revolução completa. Á paixão com que sonhava d'antes associava-se agora uma ideia incessante, insinuada nos menores desejos, em todas as esperanças, e até mesmo nos caprichos. Procurava afugental-a, mas debalde; o conde de Aveiras, o noivo de Catharina, preoccupava-lhe tantas vezes a ideia, que parecia trazel-o sempre deante da vista.

Pensando n'elle, Thereza deixava pender a

fronte, e o seu espirito perdia-se nas apaixonadas meditações em que os sentidos dormem, e o sentimento reina, entre as promessas do futuro, tão meigas na pena, tão suaves na tristeza! Cahindo na realidade, e olhando para dentro do coração, tinha medo, escondia as faces, e por entre os dedos corriam as lagrimas em fio, mais doces do que amargas, como filhas da magoa, que não é só dor, mas prazer tambem.

De noite o somno agitado figurava-lhe a imagem do conde ajoelhado aos pés da outra. A testa esfriava; o seio palpitante suffocava-se; e a bocca entre murmurios não podia soltar nem um gemido. Subitamente a vaga fórma do sonho aclarava-se mostrando-lhe o proprio rosto! O jubilo despertava-a; e achando-se a sós nas trévas, pareciam-lhe estas menos escuras ainda do que a noite em que vivia.

De dia, lendo ou matizando ao bastidor, pasmava a vista, esquecia-se de tudo, e o coração conversava com a imagem que o entretinha. Se lh'o perguntassem, Thereza responderia sem mentir: ainda não amo! Mas observando os seus devaneios, seria facil marcar a hora em que o affecto, mais forte do que a vontade, teria de ceder.

A' janella com a face reclinada na mão, a irmã de Cecilia, como o dissemos, olhava para Jeronymo. Encostada sobre o cotovello descuidava-se em um desleixo adoravel no requebro. Os cabellos em anneis confusos fugiam com travessura pelo collo, parte sumindo-se no seio, parte menos indiscretos brincando sobre os hombros, e beijando a ne-

ve. Airosas e alvas, as roupas, apertadas no cinto, cahiam em pregas, ora encobrindo, ora revelando o desenho das fórmas, segundo as ondulações do corpo. A terna pallidez do semblante, córada d'aquelle reflexo de rosa branca, tão seductor quando uma sombra anilada rodeia as orbitas, luctava com as rendas e realçava-as.

A vista prompta em se esconder debaixo das palpebras volvia-se cheia de expressão e de silencio, acompanhando languida os suspiros que exprimem o enlevo da alma. Sò um pincel amoroso, rival das Graças, ousaria exprimir a doçura com que a esperança receosa abria a flor de um sorriso no coral dos labios, ou com que a luz voluvel e agitada dos olhos reflectia os relampagos da paixão balbuciante.

Assim, a donzella tinha a ideia lònge, e a vista fita em Jeronymo. O mancebo trazia no peito a imagem d'ella, mas ainda não a descobrira. Passados instantes divisou a esbelta figura por entre os vidros, e enviou-lhe de longe o beijo de Romeu a Julietta. Tremula, agitada, Thereza perturbou-se, e respondeu com um gesto. Era dó, seria remorso? Que insondaveis abismos tem o coração!

Que mil contradicções encerra o amor!

O engano é tão facil! A imaginação muitas vezes toma o logar da verdade. Thereza teria horror de enganar Jeronymo, e enganava-o innocentemente! Illuminando-lhe a alma com aquelle sorriso, não pedido, quem não se julgaria amado! E' que nas mulheres sensiveis a amizade mesma é um perigo. Enche-se de carinhos e candura, e pede com graça tão af-

fectuosa, que para a distinguir do amor... custa! O erro attrahe; e o mancebo, abraçando o seu, achava a illusão divina.

O que seria se fosse a realidade?

CAPITULO XXX

Nem sempre o amor com amor se paga!

Thereza depois do primeiro sobresalto tinha cahido em si. O coração assustado, e os olhos confusos advertiram-n'a de que lhe ia desfallecer o animo. Recolheu-se á pressa da janella, assentou-se defronte do toucador, e com a vista fita e o rosto entre os dedos accusou-se muitas vezes da fraqueza que a impedia de pôr termo ao engano de Jeronymo. A verdade era cruel, era dolorosa; mas se a não dissesse?

Desejava sacrificar-se; porém o mancebo não pedia sacrificios; tinham-lhe dado o direito de exigir o amor!

Rasgaria de uma vez o véu? Mesmo atrevendo-se, faltavam-lhe palavras que explicassem áquella alma, cega de confiança, que tudo fôra illusão, e que era preciso acordar, achando a felicidade de menos, e talvez a vida. Podia só dizer meia verdade, segundo o conselho de Catharina. A ternura de Jeronymo era tão credula, que não podia temer que percebesse mais do que lhe queria confessar.

No meio da sua perplexidade ouviu passos no corredor immediato, e decidiu-a um impeto quasi machinal. « Se fôr elle, digo-lhe tudo! » pensou comsigo. Apezar d'isso, quando entre-

abriu a porta, os joelhos cederam de tremor; quando olhou para descobrir quem vinha, poz-se-lhe uma nuvem sobre a vista. O rosto da irman de Cecilia attrahia com a belleza timida e plangente. A anciedade desbotava-lhe as faces, e a côr suavemente triste do alabastro realçava o carmim dos labios, aonde um sorriso sem calor despontava apenas. A desesperação que lhe emprestava momentanea energia podia ler-se nos olhos, cujo brilho humedeciam as lagrimas mal queimadas.

A mão vacillava chamando; a vista supplicava; e o corpo, suspenso entre o receio e a vontade, mostrava a indecisão adoravel que dá tanto agrado á formosura, quando, cheia de innocencia, nem sequer adivinha os desejos que faz nascer.

—Jeronymo—disse em voz baixa—Jeronymo! Sou eu! Não saia sem me dizer adeus... Tenho uma coisa que lhe dizer. Entre!

O mancebo veiu. Quasi irmão e quasi esposo, este favor não o admirou; e todavia, se é possivel, estava ainda mais tremulo do que ella. Só com Thereza o seu coração não sabia senão sentir e palpitar. Vel-a, ouvil-a e adoral-a era a sua unica alegria.

—O que tem?—observou a donzella reparando no sobresalto do capitão—Admira-se de o chamar? Não sabe que somos quasi irmãos?

—Irmãos?—accudiu elle com um ar que a fez mais triste — Acha verdadeiro um nome que é doce, mas que diz menos do que sente?

—Se tivesse um irmão, Jeronymo, havia de amal-o tanto!—atalhou a irmã de Cecilia cheia de melancholia.

—Pois eu tinha ciumes d'elle!
—Ciumes? de meu irmão?
—De todos. A's vezes chego a ter inveja até das caricias de Cecilia... O meu desejo era sermos só dois no mundo, e não haver ninguem no meio.
—Como Adão e Eva?—replicou sumindo as lagrimas em uma ironia contrafeita—Cuidei que não era zeloso!
—Disse uma loucura!—accudiu o mancebo abaixando a cabeça envergonhado.
—Olhe—exclamou ella espairecendo o rosto com esforço—eu sou o contrario. Agrada-me tanto saber que louvam e presam o que estimo! Tenho horror aos zelos!...
Calaram-se por um pouco. Thereza, porque luctava comsigo e tinha medo de dizer o que trazia no coração; Jeronymo, porque se temia sem saber de quê, e não se atrevia a deixar falar a ternura.
Emfim a donzella com a voz insinuante e o olhar seductor, fascinação irresistivel da mulher, pegou-lhe na mão, e por meio de branda violencia obrigou-o a sentar-se n'uma cadeira. A d'ella estava do outro lado defronte; o espelho erguia-se no meio de ambos.
—Sente-se por um momento—dizia-lhe ao mesmo tempo—e conversemos como amigos com socego. Diz que me ama? Vou saber a verdade.
—A verdade?—exclamou elle levantando-se, e revelando a magoa nas pupillas, que de repente se tornaram quasi lacrimosas—Tantos annos de constancia ainda não lhe disseram tudo?
—Sente-se!—interrompeu ella ameaçando o

com o dedo, e rindo com meiguice—Está disposto a fazer o que eu mandar?

—Sendo possivel!...

—Sim ou não?

—Sem saber?...

—Descortezia! Fazia-o meu cavalleiro; mas os votos da sua dama, vejo agora...

—Seu cavalleiro, Thereza?—exclamou sorrindo—Não sabe que sou captivo?

—Ah!... O romance de Rosalinda?—exclamou encantada da digressão, que lhe permittia respirar um pouco—Lembra-se de quando o cantavamos, e eramos, tão crianças?... O que diz o almirante á princeza? recorda-se? Ha tanto tempo!

—Deixe vêr!... O conde fala da sua galé do mar, e Rosalinda exclama de terra:

> Para um só tenho outro emprego,
> Mas está por captivar

—E' assim; e o conde—accudiu a irman de Cecilia com viveza—punha-se de joelhos e respondia:

> Captivo está, tão captivo.
> Que se não quer resgatar.
> Rema, a terra a terra, mouros,
> Voga certo, e a varar.

A parte do almirante dizia-a eu de joelhos aos teus pés...—exclamou o mancebo exaltando-se, e dando-lhe o tractamento de infancia.

—E por signal fazia-me perder de riso...—acudiu ella com malicia—Foi alli n'aquelle mesmo jardim que nos está ouvindo. O que

me enternecia era o final. O rei manda matar a princeza e o almirante; na cova de Rosalinda nasce uma arvore; na sepultura do conde um rosal. Depois é que são estes versos tão bonitos:

> Cortados e recortados,
> Tornavam a rebentar;
> E o vento que os encostava,
> E elles iam-se abraçar!

Talvez já não goste d'elles? Tudo muda. Os annos passam tão depressa!

Thereza, pensativa, deixou escapar dos olhos um relampago de ternura, como a lampada que esperta na derradeira chamma. Era o seu adeus ao passado. Se Jeronymo pudesse perceber!

Mas enlevado nos risonhos quadros da mocidade, o mancebo respirava com delicias estas recordações, correndo atraz do que ainda suppunha realidade.

—E o outro da «donzella que vai á guerra» não se lembra, Therezinha? Foi n'uma linda tarde que eu o disse!... Os jasmins e as rosas ao redor de nós: o ar sereno, que não bolia folha!...

—Sei!... Lembro! Foi em Cintra—interrompeu ella agitada.

—Assentámo-nos á sombra, por signal, debaixo das arvores, vendo correr a agua; Cecilia brincava um pouco adeante; sua mãe subia á ermida com o commendador. Ficámos sós... nós dois! N'esse dia disse-me duas palavras, e deu-me um annel... Esqueceu-se?

—Não! Foi em junho; haverá tres annos!

—accudiu ella branca como a renda que lhe enfeitava o collo.

—Tres annos justamente—proseguiu Jeronymo—Vespera de S. João ha de fazel-os. A tarde dos amores, a noite das sortes...

—Jeronymo!—atalhou a pobre menina, a quem estas recordações feriam cruelmente, mas que desejava encobrir a sua dôr—Quer que diga o romance? Parece-me que ainda o sei.

—Não, Therezinha, direi uma parte, e tu a outra. Falo eu primeiro:

> Sete annos andei na guerra,
> E fiz de filho barão,
> Ninguem me conheceu nunca
> Senão o meu capitão;
> Conheceu-me pelos olhos,
> Que por outra coisa não.

—E eu acabava assim:

> Foi meu capitão na guerra
> De amores me quiz contar...
> Se ainda me quer agora,
> Com meu pae ha de falar.

—Obedeci!—exclamou o mancebo sorrindo—Pedi a donzella a seu pae, a quem era seu segundo pae! Hoje não sei se ella quer, mas n'aquella tarde... fez-se uma rosa, dizendo: sim!

—Jeronymo!—murmurou a irman de Cecilia tremula e suffocada.

—Que feliz dia! —proseguiu o mancebo sem adivinhar na palidez da donzella o que a fazia padecer — Que tarde! Nunca os teus olhos

foram mais bellos, Thereza, vivos que nem o sol que rompia do arvoredo; verdes, puros, que eram a inveja d'aquellas folhas que não agitava um sopro! Por cima da cabeça, nos ramos pousou um rouxinol, despedindo-se em uma cantiga tão dobrada e maviosa, que nos calavamos ás vezes para o escutar. Vê tu! Quasi que só falava a alma!... Tão devagar, tão perto um do outro, que a avesinha sem se assustar cada vez cantava mais... Thereza, se aquella tarde me esquecer, dize que já não sou do mundo.

— Lembras-te bem... de mais!... cuidei que hoje... desde que somos noivos! — atalhou balbuciante, afflicta, com os olhos arrasados de agua.

—Sempre! o coração morria se não vivesse de sentir e recordar. Representa-se-me tudo como se fosse agora... Eu estava de joelhos; não sei como a bocca tocou a tua mão; voou um beijo; e sorrindo, e fugindo com os dedos, tiraste á pressa a tua memoria de ouro, e déste-m'a em penhor... Eil-a!... A lingua tinha medo de falar, mas a vista não se calava... Até que sentindo os passos de tua mãe, e levantando-nos de repente, não pude conter-me e exclamei: Thereza, isto não é amor?

—E eu por signal não respondi! — accudiu ella córando.

—E' verdade. Mas a bocca sorrindo, e os olhos cheios de graças disseram *sim*. Ainda somos só irmãos?—Perguntei de novo.

—Eu não fiquei calada? Não me lembra.

—Não; disseste...

—Alguma promessa... de criança? Loucuras, Jeronymo!

—Como é doce falar d'ellas! Ainda parece que te estou vendo com as faces como dois rubis, e os olhos tão meigos! Recordas-te quando me dizias: Cecilia é tua irman, mas eu sinto mais; não sei se é amor?

—Bem vês! Disse que não sabia!... Lembro-me!

—Tornei a ajoelhar e a beijar-te...

—A mão! –interrompeu ella côr de purpura, e com um gesto gracioso.

—Sim. D'essa vez não fugiu, mas tremia!... Cecilia chegou-se a nós, e viu-nos tão sobresaltados, tão vermelhos, que se riu, dando-me uma saudade... ainda a conservas?

—Está alli!—disse a donzella apontando para um cofre de madre-perola.

—Parti pouco depois. Foi a ultima viagem. Os perigos e as ondas não me assustavam; sabia que havia de voltar! As maguas da ausencia, as minha saudades, só tu as consolavas... Quando o coração se entristecia, adivinhava que o teu não estava alegre; se me dizia o teu nome, acreditava que á mesma hora pensavas em mim. Se fiz alguma acção, que chamaram grande, era para saberes por ella que vivia! Não a practiquei senão para ser mais uma gloria do nosso amor... Thereza, se te perdesse!... Se viesse a conhecer que me enganava... Melhor era não ter nascido!... Sobre as aguas do mar foste sempre a minha estrella. Nas solidões da America acompanhou-me a tua imagem. Nunca me achei só senão ao pé de outra mulher! Sem ti o mundo não valia metade do meus trabalhos. Ha tres annos que a minha vida é só a esperança. Dir-me-has hoje o mesmo que na

vespera de S. João á tarde?... Quando teu avô nos uniu as mãos o teu coração não me repelliu. Quando teu pae quiz abençoar mais um filho, a tua alma não teve receio. Sabes se te amo!... Não importa! Thereza, se a minha alegria, se a minha vida, porque não quero mentir, é a minha vida, te custasse uma lagrima... ainda estás a tempo; longe d'aqui ha um sitio aonde posso socegar!... Calas-te, choras?... Não te assustes, não me queixarei, não te direi senão uma vez ainda que te adoro! Recebe o teu annel, ficas livre! Só peço que não me digas tu mesma que hei de perder-te. Sou mais fraco do que julgas.

Ouvindo estas phrases ardentes e apaixonadas, Thereza poz as mãos e instinctivamente inclinada para elle recusou o annel com um gesto repassado de tristeza. Pallida e tremula, sentindo-se cortada de mil contrarias dores ao mesmo tempo, foi-se levantando lentamente da cadeira como se uma força sobrehumana a impellisse. Os olhos fitos deslumbravam, a bocca fremente e anciosa recolhia as palavras como outras tantas gottas de sangue precioso. Quando elle ergueu a vista e a procurou, para lêr a sua sorte, sentiu queimarem-lhe duas lagrimas sobre a mão, e achou a donzella ajoelhada aos seus pés. Ao mesmo tempo, aquella voz suave, que tanto receiava que o condemnasse, cortava-lhe o coração, exclamando:

—Jeronymo, não mereço tanto amor.

O mancebo arrojou-se-lhe tambem aos pés immediatamente. Ambos de joelhos, com as mãos unidas, ficaram n'aquelle silencio que diz tudo. Thereza enternecida com o excesso

d'aquelle amor; Jeronymo, adorando as doces lagrimas dos olhos compassivos, firmando-se na illusão, e entregando-se ao rapto de tão elevados momentos.

Entre os dois estava o adeus eterno, a separação, e nenhum a via!

—Mais serena depois, e tremendo, interiormente da sua fraqueza, Thereza tornou de novo a assentar-se. O mancebo seguiu sem entender a mudança repentina. Em vez de a alegrar, o sorriso da irmã de Cecilia era como as bellas sombras de alguns quadros. Respirava a suave melancolia que adormece os olhos, quando a fadiga os faz cerrar.

—Jeronymo—disse emfim com a voz por tal modo timida, que parecia um ecco do coração—tem muitas saudades d'esse tempo? Não lhe parece que vivemos demais... em sonhos? Seja rasoavel. Hoje não é hontem. Se nos tivessemos enganado?...

—Enganado!—exclamou elle levantando as mãos.

—Deixe-me dizer!... Supponha que me enganei eu! E se não houvesse amor, mas amizade... só amizade?.. Não era bastante, não era melhor?...

—E' tão diverso!—murmurou o mancebo pallido.

—Menos do que julga... uma irman é o sangue do nosso sangue...

—Mas uma esposa, Thereza, é o sangue da nossa alma!

—Nem sempre! O amor parece-se com as flores; passa tão depressa! Bem vê. Uma senhora que se estima não deve prometter, deve

dar a felicidade a seu marido... Um engano faz tremer; ás vezes não se sabe...

—Mas sente-se!...—atalhou elle com doçura—Um engano?—accrescentou sorrindo—Ha quem se não illuda nunca: o coração! Dize ao meu, que vendo-te, não palpite!

—E depois de esposo cuida que será o mesmo? Julga que d'aqui a dez annos ha de amar como hoje? Receio que não seja senão amizade a nossa ternura...

—Não, não! A amizade é menos!

—Jeronymo! Ainda não sabe.

—Sei, sinto!

—Desconfie! E se eu faltasse? O seu dever não era consolar-se? No primeiro anno tinha odio ao amor. No segundo indifferença. E depois? Cedia dizendo que não. Desejava ser fiel; resistia; sei! mas no fim, como a alma não morre, e a dor se gasta com a saudade, por fim amava outra.

—Thereza!

—Amava—é assim o coração do homem! Quer ir cegamente? Estou defendendo a sua felicidade e a minha, como irman, como amiga...

—E como amante!—disse elle com dor.

—Tambem! Mas ouça a razão. Ainda me não respondeu; se fosse sua irman não era o mesmo?

—Uma irman é muito; mas o amor é tudo—replicou o mancebo—Thereza, conhece que estremeço Cecilia, que desejo vel-a feliz... pois, se a perdesse, podia consolar-me e viver; estimo-a, mas não é o mesmo.

—Parece-lhe! Costumou-se a ver em Cecilia uma irman, e em mim uma noiva. Pois eu era capaz de acceitar a troca!

—Tu?...—exclamou Jeronymo cheio de terror e de paixão.

—Eu! Não se admire! tenho medo! Quer que lhe diga? Assusta-me vel-o tão arrebatado... Não amou, não conhece ainda...

Elle deixou passar um raio de luz pela tristeza que lhe humedecia a vista; uma ironia terna espaireceu-lhe a physionomia de repente. Levantando-se, pegou-lhe na mão com extremo, e trouxe-a comsigo. Estavam defronte do espelho, e o vidro reflectia a apaixonada expressão do mancebo, e o semblante mais sereno da donzella. Ajoelhando, e pousando a bocca na ponta dos rosados dedos que Thereza lhe extendia, Jeronymo respondeu com certo enleio:

—E se tivesse amado, perdoava-me?

Sem saber porquê, e obedecendo a uma das mil contradicções que tornam a vida um mysterio, a irman de Cecilia, ouvindo a pergunta, fez-se pallida, e a vista despediu uma chispa que se apagou em duas lagrimas. O que mais desejava momentos antes parecia-lhe agora crueldade. A existencia de outra paixão, e de uma rival, era a liberdade; entretanto o orgulho e o coração choravam, receando que pudesse havel-a. Um ciume injusto, raivoso, absurdo, principiou-lhe a arder no peito e a abrazal-o. O desdem armava os olhos de frieza cortante; a magua resentida fazia tremer a voz. Por mais que quizesse disfarçar-se, liam-se-lhe os zelos do semblante, no tom, no menor gesto.

—Ha de confessar-me tudo?—acudiu encobrindo a curiosidade em um sorriso—Promette não me occultar nada? Para sua irman

—accrescentou, dando expressão á palavra— não ha segredos... De mais, sou discreta! Foi ha muito tempo?...

—Desde a ultima viagem!—replicou Jeronymo com um valor, que a confundia.

—Ah! Quando me dizia a mim!... E amou-a?

—Tanto, que só agora sei que posso amar mais!...

—Hoje é que se engana, talvez! Era bonita? Não preciso perguntar—ajuntou anciosa e cada vez mais tremula—Os seus olhos dizem tudo.

—Linda como só conheço uma!...

—Acha?...

—Sempre achei.

—Sempre! Mesmo então? N'esse tempo dizia-me... Não quero lembrar-me. Somos irmãos! E os olhos d'essa menina são pretos como os de Cecilia, ou azues como os de Catharina?—proseguiu respirando com tanta violencia, que o justilho arfava e a voz prendia-se.

—Nem azues, nem pretos... mais raros!

—Mais raros!—observou ironica—Nem azues, nem pretos!... Então eram... são... pardos?

—Nem pardos...

—Temos algum anjo?

—Quasi. Depois diz tanto, sem falar, a sua bocca!—accudiu o mancebo olhando para ella, e sorrindo-se.

—E' mimosa e linda? um beijo parece que a fere?

—Talvez lhe custe a acreditar.

—Que prodigio! Acabe a pintura: Falta-lhe

dizer que não ha figura mais esbelta... depois de tantas perfeições!...

—Tanto que uma das Graças teria inveja,

—Ah! Bem se vê! Sabe o que diz o retrato? Confessa o seu amor... E ella?...

—Ella... podia fazer-me feliz com uma palavra; mas não quer.

—E' pena!...

—Se eu lhe mostrasse o retrato?...

—Para que! Se é galante e prendada; se é menina e meiga...

—Tem a sua edade. Nem um dia mais.

O mancebo olhava para ella com ternura tão extremosa, que Thereza palpitante, e interiormente devorada de ciumes, pareceu-lhe ver n'ella um ultrage. Faltava-lhe já o animo para dissimular. O coração não podia com o orgulho e com a magua. Suffocava de resentimento. Assentando-se e batendo o pé, a colera inflammava-lhe as faces; os olhos eram dois raios de luz. Todas as provas da paixão de Jeronymo lhe esqueceram para só lhe lembrar que o passado não fôra todo seu. O ciume dilacerava-a, porque a vida do mancebo lhe não pertencia inteiramente. O orgulho, a paixão dominante do seu caracter, levantava-se armado de zelos, e cortava-a. Um veu tomava-lhe a vista. As palavras ardiam nos seus labios.

—Jeronymo—disse com a voz vibrante, que é o indicio das tempestades da alma—se não quizesse ser sua irman, sabe que era cruel o que acaba de me dizer? E se o amasse?... Julga que uma esposa, depois d'esta confissão, não seria toda a vida infeliz? Porque não m'o disse antes? Enganar-me tanto tem-

po!... Não o negue! Enganou-me, quando prometteu...

—Thereza, eu amava... mas ella não!

—E a mim offerecia-me o coração que outra rejeitava!? Ah! Os homens, os homens! cheguei a crer!... Se o tivesse amado, Jeronymo, despresava-o!

—Esqueceram-lhe as nossas condições, Thereza? O peccador confessou-se, porque lhe prometteram perdão. Seja misericordiosa... Ha tanto tempo!

—Não importa. Escarneceu-me, zombou de mim! Se ella o quizesse, não estava aqui...

—Estava!

—Olhe, parece que lhe vou tomando odio! A qual das duas enganava? Se eu lhe entregasse a alma, não ia pôr aos pés d'ella mais um triumpho?! E não cora!... E confessam'o?

—Não me disse que eramos irmãos, e que os irmãos não teem segredos?

—Não! Riu-se da fraqueza do meu corrção, quiz-me abater. Agora é que se lembra de que somos irmãos, e ha pouco... E eu que tinha dó, que sentia... Jeronymo, não torne a apparecer-me. Ama outra. Se ella fôr tão vil...

—Não diga nada que a offenda! Mesmo sem ser amado era capaz de morrer por ella!...

—A qual mentia?—accudiu a irman de Cecilia, levantando-se e fulminando-o com a vista—Acabemos! Depois do que sei... está livre. Chamei-o para lhe pedir...

—Estou prompto a obedecer...

—Ainda não percebeu que deixei de o es-

timar?... Esse riso fere mais do que as palavras. Procure consolações para o seu amor, mas não me torne a offender...

—Ouça, Thereza. Veja ao menos o retrato... Se não me desculpar...

—O retrato! Que me importa? Quer que veja que é mais bella? Sei. Fique satisfeito. Uma pergunta. Conheço-a?

—Conhece!

—Oh, então tambem eu quero conhecel-a. O retrato! O retrato!

O mancebo, pegando-lhe quasi por força na mão, levou-a deante do espelho, e mostrando-lhe o rosto no vidro, exclamou rindo:

—Eil-o. Dirá ainda que a enganei?

Ella soltou um grito, escondeu o rosto entre as mãos, e depois desmaiou quasi sobre o braço que a amparava. Ao mesmo tempo Jeronymo accrescentava:

—Não é verdade? Não sou eu só quem amo?

Os dedos de Thereza já não escondiam as faces. O seio palpitava; e uma das mãos tremula e esquecida apertava a do mancebo. Mordendo sem ira os beiços e avivando-lhe o carmim, deixou fugir dos olhos quasi uma promessa. Era tão feliz n'este momento! O seu orgulho triumphava tanto, quando mais humilhado se julgára!

A verdade que lêra na vista de Jeronymo tirava-lhe toda a duvida. Era amada, nunca tinha deixado de o ser. Só o ciume a pudera illudir a ponto de suppor possivel outra coisa.

—Não! — accudiu sorrindo. — O seu retrato é de um anjo, e eu não sou senão mulher. Veja! Os olhos pretos de Cecilia teem mais graça. E entretanto disse-me que os do retrato

eram raros! Como quer que o acredite?

—Quando falam ha mais amor nos seus.

—Lisonjas! A belleza está nas tintas do pintor.

—Olhe, e negue!—disse elle com um sorriso, mostrando-os no espelho.

—A bocca de Catharina é tão galante, e na de Cecilia ha um enlevo!

—Um sorriso, Thereza, e verá que não tem rival.

—Não, Jeronymo!... Estar-me a adorar e eu a ouvil-o! E' uma perfidia!...

—Se me tivesse amor não acreditava!

—Da sua bocca?...

—Era impossivel até na minha bocca!

—Quer que seja sincera? Até aqui fomos duas crianças. Bem viu. Cuidando que o affecto que sentia era amor, illudia-o sem querer... Conheci o erro... perguntei ao coração...

—E elle?

—Não me respondeu!

—Thereza!

—Escute! Desci ao fundo da minha alma...

—E a sua alma?...

—Ficou fria!

—Ah!...

—Ouça. Não lhe tinha amor. Era ternura, affeição de irman, tudo, menos amor. Hei de dizer-lhe a verdade. Ás vezes a imagem de outro... luctou com a sua. Quiz sacrificar-me, e não tive animo. Precisava enganal-o para o fazer feliz, dizer o que não era, fingir o que não pensava, o que não sentia...

—Que desengano!...

—Ainda não. Ha meia hora... quando cuidei que outra era mais amada, o meu coração

falou. O ciume, a magua, não sei que dor cruel fizeram-o arder... Deante de uma separação inevitavel achei-lhe saudades que nunca teve... Não, decido, não prometto! Sei só que se o visse esposo de outra...

— Acabe!

— Tenho medo ainda de o enganar.

— Porque não morri antes de vir aqui! — exclamou o mancebo dolorosamente, deixando pender a cabeça, como se a alma fugisse em um gemido.

— Porque não se morre quando ha esperança! — respondeu ella, tornando-lhe a abrir o ceu no sorriso cheio de promessas. Depois pegando-lhe na mão com um gesto adoravel, accrescentou: — Jeronymo, não lhe disse ainda agora: sejamos irmãos, sem me atrever a declarar mais nada? Não adivinha que sinto e que espero uma vez que lhe confesso tudo? Não vê que sei o que é a dor o ciume, e que apesar d'isso não lhe occulto nada?... Ha coisas que uma irman não diz a seu irmão.

— Então?... — interrompeu o mancebo reanimando-se, e pendendo ancioso da sua bocca.

— Póde guardar-me o seu amor e a sua fé por mais seis mezes? Terá confiança em mim para não me perguntar nada até ao dia em que elles findem? E' capaz de se ausentar, e de jurar que não irá arriscar a vida por uma... loucura?

— Uma pergunta, Theresa, ama, ou amou alguem?

— Não sei.

— Receia amar?

— Desejo!

— E diz-me que espere?!

— Sim!

— E manda-me viver?

— Sim. Não percebe que se eu amar, somos felizes? Peço-lhe este sacrificio, Jeronymo!... Não o faz? Seis mezes! No fim d'elles...

— Sou livre, posso dispor de mim? Sem essa condição recuso.

— Promette?

— Juro. E até lá?

— Esperemos! — concluiu ella sorrindo.

— Agora eu — disse o mancebo com um véu sombrio na vista. Dentro de tres dias volto para o exercito... Não se assuste, hei de viver... São seis mezes, seis seculos que me condemna a penar sem um dia de alegria. Entrego nas suas mãos a minha vida... No fim d'elles, a esta hora hei-de saber?...

—Mais cedo, acredite.

—Deixa-me partir sem uma esperança ao menos?

—Não é melhor a certeza?

—Thereza, pela ultima vez! Amo-a, adoro-a! Era muita felicidade unir Deus um anjo ás fadigas e aos perigos de um soldado... Tinha sonhado; não estranhe que me custe a acordar... Irei para o meu desterro, e d'aqui a seis mezes uma carta me dirá se posso voltar... ou se devo morrer.

—Jeronymo, não queria enganal-o!

—Não me queixo... adeus!

—Não lhe esquece nada? —perguntou ella com um sorriso em que havia lagrimas.

—Nada. Deixo aqui a alma, e peço que o meu desterro seja curto.

—Não quer uma lembrança de... sua irman?

—O coração só precisa de amor!... E mi-

nha irman disse que não m'o podia dar ainda!

—Mas póde prometter...

—Não. Os seus olhos estão calados.

—Tem razão... E' melhor assim!... Adeus, Jeronymo!

Depois, no momento em que elle se retirava, por um impulso espontaneo e invencivel, tomou-lhe o passo, escarlate de pejo, pousando-lhe os labios ao de leve na testa, cingiu-o com ternura nos braços, e fugiu para o seu quarto.

O mancebo extatico quiz voltar-se, mas viu-a já dentro da porta, enviando-lhe um osculo e um sorriso na ponta dos dedos. Ao mesmo tempo que a doce voz exclamava:

—Jeronymo, diz-m'o o coração que ha de voltar cedo.

O mancebo soltou um suspiro, e sahiu sem ter animo de tornar a olhar para ella.

FIM DO TERCEIRO VOLUME

INDICE